



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Auxiliadora dos Santos Pinto

A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de
formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias
dos sujeitos amazônicos na produção literária
de PortoVelho e Guajará-Mirim/RO

São José do Rio Preto – SP
2016

Auxiliadora dos Santos Pinto

A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de
formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias
dos sujeitos amazônicos na produção literária
de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO

Tese apresentada como parte do requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras, área de Literaturas de Língua Portuguesa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Wimmer.

São José do Rio Preto – SP
2016

Pinto, Auxiliadora dos Santos.

A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do estado de Rondônia : vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO / Auxiliadora dos Santos Pinto. – São José do Rio Preto, 2016

174 f. : il.

Orientador: Norma Wimmer

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Literatura e história - Rondônia. 3. Memória na literatura. 4. Cultura na literatura. 5. Identidade social. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – B869.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Auxiliadora dos Santos Pinto

A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO

Tese apresentada como parte do requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras, área de Teoria da Literatura, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Norma Wimmer.
UNESP – São José do Rio Preto – SP.
Orientadora.

Profa.: Dra. Giséle Manganelli Fernandes.
UNESP- São José do Rio Preto – SP.

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos.
UNESP- São José do Rio Preto – SP.

Profa.: Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira.
UFU- Uberlândia – MG.

Prof. Dr. Júlio César Barreto da Rocha.
UNIR- Porto-Velho/RO.

São José do Rio Preto – SP
30 de julho de 2016

Aos meus pais José (*in memoriam*) e Gecilda, bravos migrantes nordestinos, pelos preciosos ensinamentos e exemplos de vida.

Ao meu esposo Edson, pelo incentivo e apoio.

Aos meus filhos Edsulze e Edsandro, pelo amor incondicional.

Ao meu neto Eduardo José e às minhas netas Larissa, Eduarda Sofia e Sara Emanuele, por me ensinarem a beleza da infância.

Aos meus irmãos e irmãs, pelas alegrias e tristezas compartilhadas com união.

Aos escritores ficcionistas e aos historiadores do estado de Rondônia.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Norma Wimmer, pelo carinho, compreensão, generosidade intelectual e pela preciosa amizade.

À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo financiamento do programa de doutorado Interinstitucional.

Ao professor Osvaldo Copertino Duarte, Coordenador do DINTER – UNESP/UNIR, pela dedicação e apoio incondicional.

À professora Giséle Manganeli Fernandes, pela dedicação e esforço para realização do convênio entre a Fundação Universidade Federal de Rondônia e o Programa de Pós-Graduação em Letras- Ibilce/UNESP- São José do Rio Preto.

Às professoras Dra. Norma Wimmer, Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro e ao Professor Dr. Nelson Luís Ramos, pelas críticas e contribuições para conclusão deste trabalho.

Aos professores Dr. Dorosnil Alves Moreira, Dra. Carmen Tereza Velanga, Dr. Celso Ferrarezi Junior, Dra. Iara Maria Telles, Dra. Maria Cristina Victorino de França, Dr. Laércio Nora Bacelar, Dr. Júlio César Barreto Rocha, Dra. Patrícia Helena dos Santos Carneiro, Me. Zuila Guimarães Cova dos Santos e Me. Jacinto Pedro Pinto Leão, pela amizade e pelos diálogos sempre enriquecedores.

Aos escritores de Rondônia Paulo Cordeiro Saldanha, Antônio Cândido da Silva e Cesar Romero Cavalcanti de Albuquerque, pelas contribuições durante a elaboração desta Tese.

Às amigas e amigos Geane Valeska da Cunha Klein, Gilda Marchetto, Liliane Pereira Soares do Nascimento, Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina, Flávio Adriano Nantes Nunes, Claudemir da Silva Paula, João Elói de Melo, Márcia Dias dos Santos, Avany Garcia, Darlene Mendes Ribeiro, Ena e Eraldo Martins, Bethânia Moreira da Silva e Eva da Silva Alves, pelas experiências compartilhadas e pelo apoio.

Aos docentes do DINTER – UNESP/UNIR pelos conhecimentos compartilhados e aos professores do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem - DACL - da Fundação Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Guajará-Mirim, pelo apoio.

Aos servidores da Seção Técnica de Pós-graduação do IBILCE: Rosemar Rosa de Carvalho Brena, Silvia Emiko Kazama, Alex Antônio dos Santos, Mauro Kasuo Miasaki, Felipe da Cunha Ferreira e Victor Novaes Rufino, pela atenção e carinho a mim dispensados durante todas as etapas deste curso.

Aos amigos e amigas de São José do Rio Preto, em especial à Profa. Maria de Fátima Vieira, Elizabeth Manzato e Gláucia Mello, pela acolhida calorosa.

“A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou éticos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.”

(Bhabha, 2013, p. 21).

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados de uma investigação sobre a inter-relação entre a construção da literatura e da história no processo de ocupação e fundação do estado de Rondônia, levando em consideração os ciclos migratórios, suas características e sua relação com as peculiaridades da produção literária dos autores rondonienses. Para tanto, contemplou um momento de pesquisa bibliográfica tendo como referência os Estudos Culturais: Bhabha (2013), Canclini (2011), Achugar (2006) e outros, que embasou conceitualmente as análises das obras literárias produzidas no estado de Rondônia, e um momento de pesquisa de campo, na qual foram entrevistados historiadores e autores das obras em análise. Da junção dos dois momentos da pesquisa, confirmou-se a hipótese inicial de que a construção literária de Rondônia ocorreu, principalmente, em função de aspectos sócio-históricos ligados aos ciclos migratórios e outras tensões sociais conhecidas, refletindo, de forma bastante nítida, o processo histórico de construção do Estado tal como hoje se apresenta. Também verificou-se, a partir do estudo e análise de obras dos autores Paulo Cordeiro Saldanha e Antônio Cândido da Silva, os substratos culturais atuantes na constituição da literatura rondoniense, bem como as implicações desses fatores na constituição da História, da Literatura, da Cultura, da Memória e das Identidades produzidas em Rondônia.

Palavras-chave: História, Literatura, Memória, Cultura, Identidades.

RESUMEN

Ese trabajo presenta los resultados de una investigación acerca de la interrelación entre la construcción de la literatura y de la historia en proceso de ocupación y fundación del Estado de Rondônia, teniendo en cuenta los ciclos migratorios, sus rasgos y la relación con las peculiaridades de la producción literaria de los autores rondonienses. Para tal, hemos echado manos de una investigación bibliográfica con las preposiciones de los Estudios Culturales: Bhabha (2013), Canclini (2011), Achugar (2003) y otros que basaron los conceptos de los análisis de las obras literarias producidas en el Estado de Rondônia, además de una investigación de campo en la cual fueron entrevistados historiadores y autores de las obras estudiadas. De la junción de los dos momentos de la investigación se ha confirmado la hipótesis del principio de que la construcción literaria de Rondônia se ha dado principalmente en función de los engendramientos socio-históricos relacionados a los ciclos migratorios y a otras tensiones sociales conocidas, reflejando de manera clara el proceso histórico de la construcción del Estado, tal como hoy se nos presenta. Además, se ha entendido, a partir del estudio y análisis de las obras de los autores Paulo Cordeiro Saldanha y Antônio Cândido da Silva, los sustratos culturales presentes en la construcción de la literatura rondoniense, así como las implicaciones de esos eventos en la constitución de la História, de la Literatura, de la Cultura, de la Memoria y de las Identidades producidas en Rondônia.

Palabras claves: *Historia, Literatura, Memoria, Cultura, Identida*

RÉSUMÉE

Ce travail présente les résultats d'une recherche sur la inter-relation entre la construction de la littérature et de l'histoire pendant l'occupation et la fondation de l'état de Rondônia. Il prends en considération les cycles de migrations, ses caractéristiques et ses relations avec les particularités de la production littéraire des auteurs de Rondônia. Pour ce but, le travail a commencé par un moment de recherche bibliographique, ayant come référence les "Estudos Culturais": Bhabha (2013), Canclini (2011), Achugar (2006) et d'autres, qui ont embasés les concepts des analyses des oeuvres littéraires produites à l'état de Rondônia et a continué par un moment de recherche de terrain, moment qui ont été interviewés des chercheurs de l'histoire et des auteurs des oeuvres objets de cette étude. De la jonction des deux moments de recherche, il a été confirmée l'hypothèse initiale, c'est-à-dire, que la construction littéraire de Rondônia a été due, surtout, en fonction de aspects socio-historiques liés à des cycles migratoires et d'autres tensions sociales connues, ce qui a été influencé, d'une manière très claire et forte, le procès historique de la construction de l'État, tel comme il se présente de nos jours. Il a été vérifié aussi, a partir de l'étude et de l'analyse des oeuvres des auteurs Paulo Cordeiro Saldanha et Antônio Cândido da Silva, les substrats culturels qui influencent la formation de la littérature de Rondônia, bien comme les implications de ces facteurs dans la constitution de l'Histoire, de la Littérature, de la Culture, de la Mémoire et des identités produites en Rondônia.

Mots-clés: *Histoire, Littérature, Mémoire, Culture, Identités.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Forte Príncipe da Beira.....	19
Figura 2 – Diretores da E.F.M.M em carro aberto	26
Figura 3 – Prédio da Administração da Guaporé Rubber Company	27
Figura 4 – Cartazes com propagandas para atrair os Soldados da Borracha	32
Figura 5 – Pátio externo da Estação da E.F.M.M, na década de 1940	33
Figura 6 – Transporte de produtos e colonos do IATA na década de 1960	37
Figura 7 – Capa da obra literária: Esperança 50 anos depois.....	79
Figura 8 – Capa da obra Diaruí	101
Figura 9 – Posto de atendimento aos trabalhadores da E.F.M.M	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	16
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA E A LITERATURA	16
1.1 As primeiras tentativas	17
1.2 As manifestações literárias em Rondônia	43
CAPÍTULO II	48
HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA LITERATURA DE RONDÔNIA	48
2.1 História e Literatura: os fios narrativos entremeados pela memória	48
2.2 Espaços fronteiras e identidades em Rondônia	56
2.3 História, memória e identidade nas obras produzidas em Rondônia	65
CAPÍTULO III	74
HISTÓRIA, MEMÓRIA E FICÇÃO NA OBRA DE PAULO SALDANHA	74
3.1 Esperança: 50 anos depois	78
CAPÍTULO IV	99
HISTÓRIA, MEMÓRIA E MISTICISMO NA OBRA DE ANTÔNIO CÂNDIDO	99
4.1 Diaruí: a construção da E.F.M.M, a implantação dos seringais e o extermínio dos karipunas	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE I	135
APÊNDICE II	141
ANEXO I	169
ANEXO II	170
ANEXO III	171
ANEXO IV	172
ANEXO V	173
ANEXO VI	174

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do estado de Rondônia, destacando características das produções literárias, vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos presentes nas obras literárias rondonienses: “Esperança: 50 anos depois...”, de autoria do escritor Paulo Cordeiro Saldanha e “Diaruí”, de autoria do escritor Antônio Cândido da Silva. A abordagem teórica foi orientada pelos estudos sobre Literatura, História e pelos Estudos Culturais, mediada pelo processo histórico e social de ocupação e fundação do estado de Rondônia.

Na análise das obras, foram destacados os fatos históricos relacionados ao processo de criação do estado de Rondônia, época em que migraram para a região pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo, possibilitando a identificação das vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos. Nesse sentido, nessa pesquisa, os elementos estéticos serão considerados como pontos fundamentais no processo da criação literária. Porém, os aspectos sócio-históricos e culturais evidenciados nas produções literárias também serão investigados.

O recorte histórico da literatura de Rondônia a ser apresentado nesse trabalho dar-se-á a partir da data da criação do Território Federal do Guaporé, que compreende os primeiros anos da década de 1940. Vale ressaltar que a literatura rondoniense ainda é pouco conhecida no contexto nacional, porém, ela começou a ser constituída no período em que Rondônia ainda era Território Federal, sendo representada, principalmente, por historiadores, poetas e cronistas.

Inicialmente, as obras produzidas e publicadas na região tinham como principal característica a literatura de informação¹ e as temáticas eram, geralmente, voltadas para a caracterização do novo Território Federal que surgia na nação brasileira. Dentre as principais obras, podemos citar “Os desbravadores”, publicada em 1991, de autoria do historiador Vitor Hugo² e os trabalhos do Coronel Aluísio Pinheiro Ferreira, geralmente publicados nos jornais da época. Na poesia,

¹Texto elaborado a partir da leitura da obra: MENDES, Matias Alves & SILVA, Eunice Bueno da. **Síntese da literatura de Rondônia**. Porto Velho: Gênese-Top, 1984.

²Ele também é autor da obra: HUGO, Victor. **Cinquenta anos do Território Federal do Guaporé**. 4ª ed.- Porto Velho: abg Gráfica, 1995.

destacaram-se Vespasiano Ramos³, com a obra “Cousa alguma”, publicada em 1984, e o poeta e cronista Alkindar Brasil de Arouca, um dos fundadores da imprensa em Guajará-Mirim, famoso pelo preciosismo dos versos de seus sonetos e conhecido como “o Poeta das cigarras.” De acordo com Mendes & Silva, na obra “Síntese da literatura de Rondônia, (1984, p.18):

[...] A literatura de Rondônia, que tem como precursores os historiadores e os poetas, apresenta como característica principal uma considerável produção de obras de História, uma farta produção de Poesia, uma razoável produção de Crônicas, dispersas em jornais, e a ausência quase total das obras de ficção, como por exemplo, romances e contos [...].

Até o final da década de 1970, a literatura rondoniense, ainda em formação, possuía características distintas; dentre elas podemos destacar o pequeno número de autores contistas e romancistas e a pequena participação das mulheres. Na medida em que o Território foi se desenvolvendo, a produção literária também foi se diversificando. Nessa época, foram publicadas poesias, obras em prosa de ficção, relatos e ensaios. Porém, a reconstituição e registro da história de Rondônia ainda continuaram sendo as principais temáticas discutidas nas obras literárias.

Na década de 1980, época da criação do estado de Rondônia, a produção literária do estado, principalmente a poesia, já era profícua e, a partir dessa década, a literatura de Rondônia viveu um período de efervescência; foram publicadas diversas obras, tanto na prosa como na poesia, com temas relacionados à história, à paisagem natural e humana da Amazônia rondoniense, expressando, também, a necessidade dos autores mais canônicos de evidenciar e valorizar a história e identidade regional.

Vale ressaltar que desde o início do processo de colonização do estado de Rondônia, sempre houve muitos conflitos e tensões entre os designados “pioneiros” e os migrantes posteriores. Essas tensões foram evidentes e manifestadas de diferentes formas. Nesse contexto, a investigação e registro da inter-relação entre o processo de construção da literatura rondoniense e a história regional são importantes porque, além de mostrar os caminhos percorridos pela produção literária, mostram a importância dos ciclos migratórios para o desenvolvimento e caracterização da Literatura e da cultura rondonienses.

³Considerado o precursor da literatura de Rondônia.

Para compreender melhor a formação da Literatura de Rondônia, é importante refletir sobre as manifestações literárias que antecederam a criação do Território Federal do Guaporé, em 1943. Porém, conforme pesquisa ora realizada, há poucos estudos sobre a produção literária na referida época. Nesse sentido, podemos citar duas obras que tratam do tema⁴: A primeira, publicada em 1984 pela Editora Gênese-Top, intitula-se “*Síntese da literatura de Rondônia*”, de autoria dos poetas Matias Mendes e Eunice Bueno. A segunda, publicada em 1987, em um Caderno Cultural, é resultado de uma Conferência proferida pelo professor e poeta rondoniense Edson Jorge Badra. Além dos estudos mencionados, também destacamos as seguintes publicações: 1. O ensaio “Olhar histórico-poético sobre Porto”, de autoria de Carlos Moreira e Rubens Vaz Cavalcante; 2. O artigo, publicado na obra “*Olhares sobre a Amazônia*”, organizada por Miguel Nenevé, Martin Cooper e Marilene Proença e publicada em 2001, pela editora Terceira Margem. No artigo, os autores discutem a relação entre produção poética e história de Porto Velho/RO; 3. O artigo “Respondendo a uma consulta sobre Literatura de Rondônia”, de autoria de Abnael Machado de Lima, publicado em 01/05/2011, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br>.

Destacamos também a existência do Projeto de pesquisa “Mapa cultural de Rondônia”, coordenado pelo Prof. Dr. Osvaldo Copertino Duarte, cujo objetivo⁵ é “[...] reunir informações que contribuam para o conhecimento e desenvolvimento da cultura e das artes em Rondônia”.

O estudo da cultura do povo amazônico rondoniense, particularmente, está fundamentado nos Estudos Culturais. Partindo desse pressuposto, a produção literária rondoniense foi analisada à luz da Teoria da Narrativa e dos Estudos Culturais⁶, levando em consideração que, no processo de construção de sentidos do discurso linguístico-poético, ouvem-se vozes constituídas e construídas a partir das marcas identitárias dos sujeitos amazônicos.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, podemos afirmar que a discussão que perpassa a análise das obras vai além da identificação dos traços identitários dos sujeitos da Amazônia rondoniense, pois nesse processo, a reconstituição da

⁴Destacamos que esses estudos enfocam, principalmente, a literatura produzida nos municípios de Porto-Velho e Guajará-Mirim.

⁵Retirado do site. www.mapacultural.ro.com.br. Acessado em 03/03/2014.

⁶ “[...] Definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida. Esse o vasto campo de estudo e intervenção aberto aos estudos culturais no momento de sua formação.” (CEVASCO, 2008, p. 23).

história e da memória coletiva constitui-se em elementos essenciais para sua compreensão. As experiências pessoais dos autores nos eixos Madeira, Mamoré, Guaporé e, posteriormente, em diversos contextos amazônicos também favoreceram a compreensão de que a obra literária é resultado das relações estabelecidas entre o escritor e a sociedade e está, geralmente, vinculada ao contexto em que se origina, expressando as vivências do escritor, pois ao construir o texto literário, geralmente, o autor recria a realidade. Portanto, a Literatura é arte, mas não está dissociada do mundo e de seus eventos⁷.

Os pressupostos dos Estudos Culturais constituem um aporte importante para a análise das obras porque, diante da complexidade da formação cultural e identitária na Amazônia rondoniense, faz-se necessário reconhecer o processo de hibridização existente na região, visto que todo o processo de formação do estado foi permeado por intercâmbios culturais resultantes dos contatos entre povos de culturas díspares.

Também é importante mencionar que inúmeras localidades de Rondônia, principalmente as áreas formadas por seringais, foram povoadas por migrantes nordestinos e, ao longo dos anos, foram despovoados das populações autóctones, principalmente dos povos indígenas, dizimados nos embates pela posse da terra com os seringueiros, madeireiros, garimpeiros e outros exploradores, bem como em decorrência de doenças e grandes epidemias ocorridas por ocasião desses contatos. Porém, apesar do extermínio de inúmeros povos, é possível identificar traços da cultura indígena na literatura rondoniense e ou mesmo a menção da existência desses povos que contribuíram para a formação identitária da população rondoniense.

Nesse sentido, enfatizamos que, apesar dos inúmeros povos indígenas existentes em Rondônia, há poucas produções sobre a temática indígena, tendo destaque a obra "*Juru, jurupá, jurupari*", de autoria do escritor Júlio Carvalho, publicada em 2001, pela EDUFRO. Nessa obra, o autor faz uma reconstituição dos mitos indígenas e populares da Amazônia rondoniense e a obra Diaruí, de autoria do escritor Antônio Cândido da Silva, cujo enredo denuncia o extermínio do povo indígena Karipuna. Também destacamos a obra "Mitopoesia na Amazônia: mitos e

⁷Conforme propõe Ferrarezi Jr. No artigo "**Considerações sobre a Arte no Brasil**", publicado na obra: FERRAREZI Jr. Celso, **Livres pensares: Linguagem, educação, sociedade**. Porto-Velho, Edufro, 2003.

lendas, encantados e encantamentos”, de autoria do escritor César Romero C. Albuquerque, ainda no prelo. Na referida obra, o autor reconstituiu inúmeros aspectos da cultura indígena, destacando os principais mitos das civilizações autóctones da Amazônia.

Para sistematização dos resultados desta pesquisa, a tese está organizada em quatro capítulos, assim constituída:

No capítulo I, intitulado “O processo de formação do estado de Rondônia e a produção literária rondoniense”, apresentamos uma breve retrospectiva histórica sobre o processo de formação do estado de Rondônia e discutimos sobre a inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado, correlacionando a produção literária com a estrutura social e destacando as influências dos ciclos migratórios no processo de constituição da literatura rondoniense.

No capítulo II, denominado “História, ficção, memória e identidades: diálogos possíveis”, abordamos questões sobre a História, a Ficção, a Memória e as Identidades, destacando que as produções literárias rondonienses, frequentemente, estão vinculadas aos momentos históricos e à memória social, contribuindo, assim, para a constituição das identidades.

No capítulo III, discutimos sobre a Literatura de Rondônia, a partir da apresentação e da análise da obra “Esperança: 50 anos depois...” do autor rondoniense Paulo Cordeiro Saldanha.

No capítulo IV, daremos continuidade à discussão sobre a Literatura de Rondônia, a partir da apresentação e da análise da obra “Diaruí, do autor rondoniense Antônio Cândido da Silva. Na sequência, apresentamos as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas que fundamentaram o conteúdo desta tese, os anexos e apêndices.

Portanto, a partir das discussões teóricas e dos aspectos identificados nas análises dos romances históricos apresentados neste trabalho, podemos afirmar que a literatura de Rondônia apresenta um entrecruzamento entre a história, a ficção e a memória, de certa forma, tematizando o hibridismo cultural na constituição das identidades dos sujeitos amazônicos a partir da descrição dos tipos humanos, da exuberância da natureza, da caracterização dos cenários e da reconstituição dos fatos históricos.

CAPÍTULO I

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA E A LITERATURA

O processo de colonização do estado de Rondônia foi marcado por conflitos pela exploração das riquezas, posse de terras e detenção do poder. Nesse contexto, as correntes migratórias sempre foram intensas, pois, motivados pelas notícias sobre os recursos naturais da região, homens de diversas partes do Brasil e do mundo se aventuraram nas matas e rios amazônicos, em busca de minerais e de outras fontes de riquezas.

Para compreender o processo de formação econômica e cultural do estado de Rondônia é necessário entender sua história, pois antes de se constituir como Estado, essa região integrava os estados do Amazonas e do Mato Grosso e já era habitada por inúmeros povos indígenas, inicialmente, e por remanescentes de quilombos, depois. Neste trabalho, daremos ênfase às comissões científicas nomeadas pelos Governos Imperial e Republicano, às demarcações das fronteiras da região Centro Oeste do Brasil; mostraremos que o processo de ocupação humana da área geográfica que constitui o estado de Rondônia sempre foi ligado aos ciclos econômicos e às questões políticas. Trataremos, brevemente, dos ciclos do ouro e vegetal⁸ no Vale do Guaporé; da construção do Real Forte Príncipe da Beira; dos ciclos da borracha; da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - EFMM; da implantação das linhas telegráficas e das pesquisas feitas pela Comissão Rondon, dentre outros. Também daremos ênfase aos ciclos econômicos que aconteceram após a construção da BR 364, qual proporcionou novas configurações ao mapa da Amazônia rondoniense devido à ampliação da ocupação humana e ao surgimento de novas cidades: ao ciclo do ouro no Vale do Madeira e da cassiterita no Vale do Jamari; ao ciclo da agricultura e à posterior criação do estado de Rondônia.

⁸Principalmente a extração da borracha, da castanha e da ipeca.

1.1 As primeiras tentativas

Conforme Teixeira & Fonseca (2002), no século XVII, “Grande Bandeira” chefiada por Antônio Tavares partiu de São Paulo em direção ao Oeste. Ele percorreu os vales dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé em busca de riquezas minerais. De acordo com Albuquerque (2014)⁹, “[...] a bandeira de Raposo Tavares foi a primeira expedição lusitana a percorrer o Madeira. Dela, resultou um completo relatório a El-Rei D. João IV o qual ansiava por ter mais conhecimentos sobre aquela região desconhecida.” No mesmo século, foram organizadas missões religiosas com o objetivo de catequizar e pacificar os índios que habitavam a região, tendo destaque a Fundação da Missão de Tupinambarana, organizada pelos padres Jesuítas. De acordo com Abnael Machado de Lima¹⁰:

Os padres e os militares que seguiam no rastro dos aventureiros, os primeiros assentavam os aldeamentos, neles agregando os indígenas e os catequisando, com o objetivo de conquistar almas para Deus e terras para o El rei de Portugal (LIMA, 2010, p. 2).

Porém, de acordo com outros historiadores de Rondônia¹¹, as missões da Companhia de Jesus que se estabeleceram ao longo do baixo Madeira tinham objetivos expressamente políticos e, apesar de terem construído praças fortificadas nos lugares considerados estratégicos para garantir a posse do espaço conquistado, permaneceram na região por longo tempo, mas não obtiveram êxito. Sobre a presença de missões e missionários no rio Madeira, Albuquerque (2014)¹², também afirma que:

Não há como se divergir de que o rio Madeira foi aberto ao conhecimento da Corte pelas missões jesuíticas, as quais tiveram suas implantações a partir da segunda metade do século XVII. Não só por elas, obviamente, mesmo porque aventureiros e preadores de índios já exploravam aquele rio. Antes disso, no entanto, é de se frisar que os governantes espanhóis que reinaram no período anterior à Restauração permitiam que súditos portugueses percorressem a Amazônia – alguns receberam títulos de propriedades – e instalassem missões religiosas.

⁹Em entrevista e conversas informais.

¹⁰No artigo de opinião: LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série I. O meio geográfico. Acessado em: 15/03/2013.

¹¹Dentre eles destacamos: MATIAS (1997), MENEZES (2001), PERDIGÃO & BASSEGIO (1992), OLIVEIRA (2000), LEAL (1986), TEIXEIRA & FONSECA (2002), LIMA (2013) e outros.

¹²Em entrevista.

A conquista e o povoamento dos Vales dos rios Madeira, Guaporé e Mamoré remontam ao começo do século XVIII, a partir da descoberta de grandes jazidas de ouro no rio Coxipó-Mirim, afluente do rio Cuiabá. Naquele período, o Bandeirante Antônio Pires de Campos percorreu o Planalto dos Parecis: a Bandeira Fluvial do Sargento-Mor Francisco de Melo Palheta tenta redescobrir as vertentes do rio Madeira; bandeirantes sorocabanos chegam à margem direita do Rio Guaporé e aos sertões dos Parecis: os vales do Guaporé e do Madeira recebem os primeiros povoadores. Porém, em conformidade com Matias (1997), somente no final da primeira metade do século XVIII, a Coroa Portuguesa passou a investir na região, enviando expedições exploradoras e de limites, pois a ameaça de penetração dos espanhóis na região do Vale do Guaporé, onde havia abundância de ouro e de outras riquezas, despertou o interesse da Coroa Portuguesa pela posse da região. Tal fato também motivou a cobiça de muitos aventureiros e, para evitar a evasão do ouro, a Coroa Portuguesa lançou, em outubro de 1737, uma Ordem Régia, proibindo o tráfego fluvial entre Mato Grosso e o Grão Pará, pelos rios do eixo Guaporé-Madeira-Amazonas.

Nesse mesmo século, registra-se ainda a devassa contra os índios Mura do rio Madeira¹³; a viagem de Manoel Félix de Lima entre o Mato Grosso e o Grão Pará, contrariando as ordens régias; a Expedição de José Barbosa de Sá ao Alto Mamoré, com o objetivo de verificar o funcionamento das Missões Espanholas; a Bandeira Fluvial do Sargento-Mor Luís Fagundes Machado, entre Grão Pará e Mato-Grosso; a liberação do tráfego fluvial entre Vila Bela do Mato Grosso e o Grão Pará, pelos rios Guaporé, Madeira e Amazonas; a fundação dos povoados Nossa Senhora da Boa Viagem, no salto do Madeira, hoje cachoeira do Teotônio e Lamego, na foz do rio Guaporé.

A descoberta das minas de Urucumacuan, em 1754, e a necessidade de preservar e monitorar as fronteiras motivou a Coroa Portuguesa a construir o Real

¹³Conforme Teixeira & Fonseca (2002), os muras eram antigos habitantes indígenas da região dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé. No final do século XVIII, eles lutaram bravamente contra a colonização portuguesa. Porém, foram praticamente dizimados pelas diversas epidemias e pelos embates com povos de outras nações indígenas, que geralmente eram incentivados pelos colonizadores.

Forte Príncipe da Beira¹⁴, às margens do rio Guaporé, utilizando, principalmente, mão de obra escrava¹⁵.

Figura 1 – Forte Príncipe da Beira



Fonte- Site da Academia de Letras de Rondônia - ACLER

Conforme Matias: “Esse empreendimento foi uma consequência direta do Ciclo do Ouro e marcou o primeiro processo de colonização do espaço físico que hoje constitui o estado de Rondônia” (MATIAS, 1997, p. 25). O principal objetivo do forte era assegurar à Coroa Portuguesa a posse das terras conquistadas. Nesse sentido, Perdigoão & Bassegio (1992, p. 151) afirmam que:

A construção do Real forte Príncipe da Beira veio atender aos interesses territoriais portugueses a fim de que suas terras fossem defendidas e asseguradas e, também, simbolizava o autoritarismo, a violência, a dominação, a soberania do dominante sobre o dominado.

A construção do Real Forte Príncipe da Beira também marcou o início do primeiro processo de ocupação militar e o povoamento efetivo das terras rondonienses; garantiu, ainda, a posse e integridade das fronteiras, pois, nas proximidades do forte, instalaram-se centenas de pequenos agricultores que se dedicaram à agricultura de subsistência e também cultivaram o fumo e o café.

¹⁴Atualmente, as terras onde o Real Forte Príncipe da Beira está localizado pertencem ao município de Costa Marques/RO. O exército brasileiro é o responsável pela preservação e manutenção desse riquíssimo patrimônio histórico.

¹⁵Conforme Sobrinho (1994), na obra: “**Fatos, histórias e lendas do Guaporé**”, além dos negros, os índios também foram escravizados.

Atualmente, o Real Forte Príncipe da Beira, localizado no município de Costa Marques, à margem direita do Rio Guaporé, em uma localidade denominada “Príncipe da Beira”, integra o patrimônio Histórico Nacional, e está inscrito no livro de Tombo das Belas Artes, através do Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937.

Ao discutir sobre o campesinato negro do Vale do Guaporé, Teixeira afirma que: “A posse da região só pôde ser efetivada a partir da introdução da mão de obra escrava de procedência africana” (TEIXEIRA, 2004, p.31). Naquela época, no Vale do Guaporé, havia escassez de povoadores brancos e livres; em geral, os trabalhadores especializados (carpinteiros, pedreiros e artífices) eram contratados no Rio de Janeiro e em Belém do Pará. Além dos negros escravos, há registros de que centenas de índios trabalhavam na obra, também em regime de escravidão¹⁶. Mendes¹⁷ corrobora a ideia de que “O Vale do Guaporé [...] tem como principal herança histórica uma expressiva concentração de elementos da raça negra, descendentes de diferentes troncos tribais africanos, introduzidos na região guaporeana” (2008, p. 1).

Os mesmos autores registram o sofrimento dos escravos que participaram da construção desse empreendimento e da formação dos quilombos na região, pois devido às más condições de trabalho, castigos e severas punições, muitos escravos fugiam e, dada a dificuldade de locomoção na selva, dificilmente eram capturados. Estes negros acabavam se unindo e formando quilombos¹⁸.

Os registros históricos¹⁹ atestam que o Vale do Guaporé foi o único local de escravidão negra na Amazônia rondoniense; o quilombo mais conhecido pela exploração de ouro e por outras atividades agropastoris foi o Quariterê, no qual se destacou a figura da rainha “Tereza de Benguela”²⁰, com a exploração do ouro e de

¹⁶De acordo com a obra: MATIAS, Francisco. **Pioneiros: Ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Porto-Velho: Maia, 1997. Nesse sentido, Sobrinho (1994, p. 51) afirma que: “Quando as primeiras Bandeiras atingiram o Centro Oeste brasileiro, já encontraram inúmeras aldeias de índios, o que motivou a cobiça de escravizá-los, como qualquer produto. Era um comércio parecido com o da escravatura negra.”

¹⁷No Artigo de Opinião: MENDES, Matias Alves. **Vale do Guaporé: a questão quilombola**. Publicado em 10/11/2008, no site [http:// www.gentedeopinioao.com.br/](http://www.gentedeopinioao.com.br/), Acessado em: 19/03/2014.

¹⁸No Artigo de Opinião: MENDES, Matias Alves. **Vale do Guaporé: a questão quilombola**. Publicado em 10/11/2008, no site [http:// www.gentedeopinioao.com.br/](http://www.gentedeopinioao.com.br/), Acessado em: 19/03/2014.

¹⁹Conforme TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Campesinato negro de Santo Antônio do Guaporé, identidade e sustentabilidade**. Belém: NAEA/UFGPA. Tese de Doutorado, 2004.

²⁰De acordo com os historiadores Teixeira & Fonseca (2002), Tereza de Benguela era mulher de José Piolho, escravo que chefiava o Quilombo do Quariterê, na região do Vale do Guaporé, nas proximidades do estado de Mato Grosso, na fronteira com a Bolívia. Naquela época, sob a liderança da Rainha Teresa, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770.

outras atividades agropastoris. Outros importantes quilombos da região do Vale do Guaporé foram: Galera, Galerinha, Taquaral, Pedras Negras, Cabixi e Piolho.

O período áureo do vale se dá em decorrência da extração das riquezas minerais²¹. Porém, de acordo com Teixeira & Amaral, após o esgotamento das minas auríferas da Bacia do Guaporé, a Coroa Portuguesa abandonou a região, cabendo aos negros a responsabilidade de protegê-la. “[...] os negros tornam-se os senhores do Guaporé e a região passa a ser reconhecida pelo Estado do Brasil como uma terra de pretos” (TEIXEIRA & AMARAL, 2009, p. 115). O declínio do Ciclo do Ouro e o êxodo populacional, que durou do final do século XVIII até meados do século XIX, também provocou a transferência da capital da Capitania do Mato Grosso para a cidade de Cuiabá, visto que Vila Bela da Santíssima Trindade ficou praticamente despovoada.

Algumas localidades do vale, atualmente, ainda são ocupadas por remanescentes de quilombos e por indígenas que sobrevivem da agricultura de subsistência e da pesca e continuam um tanto isolados do restante do estado²². É importante registrar que, nos últimos anos, as terras habitadas por remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé estão passando por processos de regularização e que algumas comunidades como Santo Antônio, Pedras Negras e Jesus já foram reconhecidas. Porém, ainda há comunidades enfrentando sérios problemas devido à falta da demarcação definitiva de suas terras. Sobre esse aspecto, Matias Mendes²³ (2008, p. 1) explica que:

Os guaporeanos remanescentes dos antigos núcleos de povoadores foram relegados à condição de intrusos dentro de sua própria terra, muitos sendo compelidos a migrar para outras regiões do Estado para escapar à penúria imposta pelas restrições governamentais. Depois de alguns anos de absoluto abandono, afinal o povo guaporeano foi lembrado pelo governo petista para ser contemplado com políticas de inclusão inseridas na Constituição Federal há vinte anos. Além do atraso de uma geração, a medida governamental vem eivada de equívocos em relação aos redutos quilombolas do Guaporé.

²¹De acordo com Teixeira & Amaral (2009, p. 115): “O início da ocupação da Bacia do Guaporé por não índios, se dá no século XVIII. Com a descoberta de lavras de ouro no Guaporé e em seus afluentes, o interesse da Coroa Portuguesa em ocupar a região aumenta, considerando, estrategicamente, a questão geográfica.”

²²Conforme Teixeira & Amaral (2009, p. 117): “A respeito dos escravos que contribuíram para a ocupação do Vale do Guaporé pela Coroa Portuguesa, após o abandono da área pelos brancos, essas comunidades escravas se reinventam como comunidades camponesas e extratoras livres e igualitárias.”

²³No Artigo de Opinião: MENDES, Matias Alves. **Vale do Guaporé: a questão quilombola**. Publicado em 10/11/2008, no site [http:// www.gentedeopinioao.com.br/](http://www.gentedeopinioao.com.br/), Acessado em: 19/03/2014.

Um dos equívocos que podemos destacar envolve as populações quilombolas que não viveram no entorno do Real Forte Príncipe da Beira, pois ali se assentaram e passaram a desafiar os direitos da Força Terrestre Federal, na região. É possível que, nas comunidades de Pedras Negras e Santo Antônio, o povo negro sustente os seus direitos, mas, em relação à extensão geográfica das referidas comunidades remanescentes de quilombolas ao redor do Pelotão de Fronteira, nas proximidades do município de Costa Marques, dificilmente serão definidas e legalizadas. Nas referidas comunidades, os órgãos governamentais criaram seus redutos, mas o abandono continua, pois não há transporte fluvial, assistência médica, escolar, e nem um programa de desenvolvimento para estimular a geração de renda e emprego.

Atualmente, o acesso ao Vale do Guaporé pode ser feito por via fluvial ou através da BR-429²⁴, que liga seis municípios: Presidente Médici, Alvorada do Oeste, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, São Francisco do Guaporé e Costa Marques, na fronteira com a Bolívia.

Voltamos à primeira metade do século XIX, época em que Tenreiro Aranha foi designado pelo governo do Amazonas para inspecionar o sistema de transportes no rio Madeira. Por sua vez, militares bolivianos também descem pelos rios Madeira e Mamoré para efetuar algumas observações geográficas e realizar estudos sobre os trechos encachoeirados do rio Madeira.

Naquela época, tanto o Brasil quanto a Bolívia enfrentavam problemas para o escoamento de suas produções. Após a guerra do Paraguai, o Brasil ficou impedido de navegar pela bacia do Prata e a Bolívia, por ter ficado isolada após sua independência do Peru, necessitava de uma saída para o Oceano Atlântico, para escoar sua produção de borracha, que era uma de suas principais riquezas. As negociações para a construção de uma ferrovia foram encaminhadas no final no século XIX²⁵. A construção, porém, teve início somente no ano de 1907, sendo a obra inaugurada em 1º de agosto de 1912.

A ideia da construção da ferrovia surgiu em 1846, na Bolívia, onde se apostou em uma rota fluvial para vencer as cachoeiras do Rio Madeira e chegar aos mercados internacionais pelo Oceano Atlântico. Assim, em 1861, após navegar pelo

²⁴ A BR 429, intitulada a Rodovia da integração.

²⁵ A história da construção da EFMM foi registrada na obra: BERTAGNA, Beto. **Brevíssima história da Madeira - Mamoré**. Porto Velho, RO, 2000.

rio Madeira, o general boliviano Quenti Quevedo propôs a canalização de alguns trechos do rio ou a construção de uma estrada de ferro para facilitar o escoamento das riquezas, a cobiçada borracha, da bacia amazônica para o Atlântico. No mesmo ano, o engenheiro João Martins da Silva Coutinho sugeriu ao Brasil que se unisse à Bolívia para construir uma ferrovia que ligasse o rio Mamoré ao então Porto de Santo Antônio do Madeira. Essa sugestão, no entanto, só foi concretizada em 1866, após o início da guerra do Paraguai.

Naquela ocasião, o Brasil enviou dois engenheiros alemães, Josef e Franz Keller, para estudarem e elaborarem um projeto para a construção da ferrovia. Por sua vez, o governo boliviano também contratou o engenheiro ferroviário coronel do exército dos Estados Unidos, George Earl Church, para planejar o acesso entre as cachoeiras através de canais. Church organiza, assim, a “*National Bolivian Navigation Company*” para canalizar o rio Madeira. Após estudos, concluiu-se que a melhor opção seria construir uma estrada de ferro. No dia 27 de março de 1867, o Brasil e a Bolívia assinam um “Tratado de Amizade, Limites, Navegação, Comércio e Extradicação.” A partir daí, inicia-se o processo de negociação para a construção da Ferrovia.

O imperador brasileiro D. Pedro II exigiu que Church fundasse uma empresa no Brasil e batizasse a estrada com o nome “Estrada de Ferro Madeira Mamoré – E.F.M.M.”. Após conseguir a concessão do Brasil, Church funda a companhia com o nome “Madeira Mamoré Railway”. De acordo com o projeto elaborado, a ferrovia ligaria Santo Antônio à Guajará-Mirim. Com isso, o coronel Church fez sua primeira tentativa de construção da EFMM, e contratou a empreiteira “*Public Works Construcion Company*”. Em 1872, chegou ao Brasil um grupo composto por vinte e cinco (25) engenheiros da empreiteira “*Public Works Construcion Company*”, mas estes foram surpreendidos pelas adversidades do local, principalmente pela dificuldade de conviver com os indígenas. Dez meses após sua chegada, abandonaram a obra sem assentar nenhum metro de trilho. A empreiteira solicitou a rescisão contratual à empresa “*Madeira Mamoré Railway Company*”, alegando que o lugar, em plena selva Amazônica, e as cachoeiras do rio Madeira, tornavam inviável a construção da ferrovia.

Oito anos depois, a obra foi reiniciada pela construtora “*P&T Collins*”, de propriedade dos irmãos Phillips e Thomas Collins, na época, uma das maiores construtoras de ferrovias dos Estados Unidos. Em Janeiro de 1878, chegaram a

Santo Antônio, Thomas Collins, sua esposa e seu irmão Phillip Collins, acompanhados de técnicos, engenheiros e toneladas de materiais para dar continuidade à construção da Estrada de Ferro. Vieram trabalhadores de várias nacionalidades: italianos, irlandeses e norte-americanos. Porém, eles construíram apenas 7(sete) km de ferrovia e, apesar do grande fluxo migratório, os engenheiros enfrentaram sérios problemas decorrentes da falta de recursos financeiros e de mão-de-obra.

O índice de mortalidade de trabalhadores na construção da E.F.M.M. foi muito elevado, pois as condições de trabalho eram precárias e a região insalubre e perigosa. As doenças tropicais, principalmente a malária, o beri-beri, a febre amarela, impaludismo e outras também castigavam e dizimavam os trabalhadores; os índios, diante da invasão de suas terras, atacavam os acampamentos e as cachoeiras do rio Madeira dificultavam o transporte dos materiais e dos operários. Segundo Bertagna, os engenheiros da *Public Works*, construtora da E.F.M.M., chegaram a classificar a região como “Um antro de podridão onde os homens morrem como moscas” (BERTAGNA, 2000, p. 8). Além disso, a região onde a estrada foi traçada inicialmente era cheia de pântanos e, após inúmeros problemas, a empresa foi à falência e a construção da obra, novamente abandonada.

Após o fracasso das tentativas realizadas pelo Coronel Church, o governo brasileiro enviou para Santo Antônio duas Comissões formadas por engenheiros brasileiros para estudarem possibilidades do traçado da Estrada de Ferro, bem como para estimar o custo da obra. A primeira, denominada Comissão Morsing, foi enviada em 1882, mas fracassou após a morte de inúmeros trabalhadores. Em 1884, a segunda comissão, liderada pelo engenheiro Júlio Pinkas, foi enviada ao Rio Madeira, mas também não obteve êxito, pois os trabalhadores foram surpreendidos e castigados pelas intempéries da selva amazônica.

A dramática história da E.F.M.M. também foi registrada por Hardman (2005)²⁶. O autor mostra a inter-relação entre a geografia, a história e a literatura, destacando que a construção da ferrovia dizimou inúmeros trabalhadores e índios, porém, contribuiu para que o atual estado de Rondônia fosse um “caldeirão” de culturas e influenciando, também, na produção literária.

²⁶Na obra: HARDMAN, F. F. **Trem fantasma**: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Conforme Matias, no início do século XIX, o espaço físico que constitui o atual Estado do Acre, localizado na fronteira do Brasil com a Bolívia, era um território contestado tanto pelo governo brasileiro quanto pelo boliviano.

[...] o Brasil utilizava aquela região como um grande presídio a céu aberto, para onde enviava prisioneiros políticos e criminosos comuns. Entretanto, rico em seringueiras, o Acre recebeu na segunda metade do século XIX, milhares de nordestinos em busca de trabalho em seus seringais. (MATIAS, 1997, p.35).

Por sua vez, para garantir a posse da terra, em 03 de janeiro de 1889, a Bolívia fundou a vila Puerto Alonso e instalou naquela localidade um posto alfandegário, visando arrecadar tributos da comercialização da borracha. Naquele contexto, prisioneiros, exilados políticos e seringueiros nordestinos trabalhavam nos seringais acreanos e, cada vez mais, avançavam e se estabeleciam no território boliviano. Assim, após muitos conflitos, estimulados pelos governantes e pelos seringalistas, os seringueiros protagonizaram uma rebelião armada que culminou na Guerra do Acre.

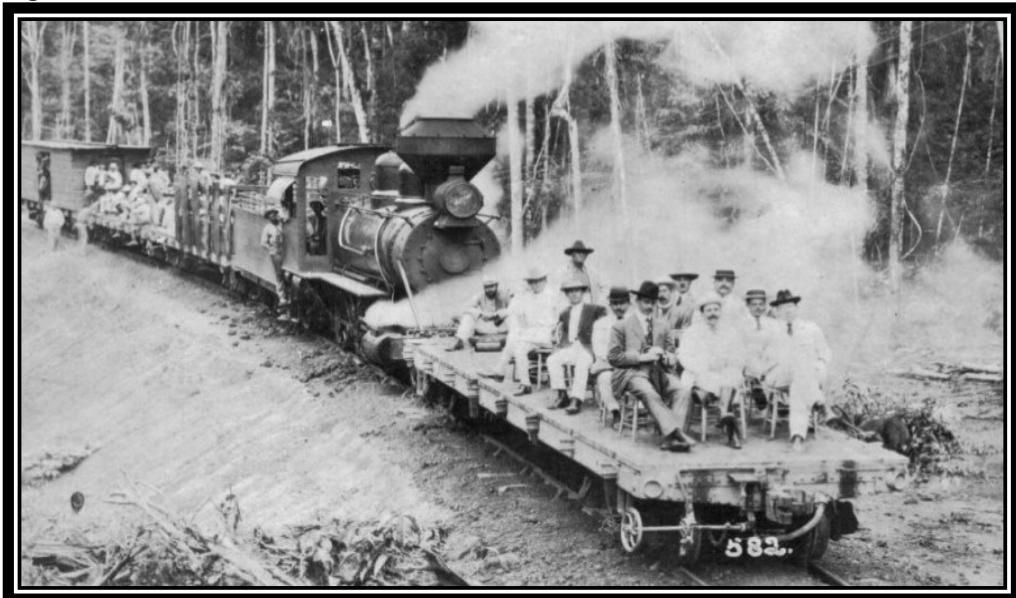
A batalha foi vencida por Plácido de Castro, ajudado pelas tropas brasileiras formadas por dois regimentos de infantaria, um de artilharia e uma divisão naval, em 24 de janeiro de 1903. O Acre transformou-se, então, no primeiro Território Federal do Brasil. Em consequência, em 17 de novembro de 1903, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, o Brasil celebrou com a Bolívia o “Tratado de Petrópolis”, através do qual se comprometia a finalizar a construção da ferrovia, ultrapassando os trechos encachoeirados do Rio Madeira. Em troca, o Brasil receberia da Bolívia as terras que hoje compõem o Estado do Acre.

Assim, em 1906, foi aberto o edital de concorrência pública, vencido por Joaquim Catramby o qual repassou a concessão a Percival Farquar, que criou a empresa “*Madeira-Mamoré Railway Company*” e contratou a firma norte-americana May, Jeckyll e Randolph, para construí-la. Vale ressaltar que devido à construção dessa monumental e lendária ferrovia, a Amazônia brasileira ficou mundialmente conhecida, pois, motivados pelas propagandas sobre as riquezas naturais, chegaram à região migrantes de várias partes do Brasil e imigrantes de vários países do mundo. De acordo com os historiadores Teixeira & Fonseca (2003), no período compreendido entre 1907 e 1912 foram contratados cerca de 22.000 (vinte e

dois mil) operários, oriundos de 52 (cinquenta e dois) países diferentes²⁷. Esses trabalhadores foram recrutados em portos de vinte e cinco países e também nos presídios.

Percival Farquar deslocou o ponto inicial da obra para alguns quilômetros abaixo do rio, a um local denominado Porto Velho, na época, situado no Estado do Amazonas. Em meio à mata, construíram uma cidade, levantaram acampamentos, construíram casas, realizaram obras de captação de água e construíram um porto fluvial, para evitar a falência, como havia ocorrido com as companhias anteriores. A problemática em relação às doenças era constante, por isso foram implantados estrutura médico-hospitalar e saneamento básico. De acordo com Vitor Hugo, (1995), nessa época, foi construído o Hospital da Candelária, o primeiro no mundo, especializado em doenças tropicais. Além disso, em 1910, Percival Farquar solicitou que o médico sanitário Osvaldo Cruz fosse conhecer a região de Porto-Velho, orientasse os médicos e lhes mostrasse uma solução para reduzir as doenças e o índice de mortalidade. Após 20 dias no local, Osvaldo Cruz fez um rol de recomendações, o que diminuiu consideravelmente o número de mortes.

Figura 2 – Diretores da E.F.M.M em carro aberto



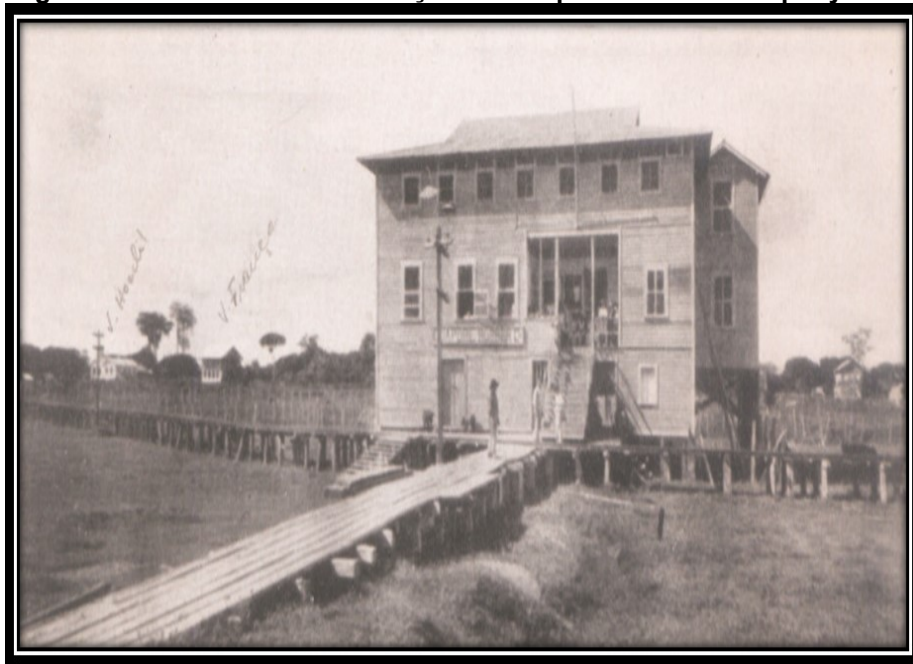
Fonte: site Instituto Laura Vicunã, Foto: Danna Merryl

²⁷Foram recrutados trabalhadores em diversas regiões dos pais, notadamente do Nordeste. Também foram contratados trabalhadores espanhóis que haviam servido à construção de estradas de ferro em Cuba; trabalhadores nativos das colônias inglesas da América Central, que já tinham experiência na construção de ferrovias e do canal do Panamá, em sua região de origem; trabalhadores caribenhos procedentes de diversas nacionalidades centro-americanas: Barbados, Trinidad, Jamaica, Santa Lúcia, Martinica, São Vicente, Guianas. Granadas e outras ilhas das Antilhas. Além desses, várias outras nacionalidades foram representadas: portugueses, italianos, russos, cubanos, mexicanos, norte-americanos, ingleses, gregos, hindus, libaneses, noruegueses, poloneses, chineses, indianos e outros.

A construção da E.F.M.M. foi uma das maiores e mais difíceis obras do mundo²⁸. Com um percurso de 366 km, a ferrovia ligava a cidade de Porto-Velho (Estado do Amazonas) à cidade de Guajará-Mirim (Estado do Mato-Grosso) e objetivava o escoamento da produção da borracha e de outros produtos dos Vales do Mamoré, Guaporé e também da Bolívia. Porém, em 1912, data em que ela foi inaugurada, a produção de borracha já estava em declínio.

Conforme Sobrinho (1994), “A 30 de abril de 1912, quando os trilhos da ferrovia Madeira-Mamoré chegaram a Guajará-Mirim, ponto final da linha, a região então endêmica e inexplorada pelo branco, abria-se para horizontes maiores [...]” (SOBRINHO, 1994, p. 26). Nesse mesmo ano, os transportes fluviais pelo rio Madeira, que já duravam mais de 300 anos, foram suspensos.

Figura 3 – Prédio da Administração da Guaporé Rubber Company



Fonte: arquivo da família Saldanha.

Antes da construção da E.F.M.M., na região escolhida como o ponto inicial da obra, existia apenas um pequeno povoado chamado Santo Antônio²⁹ e o único acesso ao mesmo era o Rio Madeira. Porém, durante a construção, surgiram,

²⁸Conforme Matias (1997, p.42), a E.F.M.M. recebeu várias denominações: Entre os diversos epítetos que recebeu, estão: “Estrada dos Trilhos de Ouro”, “Ferrovia do Diabo”, “Ferrovia de Deus” e “Ferrovia da Morte”, que serviram para ligar sua construção aos seus dramas[...].”

²⁹O município e a Comarca especial de Santo Antônio do Rio Madeira foi criado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso em 1908.

às margens da ferrovia, inúmeros núcleos habitacionais: Porto-Velho³⁰, Jaci-Paraná, Vila Murinho, Mutum-Paraná, Abunã, Iata, Guajará-Mirim³¹ e outros. Durante a construção da ferrovia, a cidade de Porto Velho se desenvolveu e foi elevada à categoria de município do Estado do Amazonas, em 02 de outubro de 1914. Esse também foi um período de desenvolvimento da vasta região que compreendia o Vale do Mamoré-Guaporé e, mesmo tendo constituído uma epopeia trágica³², a construção da ferrovia foi um fato histórico importante para a criação e desenvolvimento geográfico, econômico, social e político do Território Federal de Rondônia, atual estado de Rondônia. Porém, o declínio do ciclo da borracha afetou profundamente a economia da Amazônia rondoniense e contribuiu para que centenas de pessoas abandonassem a região.

Em 30 de junho de 1931, a direção da E.F.M.M. decidiu encerrar as atividades da ferrovia e, com isso, provocou uma grave crise econômica nas cidades de Porto-Velho, Santo Antônio, Guajará-Mirim e nos povoados existentes ao longo dos trilhos. Nesse mesmo ano, foi criada, através do Decreto nº. 20.102, de 12/06/1931, a Empresa de navegação nos rios Mamoré e Guaporé, com sede em Guajará-Mirim, sendo o Cel. Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, o Concessionário-fundador.

Diante da crise instaurada após o fechamento da E.F.M.M., o Governo Federal baixou o Decreto Lei nº. 20.200, de 10 de julho de 1931, restabelecendo os serviços e nacionalizando a ferrovia que, até então, só havia sido administrada por empresas estrangeiras³³. Conforme Matias: “[...] foi somente depois de passar à administração brasileira que a Madeira- Mamoré promoveu melhoria nos seus serviços e passou a exercer funções sociais na região [...]” (MATIAS, 1997, p. 79).

³⁰Criado pelo Governo do Amazonas, em 1914.

³¹A cidade foi fundada no ano de 1912.

³²Conforme Matias (1997, p. 45), “A construção da E.F.M.M foi uma epopeia trágica, que além de bater o recorde mundial de acidentes de trabalho, praticamente dizimou uma nação indígena e ceifou a vida de centenas de operários que trabalharam em suas obras.”

³³A partir do dia 10/07/1931, a E.F.M.M. passou a ser administrada pelo capitão Aluizio Pinheiro Ferreira e teve sua razão social modificada de The Madeira-Mamoré Railway Company para Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Em 1972, a estrada foi desativada³⁴. Do ponto de vista da ocupação territorial, nossas fontes pesquisadas indicam que na metade do século XIX, ocorreu o 1º ciclo da borracha e a ocupação do eixo Mamoré-Guaporé por grupos de seringueiros e pelas povoações de negros egressos da escravidão, provenientes de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. Sobre esses acontecimentos, o historiador rondoniense Abnael Machado de Lima (2010)³⁵ explica que a crescente demanda da borracha pelos mercados consumidores europeu e americano e a alta cotação do preço do produto no mercado internacional fizeram convergir para a Amazônia um grande fluxo migratório interno, oriundo, principalmente, da região Nordeste, impulsionando a organização de grandes centros de produção de borracha e os serviços paralelos necessários a sua comercialização, contribuindo para a ocupação e desenvolvimento da região.

Destacamos que, naquele período, os nordestinos não tinham perspectivas para vencer a seca que assolava o sertão e, diante da demanda do látex na Amazônia, muitos retirantes migravam para a região amazônica em busca de trabalho na extração do látex. Sobre esse tema, Euclides da Cunha afirmava não conhecer na história exemplo mais anárquico de emigração do que a realizada entre o Nordeste e a Amazônia:

[...] Quando as grandes secas [...] flamejavam sobre os sertões adustos e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população advéncia de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas — a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos, que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia - vastíssima, despovoada, quase ignota - o que equivalia expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas [...]. (CUNHA, 1986, p. 56-57).

Devido ao isolamento da região, a exploração da borracha na Amazônia era comandada por seringalistas que representavam, geralmente, empresas estrangeiras: inglesas, alemãs e bolivianas; as relações de trabalho entre

³⁴A E.F.M.M foi desativada porque não atingiu os objetivos para os quais foi construída. Além do declínio do Ciclo da Borracha, a Bolívia, principal interessada na construção da estrada, passou a utilizar o canal do Panamá como acesso ao Oceano Pacífico, deixando a EFMM isolada. A Ferrovia funcionou durante 60 anos, para cumprir prazos de concessão estabelecidos em contrato com a empresa norte-americana “The Madeira Mamoré Railway Company”, em 1º de julho de 1912.

³⁵No artigo de opinião: LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série II. Seringal centro produtor de borracha. Acessado em: 05/05/2014.

seringalistas e seringueiros eram realizadas por um sistema de aviamento, baseado no endividamento do seringueiro; este era explorado pelo patrão e trabalhava em condições sub-humanas. Conforme Lima (2010, p. 1)³⁶, no artigo “A importância do seringal na formação cultural da sociedade Amazônica”:

À produção gomífera assegurou por fim à Amazônia uma personalidade própria. Deixou de ser a região das lavouras e pastoreio idênticos aos da região Nordeste, para se transformar na terra dos pioneiros, dos seringalistas e seringueiros, dos aviadores e aviados, das casas exportadoras e dos regatões, da opulência e das vultuosas transações comerciais se constituindo em centro gerador de riqueza na conjuntura econômica nacional e sui-generis na paisagem sócio-cultural brasileira.

Destaca-se que na região do Madeira-Mamoré-Guaporé, as atividades de coleta e comercialização da borracha tiveram maior dimensão depois que a E.F.M.M. foi inaugurada. Dos grupos que participaram ativamente na exploração do látex na região, podemos destacar, além dos migrantes nordestinos, os mamelucos e os nativos que viviam e conheciam a região e os bolivianos da fronteira Brasil-Bolívia. Assim, os Vales do Madeira, Guaporé e Mamoré foram povoados por muitas etnias, histórias, memórias, representações, linguagens e biodiversidades, constituindo, assim, vivências, saberes e idiossincrasias singulares. O eixo Mamoré-Guaporé constitui, naturalmente, a fronteira entre o Brasil e a Bolívia, sendo um ecossistema de mata nativa ainda pouco impactado pela ação humana, devido ao difícil acesso e à baixa densidade demográfica da região.

Outra ação política acontecida na Amazônia rondoniense no início da década de 1900 foi a criação da Comissão Rondon, chefiada pelo engenheiro militar Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. O objetivo dessa comissão nomeada pelo governo brasileiro era promover a integração da região Amazônica com o restante do Brasil a partir da instalação de linhas telegráficas estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, SEÇÃO Cuiabá/Santo Antônio do Rio Madeira, com ramal em Guajará-Mirim.

Foram realizadas três expedições para a execução da obra, que teve início no ano de 1907 e foi concluída em 1909, sendo inaugurada apenas em 1915, época em que esse tipo de tecnologia já havia sido substituída pelo sistema de

³⁶No artigo de opinião: LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série V. Produção e comercialização. Acessado em: 19/05/2014.

rádio. Ressalte-se que, além da implantação dos postos telegráficos, a comissão também realizou o reconhecimento de fronteiras, as determinações geográficas e um minucioso estudo e pesquisa sobre o clima, o solo, a fauna, a flora, os rios etc. Esses estudos subsidiaram a exploração do extrativismo mineral e vegetal na região. Registre-se ainda que essa empreitada foi marcada por muitas dificuldades e mortes de trabalhadores, devido às doenças tropicais e aos confrontos com os indígenas que habitavam o percurso da implantação das linhas.

De acordo com Matias: “Outra proposta da Comissão Rondon era estimular a ocupação humana da região, definitivamente, a partir de suas estações telegráficas e da construção de trechos de estradas que lhes davam acesso” (MATIAS, 1997, P. 51). Vale ressaltar que a implantação das linhas telegráficas ocorreu paralelamente à construção da E.F.M.M. e que todas as atividades desenvolvidas pela Comissão Rondon foram documentadas em registros fotográficos e minuciosos relatórios.

De acordo com historiadores³⁷, em 1943, no período da II Guerra Mundial, o governo brasileiro firmou, com o governo americano, os chamados “Acordos de Washington”³⁸, objetivando potencializar a produção da borracha na Amazônia. Para cumprir os compromissos estabelecidos nos acordos, o governo realizou uma intensa propaganda, visando atrair trabalhadores para os seringais da Amazônia, pois era necessário aumentar a produção de borracha para atender a demanda do mercado externo. Por esta ocasião, o país enfrentava muitas crises internas: o 1º ciclo da borracha estava em decadência, a Amazônia estava despovoada e muitas regiões brasileiras, principalmente o Nordeste, enfrentavam dificuldades. Portanto, foram selecionados, contratados e enviados para os seringais da Amazônia cerca de 60.000 homens, através do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia Ocidental - SEMTA. Surge, então, o “Soldado da Borracha”.

A vinda de Soldados da Borracha para a Amazônia (Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Roraima) foi decorrente do "Esforço de Guerra", como ação dos aliados. Em 1943, foi criado também o Banco de Crédito da Borracha, atual Banco

³⁷Dentre eles, destacamos: MATIAS (1997), MENEZES (2001), PERDIGÃO & BASSEGIO (1992), OLIVEIRA (2000), LEAL (1986), TEIXEIRA & FONSECA (2002), LIMA (2013) e outros.

³⁸De acordo com NASCIMENTO (1998, p. 3), no artigo: **Migrações nordestinas na Amazônia**. “Em decorrência do envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial, em 1942, o governo brasileiro forneceu contingentes militares para as frentes de combate e firmou convênio com a **Rubber Reserve Company**, assinando também os chamados *Acordos de Washington*, objetivando desenvolver a produção da borracha na Amazônia.”

da Amazônia S/A, como impulsionador da economia gumífera, ao lado da mão-de-obra (os Soldados da Borracha).

Vale ressaltar que a ação financiadora do Banco da Borracha foi determinante para o incremento da produção, com reflexos na economia das regiões produtoras: Pará, Amazonas, Acre e Rondônia. Destaca-se ainda que até mesmo a Bolívia foi incluída nessa ação vigorosa, beneficiando-se desses impulsos, pois o látex boliviano era transformado em borracha e descia pelos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – EFMM com destino a Manaus, Belém e daí para os Estados Unidos da América e Europa.

Figura 4 – Cartazes com propagandas para atrair os Soldados da Borracha



Fonte: Revista Época, nº306/2004, p.56-57

Os Soldados da Borracha arregimentados pelo governo brasileiro, em sua maioria, eram nordestinos. Eles eram os preferidos porque a região Nordeste enfrentava sérios problemas sociais em decorrência das secas. Além disso, os nordestinos eram considerados fortes e bravos, os famosos “cabras da peste”. O Ceará foi o Estado que enviou o maior número de homens e foi também o centro de

operação de guerra que incluía o recrutamento e o transporte dos homens para os seringais. Eles eram selecionados em vários municípios do nordeste e eram transportados em caminhões até Fortaleza/CE; depois, a viagem prosseguia de navio. As ilustrações abaixo mostram as propagandas veiculadas pelo Governo Federal em todo o nordeste brasileiro, com a finalidade de atrair mão-de-obra para a Amazônia.

De acordo com relatos de Soldados da Borracha³⁹, durante a viagem de navio, eles eram acompanhados por médicos e enfermeiros, tinham boa alimentação e recebiam fardamentos. Apesar disso, os soldados que adoeciam no percurso, em geral, eram largados pelo caminho e morriam abandonados. A viagem dos sobreviventes, geralmente, durava cerca de três meses. Os navios paravam em Belém, Manaus e Porto-Velho, locais onde os trabalhadores eram distribuídos às colocações dos seringais. Vale ressaltar que, apesar de terem sido arregimentados como “Soldados da Borracha”, os seringueiros procedentes do nordeste trabalhavam nos seringais da Amazônia como serviçais, desincorporados, e não tinham nenhum direito.

Figura 5 – Pátio externo da Estação da E.F.M.M, na década de 1940



Fonte: Foto: Rui Almeida

Na maioria dos seringais da Amazônia rondoniense, o seringueiro trabalhava apenas no período das secas. Durante o período das cheias, a extração

³⁹Em depoimentos e conversas informais.

do látex era quase impossível, pois as enchentes elevavam as águas em aproximadamente oito metros e as enxurradas inundavam as estradas⁴⁰ de seringa. Assim, os seringueiros ficavam reclusos nos tapiris ou barracos e o embate com os índios era inevitável.

A fotografia acima mostra que, nos anos 1940, o pátio externo da estação da E.F.M.M. era superlotado de pélas de borracha produzidas nos seringais da região de Guajará–Mirim.

A falta de mulheres na região amazônica também constituiu uma grande problemática social: geralmente, os migrantes nordestinos eram solteiros e jovens e os que eram casados eram forçados a deixar a família na região de origem, pois os seringalistas só tinham interesse na mão-de-obra masculina. Apesar de existirem muitas mulheres indígenas na região, os casamentos entre seringueiros e indígenas eram muito raros e, diante das violências que ocorriam no contato entre brancos e índios, as mulheres indígenas tornavam-se arredias e muitas vezes hostis, razão pela qual os seringueiros não se interessavam por elas. De acordo com Abnael Machado de Lima (2010, p. 2)⁴¹:

Os seringueiros no seu infortúnio biológico, encomendavam aos patrões e estes às casas aviadoras, mulheres, como se encomendam outros artigos. Em condições iguais aos demais produtos eram lançados no livro de registro de conta corrente, como débito do seringueiro. Os pedidos de mulheres só eram atendidos de acordo com as possibilidades financeiras dos seringueiros. O seringueiro que recebia uma mulher, a podia trocar por borracha com outro companheiro, ou perdê-la tomada pelo patrão, no caso de declínio do seu nível de produção e conseqüentemente o aumento de sua dívida na empresa.

Nesse contexto, o endividamento dos seringueiros, muitas vezes, era provocado pelos patrões que, temerosos de perder a preciosa mão–de-obra barata, aumentavam o preço dos gêneros alimentícios, dos medicamentos e até mesmo das mulheres⁴². Conforme Ferreira⁴³: Os “Soldados da Borracha” [...] foram traídos pelo Governo da pátria que juraram defender e terminaram vítimas da exploração dos seringalistas que com o tempo também caíram em desgraça. (FERREIRA, 1999, p. 13).

⁴⁰Emprega-se a palavra estrada para designar o itinerário onde estão localizadas as seringueiras, árvores da borracha.

⁴¹No artigo de opinião: LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série IV. A constituição da família: mulher mercadoria cobiçada. Acessado em: 19/05/2014.

⁴²Em alguns seringais, as mulheres eram comercializadas.

⁴³Na obra: FERREIRA, Jaime. **Arigós: a luta pelo social**. São Paulo: Scortecci, 1999.

Após o término da Guerra, esses homens foram abandonados nos seringais da Amazônia. Em seguida, com a decadência dos seringais, muitos se fixaram às margens dos rios Madeira-Mamoré, passando a viver da pesca e da agricultura de subsistência.

Na década de 1990, grande parte das terras onde se situavam os seringais foi transformada, pelo Governo Federal, em reservas extrativistas ou biológicas. Atualmente existem, no Estado de Rondônia, vinte e uma reservas estaduais e três reservas federais, criadas a partir de movimentos sociais organizados com o objetivo de preservar a cultura das populações tradicionais e a floresta, de forma sustentável, pois, após a abertura da BR 364, a eclosão do ciclo da agricultura e a implantação dos projetos de assentamento e colonização, executados pelo INCRA na década de 1970, ocorreram as correntes migratórias e o espaço geográfico de Rondônia foi rapidamente povoado. Essa explosão demográfica envolveu o governo em graves problemas políticos, administrativos e agrários e, na medida em que as cidades foram sendo formadas, os espaços já ocupados pelas populações tradicionais do estado e pelas comunidades indígenas foram sendo invadidos. Temendo pela destruição total das florestas e da biodiversidade, essas áreas foram transformadas em áreas protegidas⁴⁴. Ressalte-se ainda que as terras pertencentes às comunidades indígenas também foram demarcadas⁴⁵.

Somente após a Constituição Federal Brasileira de 1988, a União foi obrigada a reconhecer, através da Lei nº 7.898 de dezembro de 1989, a legitimidade do pagamento de pensões de valor equivalente a dois salários mínimos, aos Soldados da Borracha. No entanto, diante das exigências de documentos comprobatórios, a maioria daqueles que ainda estavam vivos não conseguiu receber o benefício.

A construção da E.F.M.M. e o 2º. Ciclo da Borracha contribuíram, de forma significativa, para a criação do Território Federal do Guaporé, Ele foi criado em 13 de setembro de 1943, pelo Decreto-Lei n.º 5.812, com áreas desmembradas dos Estados de Mato Grosso e Amazonas. Porém, somente no dia 17 de abril de 1945, foi realizada a divisão administrativa do referido território em dois municípios:

⁴⁴Conforme anexo I e III

⁴⁵Conforme anexo V

Porto Velho e Guajará-Mirim. Até então, Porto-Velho pertencia ao Estado do Amazonas e Guajará-Mirim ao Estado do Mato Grosso.

A criação do território fez parte da política nacionalista do governo Getúlio Vargas, cujo principal objetivo era o de estimular a ocupação humana, radicar o homem na terra e promover o comércio. Conforme Matias:

[...] a criação do Território Federal do Guaporé encerrou todo um período de indefinições políticas, administrativas e territoriais, ao incorporar áreas geográficas dos estados do Mato Grosso e do Amazonas, delimitar fronteiras e estimular novos modelos econômicos, com base em uma estrutura político-organizacional definida. (MATIAS, 1997, p. 91).

Em 17 de fevereiro de 1956, o Território Federal do Guaporé passou a ser designado Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal e sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon. Essa divisão administrativa durou até a década de 1970, época em que a região foi beneficiada por inúmeros projetos de Colonização e Reforma Agrária, implantados pelo INCRA e recebeu intensas correntes migratórias, provenientes, principalmente, das regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil.

Após a criação do território, com a finalidade de evitar o êxodo dos habitantes da região e motivar novas correntes migratórias, foram implementados os primeiros projetos de colonização. De acordo com Perdigão & Bassegio (1992), as primeiras tentativas de colonização se deram de 1945 a 1969, a partir da implantação de colônias agrícolas. Assim, incentivadas pelo Governo Federal, pessoas de várias partes do país, principalmente do Nordeste, foram enviadas para trabalhar na agricultura.

Em 1948, nas proximidades de Guajará-Mirim, foi criada a Colônia Agrícola Presidente Dutra, popularmente conhecida como Colônia Agrícola do lata⁴⁶. Esta colônia foi, inicialmente, composta por cinco linhas rurais e um núcleo que centralizava os serviços essenciais para atendimento dos agricultores e de seus familiares. O projeto previa a distribuição de lotes pequenos (25 ha) e doação de equipamentos agrícolas e sementes às famílias, geralmente nordestinas, que migravam para a região. Ao Governo Federal cabia o financiamento da viagem.

⁴⁶lata é o nome de um rio boliviano que desemboca no Mamoré e se situa nas proximidades do antigo alojamento da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que também ficou conhecido como "Alojamento do lata."

Vários fatores contribuíram para que dezenas de famílias nordestinas, principalmente cearenses e paraibanas, migrassem para a colônia agrícola do IATA.

Figura 6 – Transporte de produtos e colonos do IATA na década de 1960



Fonte: arquivo pessoal da família Pachêco.

O governo do território criou um órgão denominado Divisão de Produção, Terras e Colonização; este dava assistência aos migrantes que chegavam ao território e eram encaminhados à referida localidade. Além do lote de terra, cada família recebia um auxílio alimentação durante seis meses. Essa Divisão também comprava, dos trabalhadores, toda a produção agrícola; no entanto, os colonos fixados no local eram submetidos ao autoritarismo do Administrador do Núcleo Agrícola e do Governo do Território.

Nas proximidades de Porto-Velho, também no ano de 1948, foi criada a Colônia agrícola do Candeias, denominada “Antenor Navarro”; em 1954, surgiram as colônias 13 de Maio, conhecida como Colônia Japonesa e a 13 de Setembro e, em 1959, as colônias Paulo Leal, a da Areia Branca e a de Periquitos.

Muitas dessas colônias agrícolas não alcançaram os objetivos propostos pelo governo, pois foram instaladas em terras impróprias para a agricultura e o governo não ofereceu a infraestrutura necessária aos colonos. Apenas duas delas se desenvolveram: a Colônia Japonesa, que recebeu subvenção e assistência técnica do consulado Japonês em Belém/PA, a partir de um convênio firmado entre o governo do Território e o consulado do Japão, e a Colônia agrícola do IATA, que recebeu o apoio da Prefeitura de Guajará-Mirim.

Rondônia sempre foi caracterizada pelo seu potencial para a atividade extrativista. Na segunda metade do século XX, porém, em função dos ciclos do diamante, do ouro e da cassiterita, novos contingentes migratórios fixaram-se na região. O principal objetivo dos migrantes era explorar e comercializar esses minérios.

O ciclo do diamante foi centrado na região compreendida entre os atuais municípios Pimenta Bueno e Ji-Paraná, onde foram descobertas grandes jazidas nos rios Machado, Comemoração e Barão de Melgaço. De acordo com Matias, “A principal área beneficiada foi onde hoje se localiza a cidade de Ji-Paraná [...] Em 1954 já haviam sido recolhidos na região cerca de treze mil quilates de diamantes [...]” (MATIAS, 1997, p. 119).

A cassiterita foi descoberta por volta de 1946. Porém, só começou a ser explorada a partir da década de 1960, época em que chegou ao território um grande número de migrantes formado, principalmente, por nordestinos. O processo de extração do minério era rudimentar e os garimpos clandestinos. Nesse contexto, as relações entre patrões e empregados eram conflituosas, pois alguns grupos mantinham o monopólio da exploração, restando aos garimpeiros o trabalho braçal e mal remunerado. Somente em 31 de dezembro de 1964, através do Decreto-Lei nº. 55.371, a situação dos garimpos em Rondônia foi legalizada, pois o Governo Federal criou a Delegacia Especial do Departamento de Produção Mineral – DNPM, com o objetivo de desativar os garimpos clandestinos e implantar lavras mecanizadas. De acordo com Vitor Hugo: “Firmas especializadas multinacionais se fizeram presentes através de firmas nacionais, outras se criaram, uma após outra, marcando território em Rondônia” (VITOR HUGO, 1995, p. 61).

Após inúmeros conflitos nas áreas de garimpo, o Governo Federal lançou, em 5 de abril de 1970, a Portaria Ministerial nº. 195, proibindo a garimpagem predatória na província estanífera do Brasil. Além dos garimpos de Cassiterita, Rondônia também vivenciou, em 1980, o ciclo do ouro. A principal área de extração foi o vale do rio Madeira. De acordo com Oliveira (2000), o período áureo na extração do ouro no Estado de Rondônia foi na década de 1980. Visando à regularização do garimpo, o Ministério de Minas e Energia criou a reserva garimpeira do Rio Madeira. Fora da área da reserva, surgiram vários garimpos,

como por exemplo: Penha, Taquara, Araras e Periquitos⁴⁷. Atualmente, essa atividade está em declínio, mas ao longo dos rios ainda há dragas em pleno funcionamento.

Para absorver a mão de obra excedente dos garimpos, o Governo Federal construiu a BR 364 e implantou, na década de 1960, novas colônias agrícolas. Na década de 1970, os projetos de colonização implantados anteriormente e os fluxos migratórios constantes promoveram a ocupação rápida e desordenada de Rondônia, a nova fronteira econômica do Oeste do Brasil. Porém, o eixo dessa economia privilegiou apenas os municípios localizados ao longo da BR 364, deixando os municípios de Porto-Velho e Guajará-Mirim isolados.

Na década de 1960, a construção da BR 29, atualmente denominada BR 364, ligando Cuiabá/MT, Porto-Velho/RO e Rio Branco/AC foi um marco histórico importante para o desenvolvimento do Território Federal de Rondônia e para a consequente implantação do Estado de Rondônia⁴⁸.

Além de interligar as fronteiras mais extensas do Brasil (Bolívia e Peru), a rodovia fez a ligação de Porto-Velho e Rio Branco ao restante do país, proporcionando, ainda, uma extensa faixa de colonização e interrompendo o isolamento da região. Esse empreendimento foi um marco na história da ocupação de Rondônia e de outros Estados Amazônicos, pois motivou a vinda de um grande fluxo migratório para Rondônia em busca de riquezas minerais (ouro e cassiterita) e terra para o cultivo da agricultura e da pecuária. O lema do Governo Federal era: “Terras sem homens para homens sem terra.”

Esse lema acabou expressando um grande equívoco do Governo Federal, pois grande parte das terras distribuídas aos migrantes já era habitada pela população indígena. Nesse contexto, é importante registrar o sofrimento desses povos que foram praticamente dizimados após tentarem se defender da “invasão” de suas terras, incentivada e patrocinada pelo Governo Federal.

De acordo com Oliveira (2000), a abertura da BR 364 seguiu o traçado das linhas telegráficas construídas pelo Mal. Rondon, pois nas margens das referidas linhas já havia inúmeros povoados. A abertura da BR 364 culminou na

⁴⁷Os nomes dos garimpos referem-se aos nomes das localidades onde os mesmos funcionavam.

⁴⁸Conforme Góes (1997), em janeiro de 1960, em uma reunião de governadores do Norte, realizada em Brasília, o Cel. Paulo Nunes Leal, que foi governador do então Território do Guaporé e de Rondônia, solicitou ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira a abertura da BR -29, precursora da BR 364. Diante das argumentações de que a estrada seria estratégica para a integração nacional, a proposta foi imediatamente aceita pelo Presidente da República.

criação de vários municípios rondonienses, dentre eles: Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena. A descoberta de áreas agricultáveis ao longo da estrada e as propagandas oficiais sobre a disponibilidade de terras em Rondônia motivaram o aumento do fluxo migratório. As regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste do país⁴⁹ enfrentavam um grande êxodo rural devido à demissão de milhares de trabalhadores das fazendas, decorrente da introdução de leis trabalhistas no meio rural, à substituição da cafeicultura pelo plantio da soja e pecuária de corte e à mecanização das lavouras e outros. Diante dos problemas políticos e econômicos enfrentados pelos trabalhadores e pelos governantes, Rondônia tornou-se uma alternativa e também o maior receptor desse contingente populacional. Conforme Matias:

O processo de ocupação humana de Rondônia ligado ao Ciclo da Agricultura, foi executado pelo INCRA, inicialmente, através dos Projetos Integrados de Colonização, PIC, e dos Projetos de Assentamento dirigido, PAD, estrategicamente criados para cumprir a política destinada à ocupação da Amazônia rondoniense. (MATIAS, 1997, p. 125).

Esses projetos de assentamentos propostos pelo Governo Federal e executados pelo INCRA, em Rondônia, tiveram razões geopolíticas, econômicas políticas e sociais. Além de possuir uma vasta extensão geográfica e riquezas naturais, o território localizava-se nas proximidades de uma extensa fronteira internacional e durante muitos anos a região permaneceu isolada do restante do país. Portanto, a ocupação era, também, uma questão de segurança nacional. Os estudos e pesquisas científicas realizadas pela Comissão Rondon, apontavam que a região era rica em minerais preciosos e possuía ouro de aluvião em muitos rios da bacia hidrográfica. Também havia a possibilidade de ampliação das fronteiras agrícolas e da agropecuária. Em relação às questões políticas, a Amazônia sempre foi alvo da cobiça internacional e era preciso ocupá-la. Além disso, a ocupação da Amazônia rondoniense também resolveria as questões sociais da Região Nordeste e de outras regiões brasileiras, evitando a explosão urbana nos grandes centros e metrópoles brasileiras.

⁴⁹De acordo com historiadores rondonienses, a população migrante que se fixou em Rondônia no Ciclo da Agricultura, entre as décadas de 1970 e 1980, era formada, principalmente, por paranaenses, gaúchos, matogrossenses, capixabas, mineiros e paulistas. Também registram a presença de cearenses, cariocas, baianos, paraibanos, amazonenses, goianos e outros, mas, estes, em menor número.

Acompanhando as correntes migratórias que vinham para Rondônia em busca de terras, inúmeras madeireiras também se instalaram ao longo da BR 364, devido à existência de madeiras de alto valor comercial, como o mogno e a cerejeira. Inicialmente, estas eram vendidas para o sul e sudeste do país ainda em sua forma bruta. Porém, depois de alguns anos, começaram a ser beneficiadas e exportadas também para a Europa.

O ciclo da agricultura foi decisivo para o processo de povoamento rural e urbano do Território Federal de Rondônia e para o surgimento de inúmeras cidades e povoados ao longo da BR 364. No entanto, devido à falta de estrutura no território, em um curto espaço de tempo, eclodiram vários problemas ambientais e sociais, principalmente nas áreas da habitação, saúde, educação e segurança pública. Ocorreu também uma grande elevação do índice da criminalidade, principalmente nas regiões de garimpos, invasões de terras públicas e privadas e desmatamentos.

Nas periferias da capital, Porto-Velho, formaram-se bairros sem nenhuma infraestrutura e o crescimento desordenado gerou muitos problemas ainda não solucionados. A pressão política provocada pelo rápido povoamento dos novos migrantes obrigou o governo do território a modificar a estrutura geopolítica da região, com o objetivo de descentralizar a administração e solucionar os problemas com maior rapidez.

Os projetos de colonização implementados pelo INCRA ao longo da BR 364 geraram muitos conflitos, pois algumas empresas colonizadoras ocuparam áreas bem maiores do que aquelas a elas destinadas, invadindo seringais e terras indígenas. A existência de vastas áreas de madeira de lei também levou as madeireiras a se apropriarem, indevidamente, de terras devolutas do território e de terras de proprietários particulares.

Ao longo dos anos, a região onde hoje se localiza o estado de Rondônia foi alvo da implantação de projetos que favoreceram a atuação dos exploradores⁵⁰, Porém, os ciclos econômicos do ouro e da agricultura foram decisivos para o desenvolvimento econômico, social e político do Território Federal de Rondônia e contribuíram para que a luta por sua transformação em Estado Federativo ganhasse mais consistência e fosse concretizada.

⁵⁰De acordo com Perdigão & Bassegio (1992), “Rondônia é considerado um espaço geográfico fronteiro, onde desde a colonização europeia promoveu-se a exploração dos recursos primários, tais como ouro e diamante [...]”

O estado de Rondônia foi criado em 22 de dezembro de 1981, através da Lei complementar nº. 041, assinada pelo Pres. João Batista de Oliveira Figueiredo. Sua instalação, porém, ocorreu somente no dia 04 de janeiro de 1982. Localizado ao sul da região norte do Brasil, no coração da Amazônia brasileira, o estado de Rondônia faz divisa: ao norte com o estado do Amazonas, ao sul com a República da Bolívia, a leste com o estado do Mato Grosso, a oeste com a República da Bolívia e com o estado do Acre.

Após a implantação do Estado, verificou-se que a exploração desordenada dos recursos naturais, nas décadas de 1970 e 1980, causou grandes prejuízos à natureza. O governo, então, regulamentou a ocupação do espaço territorial a partir da elaboração do Zoneamento sócio-econômico-ecológico e do Plano Agropecuário e Florestal - PLANAFORO.

Depois da posse, com o apoio do Governo Federal, o então Governador Jorge Teixeira de Oliveira implementou vários projetos que contribuíram para o desenvolvimento político, econômico e social do Estado. Dentre eles, destacamos a criação de novos municípios, o asfaltamento da BR 364, a implantação da Universidade Federal de Rondônia e a Construção da Usina Hidrelétrica de Samuel. Além disso, também foi realizada a reestruturação dos poderes executivo e judiciário e a implantação de um sistema de telecomunicações (com Discagem direta à distância – DDD e Discagem direta internacional - DDI) na maioria dos municípios rondonienses.

Ao longo dos anos, o estado de Rondônia foi se estruturando e, de acordo com dados do IBGE⁵¹, atualmente, possui 52 municípios. É o quarto maior Estado da região Norte do Brasil e ocupa uma área de 237.590.547 Km². É também o terceiro em população, com 1.768.204 habitantes residentes nas zonas urbana e rural. O estado de Rondônia é multicultural, pois foi formado por migrantes oriundos de todas as regiões do Brasil e por várias nacionalidades estrangeiras. Porém, nos municípios de Porto-Velho e Guajará-Mirim ainda é possível observar alguns traços amazônicos, uma vez que esses municípios são os mais antigos e não receberam muitas influências dos ciclos migratórios das décadas de 1970 e 1980. As principais fontes econômicas do Estado são a pecuária e a agricultura. Também há o

⁵¹Informações disponíveis no site: <http://www.ibge.gov.br/>

extrativismo da madeira, de minérios e da borracha e um grande potencial para a produção de energia e para a prática do ecoturismo.

1.2 As manifestações literárias em Rondônia

De acordo com registros históricos, sempre houve uma relação entre a imprensa e a literatura, pois nos folhetins e jornais publicados na década de 1940⁵², além das notícias sobre a vida sociopolítica e econômica, eram publicados, ainda, textos literários de diversos gêneros. Destacamos também as memoráveis conferências do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon⁵³. Contudo, é possível afirmar que a produção literária rondoniense era mais profícua nos municípios de Porto-Velho e Guajará-Mirim, intensificando-se após a construção da BR 364, com a chegada de um grande número de migrantes para o ciclo da agricultura e a criação de inúmeros municípios ao longo da estrada.

Destaca-se que, em razão dos fluxos migratórios ocorridos, principalmente, nas décadas de 1970 e 1980 e com menor frequência até os dias atuais, grande número dos autores da literatura rondoniense são naturais de outros estados brasileiros e até de outros países. Assim, podemos afirmar que a criação do estado de Rondônia, a instalação da Fundação Universidade Federal de Rondônia, a criação da União Brasileira de Escritores – UBE e da Academia de Letras de Rondônia, na década de 1980, também foram fatos históricos importantes para o desenvolvimento do sistema educacional e para a conseqüente valorização da cultura e da literatura.

Ao discutir sobre a Literatura de Rondônia, Mendes & Silva (1984)⁵⁴, destacam que:

[...] nem sempre os representantes da literatura de uma terra são todos aqueles que possuem trabalhos publicados em livros, ou que são nascidos

⁵²Dentre eles, destacamos: O Município, The Porto-Velho Times, Porto-Velho Courier, Marconigran e outros.

⁵³Ressalta-se que muitos oficiais que participavam da Comissão eram obrigados a redigir relatórios sobre suas atividades. Os relatórios foram publicados em 104 volumes na Série da Comissão Rondon, pela Reserva Técnica do Museu Histórico do Exército, em 1916, e pelo Museu do Índio, em 1919, no Rio de Janeiro. As conferências foram proferidas no Museu Fênix, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1915.

⁵⁴Na obra: MENDES, Matias Alves; SILVA, Eunice Bueno da. **Síntese da Literatura de Rondônia**. Porto-Velho: Gênese Top, 1984.

nessa terra, mas sim aqueles que buscaram de alguma forma retratar algo da região (Estado, Território, etc.) através da expressão escrita, ou que vivem ou viveram realmente nessa terra. (MENDES & BUENO, 1984, p. 15-16).

Por outro lado, Badra (1987)⁵⁵ destaca o fenômeno da migração como um dos fatores que dificultam a conceituação e a caracterização da literatura rondoniense. O autor afirma: “A imigração desenfreada sofrida por Rondônia, que colocou os nativos na condição de minoritários dentro de seu próprio Estado, tornou difícil a conceituação de “Literatura de Rondônia”, já que não podemos prescindir da participação dos alienígenas em nossas letras” (BADRA, 1987, p. 27).

Vale mencionar, de forma preliminar, que em Rondônia há, predominantemente, dois tipos bem diferentes de obras chamadas literárias: as produções que procuram vincular-se à tradição dos “pioneiros” e as que querem romper com a tradição e inaugurar uma “Rondônia de todos”. Nesse sentido, o escritor Antônio Cândido da Silva⁵⁶ relata:

A literatura em Rondônia, a meu ver, ainda está naquele estágio inicial de conflito e dividida em duas vertentes. Uma ligada à conquista do espaço feita, principalmente, na área de Porto Velho e Guajará-Mirim e outra ligada às novas áreas de ocupação e regionalizada pelo migrante de diversas partes do Brasil, como os gaúchos em Vilhena, paranaenses em Ji-Paraná e Ouro Preto d’Oeste.

Podemos afirmar que em Rondônia, na década de 1980, destacaram-se duas manifestações literárias: a regionalista e a madeirista⁵⁷ e que, ao longo dessa década, a produção literária se configurou como um “campo de batalha” privilegiado, devido às tensões existentes entre os autores autóctones e os autores migrantes. Essa tensão foi intensificada a partir do Manifesto Madeirista e da publicação de artigos com críticas contundentes aos autores “pioneiros”. Podemos citar como exemplos, os artigos: Crítica literária nas rondônias; Literatura em Rondônia; Madeirismo versus Minhoquismo; As antas e o Madeirismo; Literatura provinciana: Rondônias e outros, publicados pelos fundadores do Madeirismo, em um caderno de criação intitulado “Madeirismo: ensaios libertinos⁵⁸”.

⁵⁵No caderno cultural “Literatura de Rondônia”, publicado pelo Conselho Estadual de Cultura, no ano de 1987.

⁵⁶Em entrevista e conversas informais.

⁵⁷Enfatizamos que o Madeirismo não produziu nenhuma antologia, apenas manifestos.

⁵⁸CALDAS, Alberto Lins; MOREIRA, Carlos; ALVARES, Joaser. **Madeirismo: Ensaios Libertinos**. Caderno de Criação nº. 24, Ano VII, Dezembro, Porto Velho, 2000.

⁵⁹Fonte: <http://movimentomadeirista.blogspot.com>. Acessado em: 18/05/2014, às 19h40min,

Podemos, também, exemplificar essa tensão a partir da corrente literária regionalista, defendida por Matias Alves Mendes, importante historiador e literato, que ignorava o “madeirismo” como vertente literária válida, enquanto o autor Alberto Lins Caldas, historiador e literato e um dos autores do Manifesto Madeirista, defendia que o “madeirismo” era o único movimento literário genuinamente rondoniense. Falando sobre o movimento, o autor afirmava que⁵⁹:

O “madeirismo” surgiu contra os bairrismos, os localismos, os regionalismos, os nacionalismos e, por mais estranho que pareça contra tudo aquilo que se proclama universal [...]. O madeirismo colocou outro horizonte, o do enfrentamento desse horror, seja com o silêncio do poema, seja com a alegoria brutal da prosa, seja com a arte que não aceita sua inescapável servidão, seja com uma crítica e uma filosofia em constante guerrilha como a hermenêutica do presente, que lutou contra uma universidade “ninho de ratazanas”.

Esse contraste expressava a necessidade dos “pioneiros” de manter os espaços conquistados⁶⁰, diante das fortes correntes migratórias que também queriam conquistar esses espaços. Nesse contexto, observamos poucas ações do governo estadual e dos governos municipais, pois os autores “pioneiros” foram sendo fortalecidos pela criação das academias de Letras que surgiram e que, inicialmente, só admitiam os pioneiros e seus afetos. Enfim, essa tensão foi sendo fortalecida ao longo da história da construção literária de Rondônia.

Conforme Rubens Vaz Cavalcante⁶¹, na década de 1980, em Porto-Velho foram publicadas diversas obras que tematizaram a paisagem natural e humana da Amazônia, evidenciando a existência de um movimento literário de caráter regionalista, que, na época, foi denominado literatura regional. Ressalta-se que na atualidade essa inter-relação da literatura com os temas regionais é expressa, principalmente, pelos fatos históricos e lendários, tendo destaque a construção da E.F.M.M., a formação dos seringais e dos garimpos, a construção da BR 364. As grandes personalidades históricas também são temas da produção literária rondoniense; porém, como já afirmamos, na literatura rondoniense, esses traços de regionalismo são evidenciados principalmente na prosa e, apesar do estado de

⁵⁹Fonte: <http://movimentomadeirista.blogspot.com>. Acessado em: 18/05/2014, às 19h40min,

⁶⁰Como podemos observar na obra: SILVA, Amizael Gomes da. **No rastro dos Pioneiros**: um pouco da história rondoniana. Porto Velho: Escopo Editora, 1984.

⁶¹No artigo: CAVALCANTE, Rubens Vaz. **Norte da produção cultural na região norte**: a poesia que nos frequenta. Revista Labirinto – Ano XIII, Dez. nº 19. Vol. XX, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br>. Acessado em: 20/10/2014.

Rondônia acolher povos indígenas de inúmeras etnias, a temática indianista ainda é explorada por poucos autores.

Em Rondônia, se, por um lado, a literatura de boa qualidade é universalista por seu conteúdo e forma, ela é regionalista por seu alcance e aplicação. Podemos fazer uma caracterização do caráter regional das produções literárias com base em outros critérios: um deles é o temático e o outro diz respeito aos leitores presumidos da obra.

Sobre o critério temático, que diz respeito à abordagem exclusiva de temas regionais, de uma forma histórica e evidentemente parcial, a literatura é caracterizada por um espírito “sectário” e “bairrista” em relação às coisas da própria terra. Nesse aspecto, grande parte dos textos literários em prosa escritos em Rondônia apresenta essa natureza regional.

Em relação aos leitores presumidos das obras, geralmente, estes já são definidos pela forma de publicação, pois, ao longo da história, a maioria das obras de literatura de Rondônia teve sua publicação particular (financiada pelo próprio autor ou por patrocinadores) em pequenas gráficas, distribuição limitada exclusivamente ao próprio estado, muitas delas com apoio de governos municipais ou do Governo Estadual, com distribuição gratuita ou preços irrisórios praticados nos eventos de lançamento dentro do próprio estado, sendo raras as edições “nacionais”.

Se considerarmos esses dois critérios: conteúdo de abordagem laudatória em relação à própria terra e publicação de caráter local ou regional, presumidamente, para leitores locais, a literatura produzida em Rondônia tem um retrato mais fiel do que queremos dizer com "Literatura Regional". Asseveramos que nenhum dos dois critérios tem, aqui, qualquer conotação depreciativa ou desqualificadora. Pelo contrário, é justamente a junção desses critérios que nos permite a seleção exata dos textos com os quais trabalhamos nesta pesquisa. Aliás, em nada a aplicação desses critérios exclui a universalidade dos textos que ora abordamos.

Para dirimir dúvidas em relação à Literatura de Rondônia, Abnael Machado de Lima⁶² explica que o processo de colonização da Amazônia rondoniense e as relações políticas, sociais e econômicas implementadas no

⁶² No artigo: Respondendo a uma consulta sobre Literatura de Rondônia, publicado em 01/05/2011, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br>. Acessado em: 19/05/2014, às 10h40min.

período do Território Federal de Rondônia, baseadas na exploração das riquezas e, geralmente descompromissadas com o povo e a cultura local, impuseram graves prejuízos culturais e dificuldades na conceituação e caracterização da literatura de Rondônia. O autor explica que:

- Literatura de Rondônia constitui-se das obras literárias poesia e prosa de momentos, de motivos, individual ou coletivo, sociais, políticos, históricos e geográficos de Rondônia;
- Literatura em Rondônia constitui-se das obras literárias produzidas em Rondônia inspiradas em momentos e temáticas, do meio social de origem dos autores;
- Literatura sobre Rondônia constitui-se das obras produzidas sobre Rondônia, por autores nacionais e estrangeiros residentes em outro Estado e país. (LIMA, 2011, p.05).

A literatura rondoniense não está desvinculada das vivências e dos saberes específicos; historicamente, ela foi construída e orientada pela realidade objetiva, subjetiva e dinâmica. Nesse sentido, sabemos que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade, pois como ela é dividida em grupos sociais, com interesses muitas vezes antagônicos, produz ideias divergentes.

Assim, nesse trabalho, não iremos discutir as diferenças entre os tipos de manifestações literárias que constituíram a literatura rondoniense. Verificaremos os substratos culturais atuantes na constituição da literatura rondoniense, priorizando, porém, o estudo dos autores Paulo Cordeiro Saldanha e Antônio Cândido da Silva, cujas obras integram a vertente mais “tradicional”, geralmente, nomeada literatura regionalista.

CAPÍTULO II

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA LITERATURA DE RONDÔNIA

2.1 História e Literatura: os fios narrativos entremeados pela memória

Estabelecer relações entre história e literatura não é uma tarefa simples, pois tanto a história quanto a literatura constroem representações próprias acerca da realidade, de forma a estabelecer algumas similitudes e distinções entre ambas. Sendo a representação um conceito utilizado tanto pela história, quanto pela literatura, apresentamos, de forma sucinta, definições para esse termo.

Roger Chartier, na obra “A história cultural” define o conceito de representação como: “[...] instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é.” (1990, p. 20). Corroborando o pensamento de Chartier, Sandra Jatahy Pesavento, na obra “História e História cultural”, afirma que o processo de substituição é a ideia central do conceito de representação: “[...] representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é apresentar de novo, que dá a ver com uma ausência.” (2012, p. 40).

Antonio Candido, na obra “Literatura e sociedade”, discute esse aspecto e afirma: “A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.” (1973, p. 62). Dessa forma, a ficcionalidade não é o único fator utilizado para definir o caráter da literariedade, pois as obras literárias também dialogam com outros campos do conhecimento, revestindo-se, principalmente, com significados sócio-históricos e culturais.

Ao discutir sobre questões de literatura e de estética, Bakhtin afirma que “O conceito de estético não pode ser extraído da obra de arte pela via intuitiva ou empírica: ele será ingênuo, subjetivo e instável; para se definir de forma segura e precisa esse conceito, há necessidade de uma definição recíproca com outros domínios, na unidade da cultura humana [...]” (BAKHTIN, 1998, p. 16). Com base na

concepção bakhtiniana, compreendemos que há, na literatura produzida em Rondônia, uma inter-relação com a História e, a partir dessa concepção, pretendemos delinear, neste trabalho, alguns traços que irão caracterizar, no conjunto das obras, vozes e marcas identitárias dos sujeitos da Amazônia rondoniense.

Vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que expressam a literariedade, as manifestações literárias de Rondônia abrangem um grande número de temáticas históricas. Sobre esse assunto, Abnael Machado de Lima, historiador rondoniense, em entrevista, afirma que nas manifestações literárias rondonienses “[...] predomina ainda o telurismo consequente da perene reminiscência do labor e sacrifício dos ancestrais, para conquistarem e imporem a civilização no agreste meio ambiente, arraigado em suas mentes, exteriorizado em suas produções literárias.” (LIMA, 2014, p. 8)⁶³.

Conforme Antonio Candido, na obra “Literatura e sociedade”, as relações entre Literatura e História ficaram mais perceptíveis a partir do século XIX, com o surgimento do romance histórico o qual, apesar de se apoiar em documentação histórica, tem como principal componente da estruturação da narrativa a matéria ficcional. Portanto, o romance histórico tem caráter híbrido.

Assim, podemos afirmar que o aspecto social da obra funciona como elemento que desempenha um papel importante na construção de sua estrutura, tornando-se, portanto, um elemento interno. Ou seja, no discurso histórico, texto e contexto são indissociáveis, mas nem sempre um depende do outro para se materializar. O texto literário, por sua vez, poderá lançar mão ou não do contexto; este, quando utilizado, torna-se uma espécie de argila para a construção da literatura.

Reis & Lopes, no “Dicionário de Teoria da Narratologia”, definem as especificidades do texto literário e postulam que, nesse campo, as fronteiras são híbridas e fluidas. Os referidos autores também apresentam um conceito de ficção, afirmando que as obras literárias constituem um mundo imaginário: “Trata-se do ato ou efeito de fingimento, coisa imaginária, irreal, criação, construção de mundos possíveis” (REIS & LOPES, 1994, p. 159-163). Assim sendo, a literatura não tem, necessariamente, compromisso com a veracidade dos fatos, embora, muitas vezes,

⁶³De acordo com o historiador rondoniense Abnael Machado de Lima, em entrevista concedida para esta pesquisa em junho de 2014.

o lugar de enunciação sirva de base para a construção das representações sociais e dos discursos histórico ou literário.

Por outro lado, é evidente que os fatos históricos são elementos importantes para a materialização do texto literário, pois este, embora não tenha preocupação com a realidade, utiliza-se dela. Nesse sentido, destacamos a relevância da cientificidade do discurso histórico sem, contudo, dissociá-lo do discurso literário, porque, apesar das aproximações e distanciamentos, ambos estão inter-relacionados aos sistemas constituídos no contexto social e, tanto a história quanto a literatura, são campos que se interpenetram e apropriam-se da força dos eventos do passado para se constituírem. Nessa perspectiva, Baccega, na obra “Palavra e discurso: história e literatura” enfatiza que “[...] os discursos literários estão presos às “séries” literárias da sociedade em que se instauram e os discursos históricos às “séries” do estudo da história daquela sociedade. (BACCEGA, 2007, p. 81). A partir da citação acima é possível entender as motivações de cada discurso. O literário está voltado mais para o estético; já o segundo está mais direcionado para a representação daquilo que se considera “verdade”.

Retomando as concepções de Chartier: “[...] não se devem apagar as fronteiras entre as narrativas do historiador e do ficcionista, já que a mera busca de documentos que comprovam ou não as hipóteses esclarece a natureza diversa dos discursos” (CHARTIER, 2011, p. 11). Na esteira de Chartier, Nunes afirma que: “Por definição, a História é ciência factual, e é, a esse título, diametralmente oposta à ficção; [...] O primeiro divisor entre a História e a ficção é o recurso dos documentos que avalizam a reconstrução do passado [...]” (NUNES, 2008, p. 41- 42). Nesse sentido, a escritura de muitos autores rondonienses demonstra como o fazer artístico está imbricado com o texto da história; portanto, a literatura constitui-se um campo privilegiado para a leitura dos acontecimentos históricos, para a reconstituição das memórias sociais e coletivas e para a compreensão das simbologias e representações constituidoras das identidades. Nessa perspectiva, Nunes (1988) afirma que:

[...] narrar é contar uma história, e contar uma história é desenrolar a experiência humana do tempo. A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação. A narrativa histórica

desenrola-o por força da mimeses, em que implica a elaboração do tempo histórico, ligando o tempo natural ao cronológico. (NUNES, 1988, p. 34).

Eneida Maria de Souza, na obra “Crítica cult” corrobora essa visão afirmando que a literatura sempre se nutriu de outras fontes, pois o texto literário se projeta em outros campos. “Por transitar entre discursos e funcionar como referência constante para a construção de objetos teóricos de outras disciplinas, o discurso ficcional está cada vez mais vivo e presente.” (SOUZA, 2007, p. 24). A partir dessa concepção, entendemos que a literatura não é apenas um fenômeno estético, visto que os elementos sócio-histórico e culturais também estão contidos no texto literário e, por conseguinte, a cosmovisão, a idiossincrasia, e a cultura do sujeito-escritor emergem do interior do construto artístico, por esses elementos serem indissociáveis do texto. Podemos ainda afirmar que a arte é um construto existencial, uma construção estética intencional e não pode ser concebida como um elemento externo ao ser humano, pois, embora muitas vezes assuma um caráter ideológico ou formal, ela deve ser encarada como a experiência de uma dada realidade.

Bourdieu (1996), a partir de uma teorização consistente, estabelece o conceito de “campo social” e mostra como a sociedade se organiza e se divide em diversos campos: político, científico, educacional, filosófico, artístico etc. Na concepção do referido autor, os campos sociais são espaços construídos por proposições determinadas, a partir dos interesses e das relações de poder estabelecidas entre os sujeitos sociais. Bourdieu considera que o campo literário tem sido foco de estudo de diferentes linhas de pesquisa: sociológicas, filosóficas, antropológicas, linguísticas, históricas, etc. Ele propõe que se estude o texto literário em todos os sentidos, relacionando autor/leitor, texto/contexto, autor/texto, leitor/época, autor/autores.

Para o referido autor, a noção de campo pressupõe uma pluralidade de manifestações sociais, com autonomia relativa, pois, as relações entre os sujeitos sociais e as organizações são mediatizadas por diferentes ideologias e pelas especificidades de cada campo. Vale ressaltar que a linguagem permeia todos os campos da atividade humana, constituindo-se em um terreno comum na interação entre eles. Porém, principalmente nos textos canônicos, os discursos se materializam a partir de diferentes enunciados que são caracterizados pela elaboração de uma linguagem/terminologia própria para falar de seus componentes.

Nesse sentido, destacamos que no campo literário as margens não são rigidamente determinadas, pois nele se mesclam diferentes estilos.

Na obra “As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário”, Bourdieu afirma que cada campo do conhecimento possui seus princípios e regras de organização e destaca que a dimensão histórica é importante em todas as ciências sociais:

O campo literário (etc.) é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam (seja, para tomar pontos muito afastados, a do autor de peças de sucesso ou a do poeta de vanguarda), ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças. (BOURDIEU, 1996, p. 262-263).

Nessa mesma linha de pensamento, Carlos Reis, na obra “O conhecimento da Literatura”, também discute sobre o campo literário e as fronteiras da literatura. Ele afirma que a literatura constitui um campo de representação de sentidos; define as especificidades do texto literário e postula que, nesse campo, as fronteiras são híbridas e fluidas:

[...] não raro, as obras literárias revestem-se de um certo significado histórico-cultural, em conexão direta com a sua capacidade para dialogarem com a história, com a sociedade e com a cultura que as envolvem que envezadamente as motivam [...].” (2013, p. 20).

Isso significa dizer que o campo literário está em constante construção, a partir da interação com os discursos de outros campos do conhecimento. Assim, a literatura, bem como os estudos literários devem se abrir para outras áreas do saber com o objetivo, entre outros, de entender a sociedade e suas nuances por intermédio dos textos literários. Com base nesses pressupostos, os estudos sobre as manifestações literárias em Rondônia devem, necessariamente, considerar o processo histórico na (re) constituição das Identidades, da Cultura e da História, pois os fragmentos, as relações, as falas, as imagens e os documentos visam o registro crítico, rigoroso e metódico das vivências cotidianas relacionadas aos textos literários, científicos e cotidianos das histórias, das culturas, das representações rondonienses e de outros povos.

Sandra Jatay Pesavento, na obra “História & História Cultural” afirma que a história: [...] é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o

presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.” (2012, p. 58-59). Desse modo, compreendemos que a narrativa histórica é um construto intertextual que possibilita aos pesquisadores de outros do campos do conhecimento o acesso a informações que podem ser reconfiguradas e ressignificadas, pois, na perspectiva cultural, a história representa as experiências dos homens no espaço e no tempo, possibilitando a um único fato, uma multiplicidade de enfoques.

No artigo “História & literatura: uma velha-nova história”, Pesavento também discute a questão do diálogo da história com a literatura e aponta as aproximações e distanciamentos entre esses campos do conhecimento, destacando que o texto literário possibilita ao historiador o acesso ao imaginário, fornecendo-lhe fontes e pistas importantes para o registro da história. “Literatura e história são narrativas que têm o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo constituindo outra versão [...] como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam.” (PESAVENTO, 2006, p. 14). Destacamos que fazer a distinção entre o fato e a ficção é um processo importante, porém, esse aspecto muitas vezes é questionável, pois tanto a narrativa histórica quanto a narrativa literária não recuperam o fato em si, elas apenas expressam uma perspectiva do historiador ou do literato. Ou seja, fazem uma alusão, um simulacro que é evidenciado no interior de cada texto, seja ele literário ou não.

De acordo com os autores da crítica literária, dentre eles, Candido (2006), as relações entre Literatura e História ficaram mais perceptíveis a partir do século XIX, com o surgimento do romance histórico, o qual, apesar de se apoiar em documentação histórica, tem como principal componente da estruturação da narrativa a matéria ficcional. Portanto, o romance histórico tem caráter híbrido. Além disso, Candido também afirma:

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2006, p.13-14).

Conforme a citação acima, podemos afirmar que o aspecto social da obra desempenha um papel importante na constituição da estrutura da obra, tornando-se, portanto, um elemento interno. Sobre esse aspecto, Chartier afirma que “[...] o

discurso do historiador desenvolve procedimentos discursivos muito diferentes no que se refere ao desnudamento da ficcionalidade. O historiador, ao contrário do romancista, trata de disseminar ao longo do texto instâncias de legitimação extratextual [...]” (CHARTIER, 2011, p. 13).

Neste estudo, a linguagem literária será compreendida, de acordo com a concepção bakhtiniana, articulada aos estudos culturais, considerando as singularidades dos significados das marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos. Nessa perspectiva, Nitri (2000), baseando-se nas concepções de Bakhtin, aborda o conceito de “palavra literária” e apresenta a seguinte explicação:

Para Bakhtin, a “palavra literária”, isto é, a unidade mínima da estrutura literária não se congela num ponto, num sentido fixo; ao contrário, constitui um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, a do destinatário (ou da personagem), do contexto atual ou anterior. O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las. (NITRI, 2000, p. 159).

Também é fundamental pensarmos nas proposições de Achugar, na obra “Planetas sem boca” (2006), em relação ao *locus* de enunciação do sujeito escritor; este está condicionado/enquadrado pela cultura, idiossincrasia, história, cosmogonia do território onde escreve. Assim, constructos artísticos e cultura são indissociáveis. Logo, a literatura produzida em Rondônia está carregada dos elementos culturais que permeiam esse lugar. Entende-se, entretanto, que no campo literário, o processo enunciativo não está necessariamente vinculado a um lugar concreto, pois conforme Achugar: “[...] Um saber que fala de um lugar, mas também acredita, deseja, imagina, constrói, ficcionaliza esse lugar [...] também atravessa todo o discurso é sempre formulado a partir de um lugar que é verdadeiro e imaginado, concreto e desejado, histórico e ficcional.” (2006, p. 19).

O lugar da enunciação cultural, conforme as palavras de Achugar, será sempre a sustentação/ a base da escritura, algo a que o sujeito escritor está indissociavelmente ligado e dele, por mais que queira não se pode escapar. Em outras palavras, o *locus* de enunciação “aprisiona” o sujeito escritor que poderá falar de outra coisa que não de sua cultura, idiossincrasia, cosmogonia, cosmovisão, etc. Pode até falar de objetos que remetem a outros tempos e a outros territórios de

enunciação e a outras culturas, no entanto, suas marcas e visão do objeto tratado sempre estarão presentes nos textos que tratem do Outro.

A partir das proposições de Achugar (2006), Bourdieu (1996/2010), Bakhtin (1979/2002), Bhabha (2003) e outros, podemos afirmar que o texto literário opõe-se à referencialidade, ou seja, não tem nenhuma obrigação com os fatos do mundo empírico/histórico, pois a literatura não é nem verdade nem mentira, mas sim, uma perspectiva que propõe questões que poderiam vir a ser. Já o discurso propriamente histórico está sempre em suspeita, em questionamento por se prestar a função de representar os fatos do passado. Não se trata, no entanto, de inferir a soberania do texto literário em detrimento do histórico. O que se discute é descompromisso da literatura com a “verdade.”

Para Lucília de Almeida Neves Delgado, “A História, como forma de saber, que faz da memória uma de suas principais fontes de conhecimento, não tem como traço inerente a mesma liberdade criativa das obras escritas por ficcionistas e poetas [...]” (DELGADO, 2006, p.65). Porém, observamos que nos livros de História regional há muitas contradições, inclusive, esse aspecto foi registrado na obra “Enganos da nossa História”, publicada em 2007, pelo escritor rondoniense Antônio Cândido da Silva. Nesse sentido, enfatizamos que a dificuldade de acesso a fontes documentais e a utilização de métodos de pesquisas adequados são problemas enfrentados, constantemente, pela maioria dos historiadores rondonienses, pois grande parte dos documentos históricos e fontes oficiais, principalmente os documentos mais antigos, encontram-se nos acervos históricos dos estados de Mato Grosso, Amazonas e até mesmo em outros países⁶⁴. Vale ressaltar que tanto historiadores quanto literatos tentam reconstituir a história a partir de novos tipos de fontes, como testemunhos, registro de memórias, registros fotográficos e outros.

Conforme Baccega, “[...] O discurso da história, para constituir-se, utiliza-se de todos os textos de todos os códigos, de todos os campos semiológicos, em cujo trânsito o homem, afinal, vive. São esses textos que possibilitarão ao homem reconstruir o passado a cada geração.” (BACCEGA, 2007, p. 66). Por outro lado, o discurso literário é caracterizado pela referida autora, como um ponto de encontro, onde se mesclam diferentes discursos, ideologias e temporalidades. Ou seja, já está mais que provado por Antonie Compagon, Silviano Santiago, Jorge Luis Borges,

⁶⁴Como por exemplo, Estados Unidos, Alemanha e outros...

Eneida Maria de Souza, entre tantos outros, que o discurso literário é *altamente* polifônico e dialógico, ou seja, nunca nasce de um vácuo ou vazio literário, mas sempre de outros textos, sejam eles literários ou não.

Nessa perspectiva, Abnael Machado de Lima, um dos mais importantes historiadores de Rondônia, afirma⁶⁵ que: “A literatura é um segmento da cultura, assim sendo, é parte intrínseca da história a exposto em suas formas de externar o comportamento, os conceitos, o pensar, o agir de cada geração, de cada época, na respectiva produção literária. Rondônia não poderia ser diferente.” Na esteira de Lima, destacamos a concepção do historiador rondoniense Marco Antônio Domingues Teixeira⁶⁶. Ele também corrobora essa visão e defende que: “Sempre existem correlações entre a produção literária e a História de uma sociedade. A produção literária: crônicas, artigos de jornais, poesias, romances são sempre importantes fontes primárias para o estudo da história.” Assim, podemos afirmar que os saberes históricos e culturais fazem parte da construção e da constituição das formas narrativo-identitárias singulares dos povos rondonienses, pois os textos literários podem ser lidos como entretenimento ou como uma fonte documental para a compreensão crítica da história da sociedade na qual o leitor está inserido.

2.2 Espaços fronteiras e identidades em Rondônia

Para compreender a constituição da Literatura de Rondônia é preciso discutir sobre a construção da cultura e da literatura em um contexto de múltiplas fronteiras e identidades, pois a dinâmica das fronteiras tanto em Rondônia como em outros estados da Amazônia sempre foi constituída e evidenciada pela pluriethnicidade e pela multiplicidade de discursos, que se configuraram a partir dos aspectos geográficos, históricos, políticos, sociais, culturais, identitários, dentre outros. Porém, enfatizamos que a literatura de Rondônia sempre foi especialmente voltada para os temas da construção histórico-político-social do Estado.

Sobre esse aspecto, ao falar sobre as manifestações literárias De Rondônia, o escritor rondoniense Paulo Cordeiro Saldanha (2014), afirma que: “[...] a vertente que se sobressai é a regionalista, onde o foco traduz uma direção: falar das

⁶⁵Em entrevista concedida em maio de 2014, para elaboração deste trabalho.

⁶⁶Em entrevista concedida em maio de 2014, para a elaboração deste trabalho.

raízes, da história, das lendas e dos fatos acontecidos [...], enaltece o homem do passado e suas realizações, como paradigma, como exemplo a ser seguido [...].” Nesse sentido, destacamos que, em um contexto multicultural, o estudo da produção literária deve ser entrelaçado às relações presente-passado-futuro, compreendendo os saberes, as práticas e as tradições locais dos povos, para desvelar e desconstruir as narrativas e as imagens negadoras das histórias da vida cotidiana.

Ao discutir sobre questões relativas a fronteiras e deslocamentos, Pesavento, na obra “Fronteiras do Milênio”, afirma que há “[...] uma tendência a pensar as fronteiras a parte de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político.” (2001, p.7-8). Porém, a partir das concepções de Hanciau⁶⁷, destacamos que a definição de fronteira pode ser tratada de uma forma mais ampla, principalmente na atualidade, pois ela deve também pode ser concebida como um “[...] conceito que avança para os domínios da construção simbólica de pertencimento denominada identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária, definido pela diferença e alteridade na relação com o outro.” (HANCIAU, 2005, p. 133). Ou seja, as fronteiras são marcos simbólicos que podem representar o espaço físico, social onde os indivíduos e os grupos interagem e se constituem.

Conforme Hanciau, “Além de abarcar amplos domínios, as fronteiras muitas vezes são porosas, permeáveis, flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas. [...] aparecem tanto reais como imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis” (2005, p. 133). Essa definição nos ajuda a compreender a configuração da produção literária rondoniense, principalmente porque, no estado, além das migrações externas, houve também processos migratórios internos e, de acordo com o desenvolvimento dos ciclos econômicos, os deslocamentos foram acontecendo. Com isso, houve uma grande influência da cultura de outros povos na produção da cultura local.

Na concepção de Saldanha (2014)⁶⁸:

[...] é evidente que a migração traz em seu bojo, o desejo de mudanças, o ímpeto por transformações. Há situações em que a migração deseja impor a cultura da região de origem da população acolhida. Termos, palavras, a cultura popular (música, a dança) dessas populações acabam se sobrepondo àquela nativa. Na literatura regional, o parceleiro que se localiza no eixo da BR 364, ao falar do seu pioneirismo nos assentamentos

⁶⁷No artigo Entre- lugar.

⁶⁸Escritor rondoniense Paulo Cordeiro Saldanha, em entrevista concedida em junho de 2014, para a elaboração deste trabalho.

rurais se remete enquanto literato, para as terras sulistas e/ou nordestinas, de onde veio, desejando encontrar (e logo) o progresso de lá se contrapondo às dificuldades que aqui encontrou e se defronta.

Assim, talvez não seja demasiado enfatizar que a constituição das fronteiras nas comunidades da Amazônia rondoniense nem sempre foram pacíficas, desinteressadas e apolíticas, pois, durante muito tempo, o processo de ocupação em Rondônia foi marcado por intensos conflitos entre os migrantes e a população autóctone. Esta última privada de benefícios e recursos que, geralmente, eram destinados a uma minoria que centralizava o poder na região.

Conforme Tomaz Tadeu da Silva⁶⁹, a exclusão social inclui “[...] desde esferas concretas e materiais, como o emprego, o trabalho e a renda daí decorrentes, até bens e recursos que podem ser considerados mais simbólicos e afetivos [...]” (SILVA, 2000, p. 57). Em Rondônia, esses conflitos e embates geraram modificações tanto nas fronteiras geográficas quanto nas fronteiras culturais, principalmente no *locus* a que remete esta pesquisa: municípios de Porto-Velho e Guajará-Mirim. Nos dias atuais, em Rondônia, as fronteiras sociais ainda são muito violentas. Muitos povos indígenas ainda são perseguidos por madeireiros e garimpeiros; as terras dos parques e reservas biológicas e agroextrativistas ainda continuam sendo invadidas; há muitos garimpos ilegais e as relações com os povos da fronteira Brasil-Bolívia nem sempre são pacíficas, pois a fronteira é muito extensa e, apesar da presença das forças militares nacionais, há problemas de narcotráfico e transportes de outros contrabandos: armas, gasolina e outros. Nesse sentido, destacamos que a literatura de Rondônia, e, principalmente, a história de Rondônia, sempre foi altamente ideológica no sentido de “camuflar” alguns acontecimentos da região. Sobre essa questão, o escritor rondoniense José Valdir Pereira⁷⁰, afirma:

A história de Rondônia, tanto contada por historiadores como por literatos, apresenta muitas controvérsias [...]. Na ótica da literatura, até que se pode admitir misturar-se ficção e realidade quando se referir à história de Rondônia, mas a história propriamente dita, a real, verdadeira, escrita por historiadores, precisa ser legítima e retratar a verdade dos fatos; ser um relato do que realmente aconteceu, desde os primórdios de Rondônia.

Nessa perspectiva, a elaboração, a constituição e a tradução das culturas, nas fronteiras dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, *locus* englobado na pesquisa,

⁶⁹Na obra “Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico”.

⁷⁰Em entrevista concedida em julho de 2014, para a elaboração deste trabalho.

são complexas. Elas são articuladas, frequentemente, às memórias, aos relatos, ao ecossistema linguístico e às histórias de vida, produzidas pelos povos que vivem à margem desses rios. Ou seja, a vida é construída e reconstituída à margem das águas, onde os sujeitos sociais estabelecem relações com as fronteiras, que não os deveria separar, mas aproximá-los, ensinando-os a viver de forma coletiva, dialógica e dialeticamente as epistemologias, mediante a reconstituição de suas memórias e histórias.

A maioria dos povos indígenas que viviam na região onde hoje localiza-se o estado de Rondônia foram exterminados e banidos de suas terras durante o processo de formação do Território Federal de Rondônia, atualmente Estado e, posteriormente, foram recolhidos e assentados em terras demarcadas pela FUNAI. Nesse processo, muitos perderam elementos culturais importantes, pois a população que sobreviveu aos embates e aos massacres foi praticamente obrigada a conviver com diferentes etnias, devido à falta de espaço geográfico e de recursos para viverem em comunidades distintas. Discutindo sobre esse tema, Josélia Gomes Neves (2014)⁷¹ afirma que:

O Estado de Rondônia possui uma das mais significativas populações indígenas do país - cerca de 11 mil pessoas, distribuídas em 23 Terras Indígenas que representam um total de 20,82% da área do estado (GTA, 2008), abrigando etnias como os Arara, Gavião, Cinta-Larga, Suruí, Karitiana, Karipuna, Tupari, sabanê, aikanã, Makurap, Kaxarari, Oro Nao', Oro Win, Oro Mon, Oro Eo, Oro Waran, Oro Waran Xijein, Oro Cao Waje, Djeromitxi, Canoé, Salamã, dentre outros povos, além dos grupos urbanos, como os Cassupá, os ressurgidos como os Puruborá e os indígenas livres ou isolados. No entanto, todo este quadro, não garante por si só uma maior identificação multicultural e plurilinguística no imaginário da sociedade local.

A população indígena que habita, atualmente, o município de Guajará-Mirim vive sob a responsabilidade da FUNAI. Porém há um grupo que viveu durante muito tempo sob a responsabilidade da Diocese de Guajará-Mirim, em terras localizadas em uma região denominada Sagarana, nas margens do rio Guaporé. Outros grupos, dentre eles os Pacaás Novos, também se deslocaram de suas terras devido aos conflitos e violências sofridas na época da construção da E.F.M.M. e no auge dos seringais. Dessa forma, a dominação ideológica de missões religiosas e estrangeiras, sob o pretexto de proteger a população indígena, promoveu grandes

⁷¹NEVES, Josélia Gomes. **A UNIR e os povos indígenas de Rondônia: a invisibilidade do tema nas pautas dos reitoráveis na eleição 2012.** Disponível em <http://tudorondônia.com/noticias> - Acessado em 31/07/2014.

modificações em seus valores culturais e linguísticos. Também é importante registrar que, na década de 1950 e no início da década de 1960, o povo Oro Win foi vítima de violentos massacres. Esse povo habitava nas proximidades do Seringal São Luís quando foi atacado por um seringalista acompanhado por diversos seringueiros que trabalhavam no local. Após os massacres, os sobreviventes foram levados, pela FUNAI, para a terra indígena Rio Negro Ocaia, onde habitava o povo Oro Wari, na época, um povo inimigo. Somente em 1991, o povo indígena Oro Win retornou para sua terra.

Portanto, na Amazônia rondoniense, o processo de hibridização é evidente tanto entre a população indígena quanto entre a cultura da população migrante, destacando-se a interação da cultura do migrante nordestino com aquela dos migrantes sulistas.

Para explicar o conceito de hibridismo cultural, recorreremos aos estudos de Canclini (2011), mostrando que a desterritorialização dos processos simbólicos e as relações de poder contribuíram para a formação das cidades. Assim, a constituição de uma nova organização social e o surgimento das cidades ao longo da BR 364, em Rondônia, também foram responsáveis pelo surgimento de tensões e conflitos que geraram “[...] a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2011, p. 309).

Achugar também trata das questões culturais afirmando que: “[...] as paisagens culturais funcionam em vários e múltiplos tempos e direções.” (ACHUGAR, 1996, p. 846). Nesse sentido, as mudanças desencadeadas pelos ciclos migratórios impulsionaram o processo de aculturação que aconteceu pelo viés dos usos e costumes gerando, com isso, os hibridismos culturais com reflexos, também, na produção literária.

Quanto à influência da cultura negra na constituição da identidade rondoniense, conforme Cesar Albuquerque (2014)⁷², em Rondônia, a escravidão só aconteceu no Vale do Guaporé e existiu porque ali exploravam-se minas auríferas e se extraíam diamantes: “[...] no auge da exploração do ouro na região, os escravos eram trazidos do Rio de Janeiro ou de Minas Gerais, caminhavam até Pirenópolis, hoje Goiás e, finalmente, chegavam ao vale do Guaporé, em Mato Grosso.” O

⁷²Escritor rondoniense Cesar Romero Cavalcanti Albuquerque, em entrevista concedida em junho de 2014, para a elaboração deste trabalho.

referido autor também ressalta que, naquela época, os rios Amazonas, Madeira e Purus eram utilizados como rota de fuga dos escravos *os quais, fugindo do Maranhão ou do Pará, buscavam a liberdade no Peru ou na Bolívia*, países nos quais se extinguiu a escravidão no princípio de século XIX.

Esse aspecto é confirmado por Loureiro (1995) que, ao discutir sobre os elementos constituidores da cultura amazônica afirma:

Um outro elemento deve ser enfatizado na constituição cultural da Amazônia – a predominância do índio sobre o negro e o branco. E, evidentemente, os caboclos, isto é, mestiços descendentes de índios e brancos. É verdade que houve em vários pontos do território da Amazônia redutos negros de origens diversas: negros que fugiam do cativeiro e se embrenhavam nas matas, isolando-se com medo de perseguição, negros que vieram para executar algum trabalho específico (em especial a construção de fortes). (LOUREIRO, 1995, p. 24).

A identidade singular e plural, no contexto fronteiriço, seja dos povos das comunidades tradicionais do campo, como os ribeirinhos, é (re)construída na interação com o diferente, o estranho, o outro: Conforme Bhabha (2013, p.29), “[...] identidade como interação, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração. [...]” Assim, na construção e na constituição das fronteiras híbridas e multiculturais não há identidade e nem representação social acabadas, fixas e lineares, mas identidades e representações sociais em processos ininterruptos de (re) elaboração de sentidos e significados, tecidos diariamente no contexto dos embates hegemônicos e contra-hegemônicos, para reproduzir ou superar as desigualdades sociais, as violências, as exclusões e os processos de governo e disciplinamento dos saberes, históricos, sociais, ambientais e culturais híbridos das ciências e das práticas dos ribeirinhos, indígenas, quilombolas etc.

Bhabha (2013) também afirma que esses embates ocorrem porque é necessário reconhecer a identidade do outro e as diferenças socioculturais e, nesses espaços sociais onde as culturas díspares se encontram, as identidades são reconfiguradas:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético, ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (BHABHA, 2013, p. 27).

Sobre este aspecto, Paterson⁷³ também afirma que “[...] a alteridade diz respeito a nossa realidade vivida em todas as suas dimensões: pessoal, social, literária, institucional, política e ética.” (PATERSON, 2007, p. 14). No contexto das fronteiras rondonienses, a alteridade é muito importante porque, para conviver com a pluriethnicidade, é necessário respeitar as singularidades e evitar a construção dos estereótipos. Dessa forma, não podemos falar sobre a cultura amazônica rondoniense como se ela fosse homogênea. Apesar de alguns traços similares, sabemos que os modos de vida, as representações e as simbologias da população rondoniense se constitui em culturas díspares.

Por outro lado, quando nos referimos ao Estado de Rondônia, estamos nos referindo a um estado amazônico, formado a partir de processos migratórios distintos e constituído pela pluriethnicidade. Segundo Ecléa Bosi, no artigo “Cultura e desenraizamento”, publicado na obra organizada por Alfredo Bosi “Cultura brasileira: temas e situações”:

Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos – submissão – domínio, a cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade.” (BOSI, 1987, p. 16).

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que as práticas e os saberes culturais, sociais e históricos, também constituintes das identidades e das representações da população rondoniense, estão entrelaçadas ao devir de colonização e descolonização dos povos e das riquezas materiais e imateriais. Para Candido (2006, p. 127).

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização.

As diferenças da constituição do processo de colonização e de descolonização da cultura e da tecnologia, historicamente, são visíveis e invisíveis, silenciadas e contestadas, de acordo com os interesses públicos e privados, orientados por divergentes lógicas e várias relações de poder. As culturas dos povos rondonienses são permeadas por lógicas contrárias ao paradigma de pensar, sentir

⁷³No artigo: Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário.

e elaborar as imagens, as representações, as memórias e as histórias, isto é, “[...] A distinção de nossa cultura é manifestadamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus.” (HALL, 2003, p. 31).

As identidades, as representações sociais, as memórias individuais e coletivas (CERTEAU, 2003; HALBWACHS, 2006; LE GOFF, 2012), mitos, lendas, as narrativas, as imagens, as temporalidades, as culturas e os saberes locais, as práticas e dialógicas, (sobre)vivem “encarnadas” nos entendimentos de temporalidades e localidades.

De acordo com a concepção de Bhabha (2013), no contexto da fronteira neocolonial e pós-colonial, a identidade faz-se e refaz-se a todo momento, tempo e cultura, construindo e diluindo o imaginário social, qualificando e desqualificando as memórias híbridas culturais individuais e coletivas. No Estado de Rondônia, há também várias áreas compostas por reservas indígenas, biológicas e florestais e, nesse cenário, de isolamento e preservação, circulam histórias surpreendentes e místicas que poderiam povoar o imaginário dos escritores.

Conforme Loureiro, “A Amazônia saiu do isolamento não por um movimento centrífugo, mas centrípeto. Uma recorrente e paradoxal situação de fronteira, em que o alargamento se faz de fora para dentro, violentando a cultura.” (LOUREIRO, 1995, p. 415). Porém, no contexto rondoniense, as identidades não são constituídas apenas de desencontros, de violências e de desvalias, mas da possibilidade de encontros dialógico-ético-estéticos interculturais: representações, memórias, narrativas, saberes, ciências, práticas, recortadas e mobilizadas por intensos processos de deslocamentos e de hibridização cultural.

De acordo com Barzotto (2010, p. 2):

O híbrido tem por finalidade nomear algo ou alguém cuja formação é mista, derivada de fontes heterogêneas. Este termo passa a ser empregado fortemente nos estudos da cultura a partir dos deslocamentos e migrações acentuadas do século XX [...] O híbrido constitui a identidade do duplo, dinâmica, flexível e plurivocal em contraposição à concepção hierárquica da identidade pura, única, autêntica, univocal e uniforme que, além de infecunda, é anticomunitária.

Nesse contexto, as identidades são (re) produzidas e atravessadas pelos elementos simbólicos, que (re) definem as marcas das sociedades multiculturais, as representações sociais, as memórias individuais e coletivas. Essa heterogeneidade

é marcada por múltiplos discursos que se configuram não só a partir das territorialidades, mas, principalmente, a partir das relações de poder, das práticas sociais e dos modos de vida que são singulares em determinados contextos sociais. As relações sociais, aparentemente, são pacíficas. Porém, no interior das relações de poder, o silêncio pode estar constituído de práticas negadoras das identidades culturais dos outros, que não compartilham e nem pertencem à determinada cultura local:

[...] a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. São origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. [...] Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. [...]. (HALL, 2003, p. 30).

A compreensão da construção e da constituição da identidade, no contexto das fronteiras, não pode ser dissociada dos sentidos e dos significados atribuídos pelos povos, sejam ribeirinhos ou não, de acordo com interesses individuais e coletivos, públicos e privados, coloniais, neocoloniais ou pós-coloniais, convergentes e divergentes da importância das matrizes culturais híbridas: “[...] a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído. [...] a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistema de representação.” (SILVA, 2012, p. 89). O processo de construção e da constituição da identidade faz parte do processo de hibridização das culturas.

Ao abordar o tema das fronteiras culturais, Pratt (1999) utiliza a expressão “zonas de contato”, que corresponde aos espaços sociais onde as diferentes culturas se encontram e se inter-relacionam. Nesse espaço acontece o processo de hibridização e, a partir da assimilação de aspectos culturais, acontecem as mudanças que irão refletir na constituição das identidades e na produção da literatura. Bhabha também trata da questão da fronteira afirmando que:

[...] a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens [...]. (BHABHA, 2013, p. 24).

Quando afirmamos que em Rondônia há uma literatura regional estamos nos referindo, também, à literatura produzida em um contexto amazônico, Essa amazonicidade, oscila entre o local e o universal, pois toda produção literária pertence a um lugar ou a um entre-lugar. Dessa forma, diante dos confrontos gerados a partir das relações de poder, o entre-lugar é um espaço privilegiado para que as trocas culturais aconteçam e para que os sujeitos se reconheçam em suas singularidades e pluralidades.

Para compreender as diferenças em um contexto multicultural é multiétnico, pressupõe-se, segundo Paterson, a semantização de traços diferenciais. “[...] o pensamento verdadeiramente migrante reconsidera o processo de semantização das diferenças, pois é incontestavelmente na diferença aceita, respeitada e não semantizada que reside a esperança de novas configurações e relações identitárias.” (PATERSON, 2007, p. 17). Significa, principalmente, o reconhecimento das ambiguidades e complexidades das identidades. Ou seja, é necessário compreender o sentimento de pertença, pois a alteridade é um fenômeno que exige escolha pessoal e renúncias. Dessa forma, compreendemos que nas fronteiras “[...] as vozes que enaltecem as diferenças e refletem a respeito do trânsito, tempo e espaço/fronteiriço, com sua carga simbólica, suas hierarquias e seus limites [...]” (HANCIAU, 2005, p. 136).

Assim, em Rondônia, os saberes, os conhecimentos, as tecnologias e as práticas são inacabadas e dialéticas. Porém, nem sempre são dialógicas, pois não há incorporação significativa de valores indígenas nem na cultura branca, nem na cultura negra.

2.3 História, memória e identidade nas obras produzidas em Rondônia

Em Rondônia, os processos de constituição da história, da literatura e da memória estão, geralmente, inter-relacionados e refletidos, principalmente, nos textos em prosa. A junção desses elementos evidencia algumas características culturais amazônicas. Conforme já foi mencionado anteriormente, a localização geográfica e o processo de formação sociocultural do Estado favoreceram a construção de uma cultura plural, mas ao mesmo tempo singular, pois além de

situar-se em plena selva amazônica, o Estado possui uma extensa faixa de fronteira que alcança cerca de 1,3 mil quilômetros com a Bolívia.

O processo de formação e ocupação do Estado foi marcado pela ocorrência de vários ciclos migratórios multiculturais, resultando numa colonização voltada, principalmente, para a exploração das riquezas naturais, sem preocupação com a preservação, tornando a região conhecida mundialmente como o “Eldorado”, a “Terra Prometida” e outros diversos nomes que recebeu no seu percurso histórico. Nesse contexto, a identidade cultural rondoniense ainda está em processo de construção e as produções literárias ainda são incipientes. Na concepção do escritor rondoniense José Valdir Pereira⁷⁴

Um estado onde a maioria de sua população é formada por migrantes, dificilmente ganha uma identidade nativista, genuína, caracterizando a região, Rondônia. Talvez a literatura produzida no Vale do Guaporé e na região do baixo Madeira, com a liderança do poeta Matias Mendes e do escritor Paulo Saldanha, possa ensaiar algo nesse sentido.

O surgimento das cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim durante a construção da E.F.M.M., na primeira metade do século XX, proporcionou os deslocamentos de populações rurais-ribeirinhas para a formação dos centros urbanos, motivando o contato das pessoas com a cultura escrita, principalmente com os jornais produzidos naquela época e modificando, a partir dos símbolos de modernidade⁷⁵, as representações sociais da população. Nesse sentido, Loureiro (1995) afirma:

[...] é preciso entender que a cultura do mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana. Interpenetram-se mutuamente, embora as motivações criadoras de cada qual sejam relativamente distintas. (LOUREIRO, 1995, p. 55).

A população de Rondônia é constituída, também, por indivíduos que tecem suas práticas, suas subjetividades e seus saberes fundamentados na permanente construção de suas memórias, histórias, representações sociais, ou seja, nas suas relações interculturais e multiculturais. Nesse cenário, as narrativas literárias nem sempre influenciaram no desenvolvimento social e na constituição da cultura e das identidades, mas, de certa forma, em algumas obras, principalmente na prosa, é possível verificar que os autores procuraram estabelecer relações

⁷⁴Em entrevista concedida em julho de 2014, para a elaboração deste trabalho.

⁷⁵Aqui nos referimos aos maquinários às locomotivas, aos trilhos, a modificação da paisagem após o desmatamento da floresta, as construções de moradias, dentre outros.

socioculturais e produzir uma literatura com diversas marcas identitárias culturais resultantes do processo de constituição das referidas obras e do contexto sociocultural no qual os indivíduos estão inseridos.

Sobre esse aspecto, o historiador e escritor Marco Antônio Domingues Teixeira⁷⁶, considera que “[...] a literatura de Rondônia é rica em relatos de viajantes, poesias em diversos momentos e escolas, crônicas, artigos jornalísticos. Toda essa diversidade reflete os momentos de colonização e exploração das terras que formam o estado de Rondônia”. Na concepção desse escritor⁷⁷, a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses “[...] retratam sempre o momento histórico em que são produzidas e trazem junto consigo tanto a visão da nova terra a ser ocupada e colonizada, quanto parte daquilo que o migrante deixou para trás ao migrar.”

Para compreender a literatura rondoniense faz-se necessário compreender os processos migratórios. Sobre esse aspecto, Loureiro explica que “[...] a cultura amazônica, tal como se apresenta nos dias atuais, tem suas raízes fincadas numa trajetória histórica marcada por dois elementos fundamentais – isolamento e identidade.” (LOUREIRO, 2005, p. 17).

Nesse contexto, em razão do isolamento geográfico, do processo de povoamento e da sua vasta natureza, em Rondônia, ainda predomina a cultura de origem rural ribeirinha, que é constituída pelas comunidades ribeirinhas e reflete relações existentes entre homem e natureza, tendo o rio como um grande aliado e que dá suporte à vida regional.

Em várias regiões de Rondônia, principalmente nos vales dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, a exuberância da natureza, as riquezas naturais, a rusticidade dos modos de vida e as dificuldades impostas pela localização geográfica sempre foram determinantes para a constituição das identidades e das representações socioculturais, pois a relação íntima com a natureza faz com que esses sujeitos sociais se tornem singulares em meio à diversidade cultural amazônica, preservando os costumes tradicionais, principalmente da população indígena e da população nordestina. Ao conceituar a cultura amazônica, Loureiro afirma:

⁷⁶Em entrevista concedida em julho de 2014, para elaboração deste trabalho.

⁷⁷Em entrevista concedida em julho de 2014, para elaboração deste trabalho.

Entende-se por cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma cumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mas especificamente no período da borracha, migraram para a Amazônia. (LOUREIRO, 2001, p. 39).

A partir dessa concepção, é possível afirmar que as produções literárias rondonienses englobam fatos que envolvem o presente e o passado e, geralmente, os escritores da contemporaneidade, principalmente os que escrevem em prosa, reconstituem as memórias de seus antepassados ou de personagens que construíram seus modos de vida alicerçados nos costumes familiares, nas culturas, expressões e narrativas de acontecimentos marcantes que legitimam, reforçam e reproduzem a história e alguns traços da identidade local.

É importante mencionar que no contexto amazônico rondoniense, a literatura, a cultura e a história estabelecem relações híbridas e, ao mesmo tempo, singulares, com as identidades não-fixas, não-lineares, constituindo textos, vozes e silêncios.

Nesse sentido, conforme Loureiro:

Depara-se, assim, na Amazônia, com uma cultura de fisionomia própria, que é marcada por peculiaridades estetizantes significativas, com predomínio de componentes indígenas, mesclados a caracteres negros e europeus e cujo ator social e agente principal dessa é o caboclo, tipo étnico resultante da miscigenação do índio com o branco europeu ou não e cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza.” (LOUREIRO, 1995, p. 68).

Ainda de acordo com Loureiro (1995), na Amazônia podemos destacar dois grandes espaços tradicionais da cultura: o espaço da cultura urbana e o espaço da cultura rural. Assim, nesse trabalho, utilizamos, também, o conceito apresentado por Loureiro (2001), voltado às manifestações culturais, amazônicas que abrangem as culturas híbridas de seus habitantes e tem como maior destaque as contribuições dos povos migrantes e das raízes indígenas e caboclas do meio rural ribeirinho, que permeiam o viver amazônico:

A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando sua subjetividade, no consciente coletivo e dentro de peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si com a natureza. (LOUREIRO, 2001, p. 80).

É interessante destacar que a simbiose entre o homem e o rio é um elemento marcante no desenvolvimento e na constituição da identidade e da cultura do homem rondoniense, principalmente das populações ribeirinhas. Nesse sentido, Amaral (2009 p.133) afirma que: “Os rios da Amazônia podem representar muito mais que um referencial geográfico, podem revelar um significado maior, de um rio personificado que constrói memórias, [...]” Para Loureiro (2001, p.126), “O rio é tudo. Ele está intimamente ligado à cultura e à sua expressão simbólica”.

Sobre esse aspecto, Loureiro (1995) também afirma que a Amazônia é uma floresta de símbolos: “Na Amazônia as pessoas ainda vêem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram [...] procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar os sentidos das coisas em seu redor.” (LOUREIRO, 1995, p. 103). Esses elementos simbólicos fizeram com que a Amazônia se constituísse em um sistema multicultural e intercultural que ainda hoje persiste em algumas localidades.

Ao discutir sobre a cultura cabocla, Fraxe (2004) afirma que na Amazônia há várias correntes e grupos culturais, resultando em características antropológicas e culturais diversas como ritos, magias, costumes e linguagem que influenciaram o viver amazônico e seus traços culturais e que são percebidos até os dias atuais.

Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social, isto é, no âmbito de uma “cultura híbrida” com relação aos cânones urbanos, o caboclo busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo a mitos, lendas, plantas medicinais, rezadeiras, assim como ao trabalho, ao labor e ao lazer; onde o homem viveu e ainda vive, em algumas áreas de forma tradicional, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas dos rios e das chuvas, curando-se de suas doenças com plantas e ervas da floresta. (FRAXE, 2004, p. 20).

Assim, em Rondônia, as culturas estão frequentemente estabelecendo múltiplas temporalidades, representações, relações, aprendizagens e diálogos formais e informais, de forma pacífica ou conflituosa. Daí a vitalidade da história de vida das práticas sociais e culturais singulares cotidianas das populações locais. Não há uma Rondônia, mas várias Rondônias, pois as populações autóctones compreendem Rondônia de acordo com o pertencimento atribuído por elas à terra, como fonte de vida. Elas vivem as memórias, as narrativas e as histórias do passado a partir das falas dos mais velhos. Assim, a vida cotidiana é constituída de

representações sociais, entrelaçadas de suas biodiversidades. Diariamente, essas populações aprendem e ensinam a viver em uma região que, historicamente, foi marcada por conflitos e tensões de interesses. Fraxe (2004, p. 23) também afirma que:

A identidade da “cultura cabocla” [...] guarda relação com o registro de determinadas matrizes de pensamento e de comportamento secularmente registradas na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição da durabilidade e de persistência no tempo.

Dessa forma, é necessário escutar atentamente as falas cotidianas⁷⁸ dos povos rondonienses, e entendê-las à luz de suas vivências, de suas representações, de suas práticas e saberes, é, sem sombra de dúvidas, fundamental para a apreensão dos significados de suas memórias históricas, sociais, culturais, ambientais e linguísticas.

Conforme Lopes (2005, p. 48), “Os saberes históricos e culturais, fazem parte da construção e da constituição das formas narrativo-identitárias singulares dos povos.” Em diversas regiões de Rondônia, principalmente nas localidades do eixo Porto Velho – Guajará-Mirim, essa relação homem/rio proporciona a criação de uma cultura ímpar, constituída em torno da realidade social, possibilitando, desta forma, que os sujeitos rondonienses se constituam como seres singulares, revelando suas formas de vida.

De fato, as produções literárias não se desvinculam totalmente do contexto de produção no qual emergiram. Do mesmo modo, as memórias correspondem aos discursos representados e materializados pelos textos produzidos em determinados contextos de produção. Nesse sentido, as memórias permitem que as histórias de vida e as identidades sejam reconstituídas. Na concepção de Delgado: “A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades” (DELGADO, 2006, p.17).

O texto literário também reconstitui os registros históricos, possibilitando a leitura das experiências, das imagens e das representações pessoais e coletivas. Sobre esse aspecto, Delgado afirma que: “A memória traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagens, representações. Plena de substância social é

⁷⁸As falas dos povos da Amazônia rondoniense são fontes riquíssimas de saberes, informações e conhecimentos, isto é: “[...] as falas de informação dominam o cotidiano. [...]” (PAIS, 2003, p. 159).

bordado de múltiplos fios e incontáveis cores, que expressa a trama da existência, revelada por ênfases, lapsos, omissões” (DELGADO, 2006, p. 61). Nesse processo, as memórias singulares fazem parte da construção da literatura rondoniense e o aspecto histórico que permeia a narrativa evidencia a contribuição dos povos migrantes para a elaboração das marcas sociais, culturais e históricas.

Delgado também afirma que: “[...] a memória não é conservação, mas reordenamento, reconstrução de lembranças, porque a dinâmica das múltiplas temporalidades interfere no ato do relembrar, fazendo da memória e da identidade fenômenos dinâmicos dialéticos e potencialmente renováveis.” (DELGADO, 2006, p. 69). As memórias sociais são formadas por diversos fatores, costumes e crenças que fazem parte da sociedade em geral e, a partir da memória social, é possível identificar fatos marcantes no desenvolvimento de uma sociedade. Para Halbwachs (1992 p. 38):

A memória social é algo que construímos com o passar do tempo. Ela pode ser dinâmica, mutável e seletiva. [...] é seletiva porque nem tudo que é importante para o grupo fica gravado na memória, fica registrado para as gerações futuras.

O referido autor também propõe que se deve estudar a constituição da memória a partir de seu caráter coletivo, enfatizando que a memória se relaciona a outros aspectos, como o tempo em suas dimensões cronológica, psicológica, histórica, mítica etc. O cenário dos acontecimentos ou os sujeitos das práticas discursivas também são importantes para a constituição das memórias, pois elas se constroem e registram as experiências, os saberes, as sensações, as emoções e os sentimentos vivenciados no decorrer do tempo.

Segundo Foster (2011. p.19) “[...] a memória não é uma cópia fiel do mundo, não é como um DVD ou uma gravação em vídeo. Talvez seja útil pensar nela como uma influência do mundo sobre o indivíduo”. Portanto, é a partir da reconstituição da memória social que identificamos, nas recordações, marcas identitárias que influenciaram a linguagem, a cultura e os modos de vida.

De acordo com Delgado (2006), a partir da reconstituição da memória, registramos momentos vivenciados e conhecimentos construídos que são transmitidos conforme a cultura de cada povo, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a sua vida. (DELGADO, 2006, p. 16).

Dessa forma, consideramos que a memória social e a literatura estão amplamente inter-relacionadas, pois é a partir das manifestações culturais que construímos as imagens e os textos de referências que viabilizam a existência da memória. Na memória coletiva, estão presentes fatos que marcaram o viver local e evidenciaram os traços culturais que o influenciaram. Dentre eles, destacamos: personagens históricas ou folclóricas, acontecimentos do passado, histórias e lendas, crenças populares etc. Esses elementos, geralmente registrados nas composições literárias, constituem a memória social e as identidades culturais da população rondoniense.

Em relação às identidades, afirmamos, a partir das concepções teóricas estudadas, que no seu sentido singular, referem-se a características pelas quais os indivíduos se diferenciam. No sentido cultural, identidade está ligada a traços sociais e culturais presentes em uma determinada sociedade. Esses traços culturais são constituídos, também, através de vários elementos como: alimentação, vestuário, credos, religiões e linguagens. A identidade cultural, segundo Hall (2011), é repleta de traços presentes nos modos de vida dos grupos sociais. É tudo aquilo que caracteriza determinada sociedade. As marcas culturais se modificam no decorrer do tempo, pois a sociedade vive em constante transformação, recebendo influências constantemente.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" [...]. (HALL, 2011, p.38).

Assim, a partir da literatura produzida em Rondônia é possível analisar algumas marcas identitárias que foram influenciadas pelo desenvolvimento social, pois é através da cultura e do comportamento social dos indivíduos que a identidade se evidencia.

Sobre o tema cultura, é importante destacar a visão de Benedict (1972, p. 19): “As lentes através das quais uma nação olha a vida não são as mesmas que uma outra usa.” Dessa maneira, a cultura é uma construção histórica, que se constitui a partir dos contatos entre pessoas de culturas diferenciadas, cujas práticas sociais dependem das representações e dos significados a elas vinculados.

Conforme Delgado (2006, p. 56), “A construção de representações sobre passado, que é imutável, mas que pode ser ressignificado - é uma articulação, quase sempre marcada por disputas e por tensões [...]” Nesse sentido, as representações dos sujeitos rondonienses são plurais, principalmente porque durante o processo de colonização o contato entre diferentes grupos, principalmente no final do século XIX e início do século XX, ocorreu de forma plena.

De tudo o que já foi mencionado neste capítulo, deve-se esclarecer que a literatura de Rondônia ainda é uma literatura em formação e esse é um dos aspectos que evidenciam a singularidade de sua identidade. Nas últimas décadas, principalmente após o desenvolvimento dos municípios situados ao longo da BR 364, da implantação das universidades federal e privadas e da criação das Academias de Letras, nos municípios de Porto Velho, Guajará-Mirim, Cacoal e Vilhena, a literatura rondoniense enriqueceu-se com importantes obras e também foram publicadas algumas coletâneas. Porém, muitos autores rondonienses continuam produzindo as suas obras individualmente.

Contudo, o nosso objeto de estudo neste trabalho remete à produção literária dos municípios mais antigos do Estado: Porto Velho e Guajará-Mirim. Vale ressaltar que a Amazônia rondoniense é uma construção discursiva, fruto do imaginário. Portanto, defendemos que nestes municípios ainda é possível identificar alguns traços da identidade amazônica.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA, MEMÓRIA E FICÇÃO NA OBRA DE PAULO SALDANHA

Escrever acerca da obra de Paulo Cordeiro Saldanha não é uma tarefa simples, pois deste espaço de enunciação ecoam histórias singulares e uma imensurável quantidade de vozes, que, de forma fluída, representam alguns aspectos da História, da Cultura, da Memória e das Identidades dos povos dessa imensa fronteira da Amazônia rondoniense.

Em suas produções literárias, o autor aborda diversos aspectos da formação sociopolítica, histórica, geográfica e cultural do estado de Rondônia. Descreve, ainda, as histórias das personagens históricas e folclóricas que participaram da vida social/factual dos municípios de Porto Velho e de Guajará-Mirim/RO. Suas principais obras são os romances “O alferes e o coronel” (2008); “O oráculo da candelária” (2010); “Esperança: 50 anos depois...” (2011); “A regenerada comborça” (2014); “Os três xerifes da fronteira” (2015). Além dos romances acima mencionados, o autor publicou dois livros de crônicas intitulados “Prosa que desemboca em saudade” (2013) e “Prosa que desemboca em humor” (2015).

Ainda no tocante à gênese da obra de Paulo Saldanha, parece necessário mencionar, de forma preliminar, a saga dos Saldanha no Vale do Guaporé e no Território Federal de Rondônia, atualmente estado, pois a história dessa família se confunde com a história regional. Foi para registrar a história familiar que o escritor escreveu, em 2008, o seu primeiro romance intitulado “O alferes e o coronel”, cujo enredo gira em torno da vida do patriarca Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha – o Coronel Saldanha. A história regional também registra a significativa participação da família Saldanha no processo de criação e desenvolvimento do estado de Rondônia pois, nos primeiros anos da década de 1900, o referido Coronel e empreendedor amazônico fundou e gerenciou, dentre outros empreendimentos, a “*Guaporé Rubber Company*”, companhia inglesa que recebeu a concessão para trabalhar em todos os seringais dos vales do Mamoré e Guaporé e seus afluentes.

Após a decadência da extração da borracha, o Coronel Saldanha enviou um minucioso relatório ao Presidente da República, Getúlio Vargas, propondo a criação da Empresa Brasileira de Navegação nos rios Mamoré e Guaporé, com o objetivo de evitar o êxodo e manter a população fixada na extensa faixa de fronteira Brasil-Bolívia. O Presidente da República acatou a proposta e a empresa foi criada, tendo a subvenção do Governo Federal. Após a fundação da empresa, a população da fronteira aumentou consideravelmente e, ao longo dos rios, foram formados vários núcleos agrícolas e portos de lenha, e isso porque os barcos eram movidos a vapor e a motor de propulsão mecânica. A empresa desenvolveu um importante trabalho em toda a região e, após a implantação do Território Federal de Rondônia, foi vendida ao Governo Federal.

O Coronel Saldanha era um visionário. Em 1937, por exemplo, ele liderou um movimento em que, através de abaixo-assinado, demandava a criação do Território Federal do Guaporé, com sede em Guajará-Mirim, pois, além da estabilidade econômica, o município possuía uma forte representação política. Sobre este fato, informa o historiador Francisco Matias:

Em 1937, o capitão Aluizio Pinheiro Ferreira, delegado do governo federal na região do Alto Madeira, encaminhou ao presidente da República um documento subscrito por comerciantes e políticos de Guajará-Mirim, que solicitavam a transformação da região em um território federal. Convém frisar que o referido documento não incluía o município amazonense de Porto Velho, por contemplar apenas as terras mato-grossenses, fronteiriças às do Amazonas. (MATIAS, 1997, p. 86-87).

No entanto, convém enfatizar que, embora essa ação tenha sido muito importante para a criação do Território, devido à articulação de outros grupos formados por comerciantes e políticos, o Pres. Getúlio Vargas, decidiu instalar a sede do território no município de Porto Velho.

Paulo Cordeiro Saldanha pertence à terceira geração dos Saldanha; é advogado e escritor e, após a aposentadoria no serviço Público, dedicou-se, com maior afinco, à literatura. É membro da Academia de Letras de Rondônia e membro fundador e Presidente da Academia Guajaramirense de Letras-AGL.

A produção literária de Paulo Saldanha pode ser classificada, na vertente das manifestações literárias rondonienses, como regionalista. Conforme Caldas (2011), em Rondônia, os escritores que escrevem sobre o local e assumem como pontos centrais de suas obras fatos históricos, heróis e preocupações do local são

designados regionalistas. Nesse sentido, o próprio escritor, ao falar das características dos movimentos literários do estado de Rondônia, classifica-se como um autor regionalista, que produz, geralmente, romances históricos. Sobre essa questão, Saldanha afirma⁷⁹:

O movimento literário, se, eventualmente, transita pela vertente do romance, por exemplo, discute a problemática, as lutas, os desafios, a superação, enfim, a própria vivência na região. Já o historiador fundamenta sua obra nas pesquisas que realiza, aponto suas análises, tecendo as suas críticas. No meu caso, me valho da história para respaldar uma ficção.

Conforme Saldanha, a ideia de escrever o romance surgiu quando ele releu uma série de textos produzidos pelo historiador e Professor Abnael Machado de Lima, cuja temática era “A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica”. O autor também afirma que a obra “Esperança: 50 anos depois...” é um romance histórico, produzido com o objetivo de registrar e enaltecer a história dos povos que participaram da construção do estado de Rondônia.

Dessa forma, compreende-se que a obra de Saldanha expressa um significado autoral singular permeado por outros significados, construídos a partir da leitura de outros textos e contextos. Percebe-se, também, um constante diálogo com a história e com a cultura manifestado, principalmente, a partir da alusão a fatos e figuras históricas e folclóricas que participaram da vida da região. É, conforme as palavras de Eneida Maria de Souza, a “[...] mimetização da vida em relação à literatura [...]” (SOUZA, 2004, p. 04). Nesse aspecto, o autor retrata esses elementos com riqueza de detalhes, reconstituindo, de certa forma, a saga rondoniense.

Sobre esse tema, Perrone-Moisés⁸⁰ afirma que:

Os textos literários ensinam muito sobre identidade, alteridade, nação, cultura, etc. Sobre cultura, ensinam que não existem culturas estanques, que cultura supõe sempre processos de contato, que o contato e as relações são inseparáveis do próprio conceito de cultura (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 13).

A partir dessa proposição, podemos afirmar que Saldanha insere o fazer literário de forma bem sutil, intercalando história e ficção. Se Borges(2001)⁸¹ tem

⁷⁹ Paulo Cordeira Saldanha, em entrevista para elaboração desse trabalho.

⁸⁰ Na apresentação da obra: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: companhia das Letras, 2007.

⁸¹ Na obra: BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

razão ao afirmar que a ficção vive na ficção, podemos, também, dizer, supostamente, que Saldanha utiliza os fatos históricos para materializar seu projeto literário aqui abordado, pois, na maioria de suas obras, ele apresenta num tom quase sempre memorialístico/confessional, alguns elementos que contribuíram para a constituição da História, da Literatura, da Cultura e das Identidades rondonienses.

Nessa perspectiva, o autor demonstra uma grande capacidade de tratar sobre temas do cotidiano, abstraindo dessa realidade a ficcionalidade e a representação de mundos imaginários. Esse tema é discutido por Oliveira (2009, p. 14), que afirma: “Cada artista concebe o mundo a partir de sua subjetividade, de sua intuição e sua obra é um retrato livre dessa interioridade.” Contudo, apesar de priorizar os temas regionais em sua obra, ele expressa valores universais, estabelecendo múltiplos diálogos com outros autores e obras, principalmente a partir da utilização da intertextualidade⁸². Esse aspecto pode ser identificado principalmente nas obras “Crônicas guajaramienses”.

Pode-se também identificar na produção literária de Saldanha, mais especificamente nos romances, vários traços caracterizadores do romance histórico. De acordo com Silva⁸³, entendemos que não há uma linha exata que separe história e ficção, ambos se entrecruzam e se inter-relacionam dinamicamente. Segundo ele:

Tanto a história quanto a literatura tem como objeto final, como seu “produto” final uma narrativa. As duas (re) contam, narram. Falam sobre fatos, acontecimentos, sobre a realidade. Ambas têm personagens, tramas e enredo na urdidura de sua construção. (2007, p. 2).

Na obra de Saldanha, os contextos históricos e socioculturais apresentados integram suas vivências e sua memória. Além disso, as experiências pessoais do autor nos eixos Madeira, Mamoré, Guaporé e, posteriormente, em diversos contextos amazônicos também irão favorecer a compreensão de que a obra literária é resultado das relações estabelecidas entre o escritor e a sociedade e está, geralmente, vinculada ao contexto em que se origina, expressando as vivências do escritor, pois, ao construir o texto literário, geralmente, o autor recria a realidade. Observemos o que afirma Eneida Maria de Souza:

⁸²Na concepção de Kristeva (1974, p. 64), “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.”

⁸³No artigo: Entre a História e a Literatura: os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. Disponível no site: www.ufrgs.br. Acessado em 11/08/2014.

O entrecruzamento de momentos textuais com os vividos permite ampliar a noção de texto, que não mais se circunscribe à palavra escrita, mas alcança a dimensão de outros acontecimentos, interpretados como parte do universo simbólico. Nesse sentido, a intertextualidade, conceito amplamente empregado pela crítica literária contemporânea, além de se referir ao diálogo entre textos, desloca o texto ficcional para o texto da vida (SOUZA, 2004, p 04).

As palavras da pesquisadora são categóricas ao tratar das relações entre o factual e o ficcional; não há uma fronteira que delimite, religiosamente, o que pertence a uma esfera e o que pertence à outra. O autor, ainda que não queira imiscuir-se o faz de modo consciente ou não, alocando suas vivências (ficcionalizadas ou não) para o interior do texto literário.

3.1 Esperança: 50 anos depois...

Neste trabalho, o estudo e a análise do romance “Esperança: 50 anos depois...”, objeto de nossa pesquisa, foram fundamentados pelos pressupostos da Teoria da Narrativa e dos Estudos Culturais, levando-se em consideração a inter-relação entre a História de Rondônia e a Literatura desse local de enunciação.

O romance foi publicado no ano de 2011, pela editora Schoba, de Salto/SP, e foi editado apenas uma vez, com tiragem de 300 exemplares. A obra está dividida em 31 capítulos e é ambientada em Rondônia. A edição foi custeada pelo autor e os livros foram comercializados durante um Encontro dos Filhos e Amigos de Guajará-Mirim, nas livrarias Central e Arco-íris, em Guajará-Mirim, e na Loja do Livro, na cidade de Porto Velho/RO.

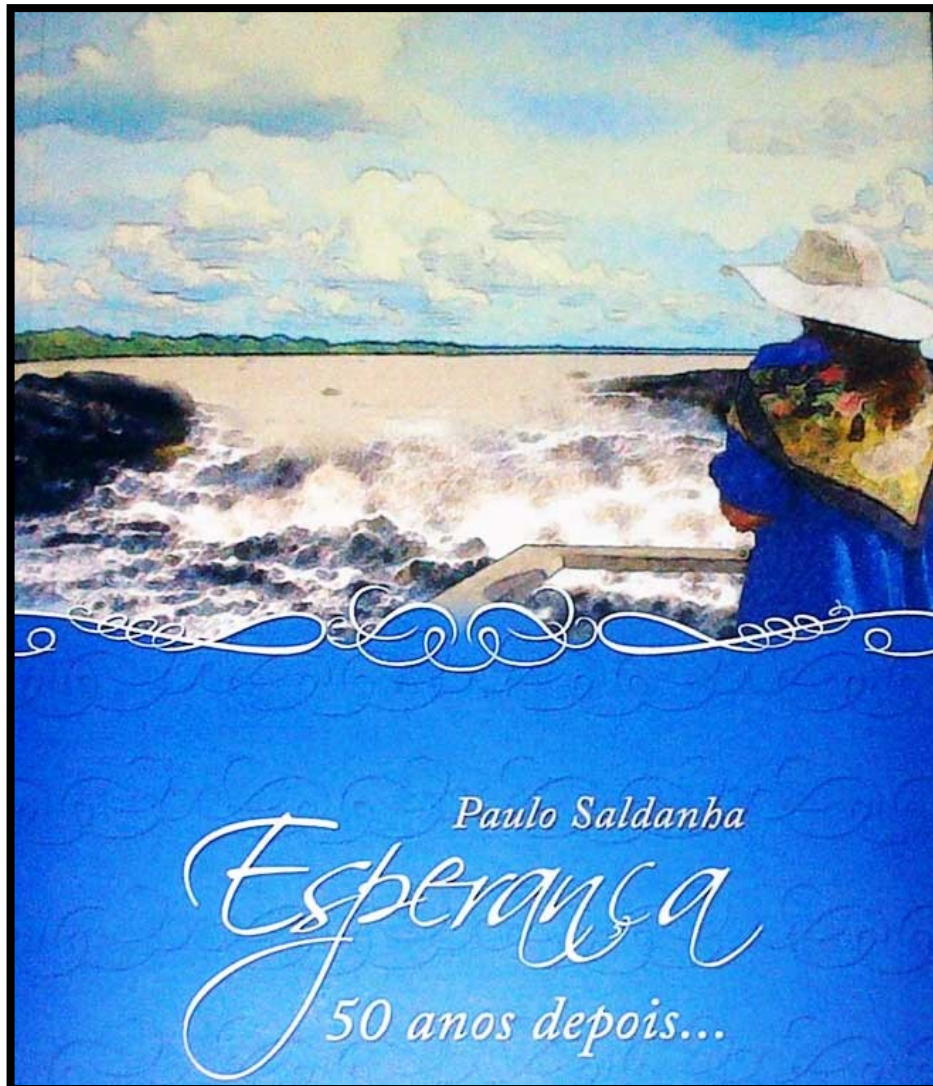
Para analisar o aspecto ficcional na obra “Esperança: 50 anos depois...”, recorreremos aos estudos dos autores: Auerbach (2009)⁸⁴, Compagnon (2003)⁸⁵, Ricoeur (1994)⁸⁶, Borges (2001)⁸⁷, Nunes(1988)⁸⁸, Jameson (2007)⁸⁹ e outros.

⁸⁴Na obra “**Mimesis**: a representação da realidade na literatura Ocidental”, o referido autor defende que na modernidade a realidade torna-se o principal referente para a compreensão do processo mimético.

⁸⁵Na obra “**O demônio da teoria**: literatura e censo comum”, Compagnon (2003, p. 114) afirma que toda época reinterpreta e retraduz os textos fundamentais a sua maneira. Na concepção do referido autor, ao analisar a relação da literatura e realidade, “a modernidade [...] vê na literatura apenas a literatura; a literatura fala senão de si mesma.”

⁸⁶Na obra “**Tempo e narrativa**” – TOMO I, Ricoeur (1994, p. 85-131) afirma que: “[...] existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural” (1994, p. 85). Além disso, o autor afirma que o processo mimético ocorre em níveis distintos, mas ao mesmo tempo

Figura 7 – Capa da obra literária: Esperança 50 anos depois...



Fonte: <http://www.gentedeopiniao.com.br>

Conforme afirma Abnael Machado de Lima, no prefácio da obra, Paulo Saldanha “[...] traz em si arraigado, no recôndito do seu subconsciente [...] a epopeia de seus pioneiros, sejam seringalistas, seringueiros, regatões e/ou empresários comerciais [...] dependentes da faina e da produção do seringal”. (2011, p. 13). A

interligados na construção da intriga. Ele apresenta para esses níveis a seguinte nomeação: Mimesis I “[...] consiste em imitar ou representar a ação”; Mimesis II “[...] centrada na configuração constitutiva da intriga”; Mimesis III “[...] marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor”.

⁸⁷Na obra “**Ficções**”.

⁸⁸No artigo “**Narrativa histórica e narrativa ficcional**”, Nunes (1988, p. 34) afirma que: “[...] narrar é contar uma história, e contar uma história é desenrolar a experiência humana do tempo. A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação.

⁸⁹No artigo JAMERSON, Frederic. **O romance histórico ainda é possível?** Trad.Hugo Mader. Novos Estudos – CEDRAP, Mar. 2007. Nº 77. p. 185-203. ISSN 01013300. Disponível no site: www.scielo.br. Acessado em: 20/11/2014.

partir da citação acima, podemos compreender o enquadramento cultural, social e idiossincrático ao qual o autor está vinculado no momento da materialização da escritura, conforme explica Achugar (2006)⁹⁰. Esse aspecto também pode ser explicado a partir das concepções de Laraia, que, ao discutir sobre o conceito antropológico de cultura, afirma: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele [...] reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.” (2001, p. 45).

A obra narra a história de uma família originária do Rio Grande do Sul, que migrou para a Amazônia rondoniense, onde implantou um grande seringal. Além de contar histórias de amor e traição, nela é registrado o processo de formação de um seringal⁹¹ e a transformação desse império em um feudo.

O romance está perpassado por fatos factuais e a ficção começa a partir da escolha de personagens gaúchos que, saindo do Rio Grande do Sul, aportaram na geografia então matogrossense. Assim, a história que permeia todo o drama da primeira geração da família Kaufmann inicia-se com o casamento de Guido e Marlene. Ele, gaúcho, descendente de imigrantes alemães e ela, gaúcha, descendente de imigrante italiano e de uma nordestina⁹². O autor afirma⁹³ ter-se inspirado em Plácido de Castro, um gaúcho, líder da chamada Revolução Acriana; esta, uma conspiração que valeu a conquista pelo Brasil de uma ponderável área geográfica boliviana. Valeu-se também da sua proximidade afetiva e profissional com o Governador Jorge Teixeira de Oliveira, outro homem dos “pampas”, importante timoneiro na implantação do Estado de Rondônia, tendo governado, primeiramente, o Território Federal de Rondônia, a partir de abril de 1979 e preparado as bases para a implantação do novo Estado da Federação, instalado em 04 de janeiro de 1982. Assim, intencionalmente, o autor homenageia essas duas figuras sulistas, por embrenharam-se numa região insalubre e, em épocas distintas, cumprirem relevantes funções sociais.

⁹⁰Na obra “**Planetas sem boca**”.

⁹¹Conforme Abnael Machado de Lima, no artigo: “**A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica – 3**”, publicado em 01/05/2010: “O seringal, unidade física de produção de borracha, compreendida em uma extensa área do espaço geográfico, quase sempre situado num vale de rio abundante em seringueiras, cuja posse inicial era definida pela ocupação estratégica de sua foz por um pioneiro, estendendo seu direito de posse ao longo do seu curso na direção da nascente desse rio, bem como sobre as de seus afluentes.”

Disponível no site: <http://www.gentedeopiniao.com.br/>. Acessado em: 27/09/2014.

⁹²Informação retirada da obra, no Capítulo II, p. 21.

⁹³Em conversas informais e entrevistas.

Na obra em questão, o autor discute o processo de hibridação cultural, descrevendo a origem dos povos que compuseram a Amazônia rondoniense, mencionando, dentre outros povos, o europeu, o negro, o boliviano e o indígena. Ele também problematiza a saga dos migrantes nordestinos, que, diante da falta de perspectiva de trabalho e de sobrevivência em suas cidades de origem, aventuram-se nos seringais da Amazônia.

[...] tinham como companheiros três nordestinos: Ambrósio, Urbano e Irênio. Ambrósio era mateiro de primeira, casado com Augusta; Urbano, um abridor de piques, casado com Yolanda e Irênio, amigado com Prudência, mais velha que ele, se dividia: ora desenvolvia atividades variadas, mas era camboeiro dos bons. Foram todos contratados por Guido. (2011, p. 23).

Nesse contexto, o narrador apresenta os dramas vividos pela população autóctone e pelos migrantes, o contato com os moradores da fronteira boliviana e o conseqüente desenraizamento e hibridismo cultural. A partir dos estudos de Canclini (2006), podemos afirmar que a literatura sempre está inscrita em práticas culturais. Ou seja, ela deve se inscrever na história cultural, sendo testemunha de um tempo, de uma mentalidade e deve ser produzida a partir de procedimentos estéticos. Esses procedimentos conferem à literatura a possibilidade de contar a história de uma forma privilegiada.

Ao tratar da narrativa literária, Reis apresenta a seguinte caracterização:

[...] os textos narrativos literários concretizam um processo de representação eminentemente dinâmica, sobretudo pela ação de mecanismos temporais. [...] Ao mesmo tempo, a narrativa literária estrutura-se em dois planos fundamentais: o plano da história relatada e o plano do discurso que a relata, articulados num ato de enunciação que é a instância da narração [...]. (2013, p. 246).

Além disso, Reis apresenta, minuciosamente, alguns componentes que devem integrar a maioria dos textos narrativos, dentre eles: o processo de exteriorização⁹⁴, tendência objetiva⁹⁵ e sucessividade⁹⁶.

⁹⁴Segundo Reis (2013, 248), no processo de exteriorização “[...] procura-se descrever e caracterizar um universo autônomo, integrado por personagens, espaços e ações.”

⁹⁵A tendência objetiva, conforme Reis (2013, p. 249), “[...] refere-se à capacidade que a narrativa literária possui para nos dar a conhecer, de forma não raro muito pormenorizada, algo que é objetivamente distinto do sujeito que relata; assim, em princípio, não é o narrador que constitui o centro de atenção da narrativa, mas, sim, as coisas, os lugares, as personagens, os acontecimentos, etc. – em suma: a história -, em cuja representação ele procura investir uma atitude racional, mais do que emocional.

⁹⁶De acordo com Reis (2013, p. 250), o aspecto da sucessividade está “[...] diretamente relacionado com o devir do tempo em que se projetam os fatos relatados e também com os termos em que neles se descrevem espaços, personagens, etc.”

Destacamos que, na apresentação do romance, é possível identificar o esforço de Saldanha para exteriorizar a escolha do processo narrativo e o percurso utilizado na construção do enredo. Contudo, a partir da leitura e da análise da obra, pode-se afirmar que os processos composicionais utilizados pelo autor não são claramente definidos. Ele explica que recorreu a pesquisas científicas sobre fatos históricos, personalidades históricas/folclóricas que fizeram ou fazem parte do processo de ocupação da Amazônia rondoniense, priorizando a temática regional.

Conforme Candido “O romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos.” (1976, p. 67). Nesse sentido, como fonte de inspiração para construir o romance, o autor utilizou as pesquisas históricas do professor, historiador e geógrafo Abnael Machado de Lima. Porém, ele correlaciona memória, história e ficção, mostrando, a partir da reconstituição da história e da memória, aspectos da construção identitária da população da Amazônia rondoniense.

Diante da complexidade da formação cultural e identitária da Amazônia rondoniense, faz-se necessário reconhecer o processo de hibridação existente na região, visto que todo o processo de formação do estado foi permeado por intercâmbios culturais resultantes dos contatos entre povos de culturas díspares. No romance, esse aspecto é detalhado minuciosamente, pois o autor faz alusão a fatos e figuras históricas que participaram da vida na região representada.

Para evidenciar a pluralidade étnica e cultural existente no contexto do seringal, já no segundo capítulo, o narrador descreve o encontro dos seringueiros, em sua maioria nordestinos, com os povos indígenas, bolivianos e negros. Na narrativa, ele relata que esse contato foi festejado com troca de presentes seguido de um delicioso almoço regado a cachaça. Ele também utiliza elementos simbólicos próprios de cada cultura, reconstituindo, dessa forma, a memória dos fatos e dos sujeitos que participaram da saga rondoniense “[...] de noite, o jantar, da mesma forma, e uma comemoração no terreiro iluminado por uma grande fogueira, havendo o som de sanfona, do zabumba e das violas, bem como exibição de danças bolivianas, nordestinas (até xaxado teve) e indígenas que coroaram a festança.” (2011, p. 27).

Segundo as proposições de Canclini (2011), as interferências culturais acontecem de muitas maneiras, pois um elemento cultural está sempre sofrendo “contaminação” de outras culturas. Isso se dá com o crescimento urbano e tudo o

que esse fato pode trazer, entre eles, intercruzamento de povos de diferentes pólos culturais. Esse não é um processo hodierno; ele sempre aconteceu. No entanto, a teorização sobre o tema, ainda é recente. Nesse sentido, Canclini afirma: “[...] hoje todas as culturas são de fronteira.” (2011, p. 348). Assim, nessa análise, a linguagem literária será compreendida e articulada aos estudos sócio-históricos e culturais.

Na composição da obra, Saldanha procurou falar das histórias regionais, fatos e lendas que povoavam a vida da cidade onde o mesmo nasceu; a morte, por jagunços que se valiam dos tombos e das cachoeiras para a desova de gente assassinada; a preparação de comitivas para a matança de índios; o código de honra mantido entre os nativos e os seringalistas mais inteligentes e seringueiros mais habilidosos; a gananciosa ação de alguns donos de seringais que pagavam o “saldo” e uns meliantes na curva da estrada de seringa ou na curva do rio ou do igarapé roubavam a fêria do trabalhador e o matavam, devolvendo o dinheiro ao patrão, mediante o pagamento de recompensa financeira.

De forma bem sutil, Saldanha também menciona que a maioria dos migrantes nordestinos que vieram para a Amazônia para trabalhar como seringueiros foram enganados pela nação brasileira. Quanto aos seringalistas, alguns deles nordestinos, que também trabalharam para atender aquilo que era chamado de interesse da nação, ou esforço de guerra, foram fortemente prejudicados, pois, quando o governo não tinha mais interesse pela borracha, desapropriou os seringais e confiscou todo o patrimônio existente nas colocações, deixando a maioria dos seringalistas em completa pobreza.

Além disso, ele também procurou demonstrar que a lealdade e a gratidão são sempre recompensadas, como via de mão dupla, pelo líder bem formado. E, enquanto a história se desenvolve, são apresentadas as mais importantes inovações tecnológicas conforme iam surgindo. Assim, até uma região quase isolada também recebia as benesses do progresso e do desenvolvimento: “Aproveitou a sua viagem à Europa e trouxe cinco motores de popa, da marca Evinrude, objetivando melhorar o apoio às colocações.” (2011, p. 64).

No aspecto temporal, a obra não apresenta linearidade. A estrutura temporal na constituição do romance demonstra uma interposição de diferentes temporalidades: o tempo da história, o tempo da memória, o tempo mítico e outros. Contudo, prevalecem na narrativa o tempo da memória e o tempo da história. Para

marcar a escolha desses tempos, o autor destaca inúmeros acontecimentos, dentre eles: os ciclos migratórios, a construção, funcionamento e fechamento da E.F.M.M, a estrutura sociopolítica dos seringais e do Vale do Guaporé e o processo de criação do Estado de Rondônia.

No primeiro capítulo, o autor utiliza o recurso de “flash back” para descrever o nascimento de Edson de Alencar Kaufmann, que representa a terceira geração da família Kaufmann. “O bebê daquele casal nasceu nas terras que foram do avô paterno [...]” (2011, p. 18). Em seguida, ele utiliza marcadores temporais historicamente expressos, contribuindo, assim, para que a narratividade se desenvolva: “Nicolau, este com 31 anos, inquieto, mas feliz, festeja o nascimento de seu primeiro filho, naqueles 03 de fevereiro de 1917” (2011, p.18). Nesse momento, o narrador refere-se à segunda geração da família Kaufmann. Porém, antes de anunciar o nascimento da criança, o narrador faz um prenúncio da história de amor e traição que será apresentada no romance, advertindo que “Aquele bebê seria sua salvação... (2011, p. 19)⁹⁷”. Ainda no segundo capítulo da obra, ele também reafirma ao leitor: “Afinal, há uma história de garra, audácia e tenacidade a ser contada.” (2011, p. 20). A partir dessa afirmativa, ele dá progressividade à narrativa.

A construção temporal do enredo que conta a saga da família Kaufmann na Amazônia rondoniense é apresentada em duas fases minuciosamente descritas: a primeira geração é representada por Guido Kaufmann e a segunda geração é representada por Nicolau Kaufmann. De acordo com as concepções de Mendilow⁹⁸, o tempo e a atividade do romancista estão necessariamente inter-relacionados: “O tempo atinge a arte do romancista como faz com sua vida [...]” (1972, p. 18). Nessa perspectiva, Nunes (1988) corrobora com o pensamento de Mendilow e apresenta inúmeras formas narrativas para a representação do tempo na literatura. Porém, Nunes destaca que, no romance, geralmente, pode-se utilizar pelo menos duas formas temporais: a da história e a do discurso:

O discurso nos dá a configuração da narrativa como um todo significativo; a história, o aspecto episódico dos acontecimentos e suas relações, juntamente com os motivos que os concatenam, ambos impondo à narrativa

⁹⁷Aqui, ele refere-se à Esperança, esposa de Nicolau, pois o mesmo mantinha uma relação extra-conjugal com Atyfa, filha de um comerciante libanês que conhecera durante uma viagem de trem e pela qual apaixonara-se perdidamente. Portanto, o autor adverte que o nascimento da criança poderia ser a “salvação” do casamento de Esperança e Nicolau.

⁹⁸Na obra: MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. Tradução: Flavio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

um limiar de inteligibilidade cronológica e lógica, tradutível num resumo. Normalmente, o tempo de uma corre paralelamente ao do outro. (1988, p.28).

Para construir o romance, Saldanha apresenta, como pano de fundo, o cenário de um seringal implantado em plena selva amazônica; este será denominado “Monte Cristo”. Segundo o narrador, o local escolhido por Guido e seus companheiros era propício para a implantação do seringal: “[...] estavam à margem do barrento rio Madeira, num trecho considerado como terra firme [...] Encontraram muitas seringueiras, observaram, adentrando numa floresta densa, que as castanheiras pululavam [...]”. (2011, p. 23).

Contudo, ao apresentar a estrutura dos seringais, o narrador traz à tona as dimensões socioculturais vivenciadas na região amazônica no final do século XIX e início do século XX, destacando, com riqueza de detalhes, as relações de poder que se instauraram nos seringais: “Em Santo Antônio do Madeira contataram os representantes da empresa Suarez & Hermanos, boliviana, com sucursais no rio Beni [...] obtiveram robusto financiamento, que permitiu a Guido a completa implantação do seu empreendimento” (2011, p. 24). Nesse fragmento, o narrador evidencia que a atividade gumífera era financiada por casas aviadoras, em sua maioria, internacionais. Nesse contexto, as casas aviadoras forneciam aos seringalistas todos os recursos necessários para a produção da borracha. Estes, por sua vez, aplicavam o mesmo sistema aos seringueiros. “Era o sistema de “aviamento do seringueiro” em que este recebia o financiamento da produção na forma de mercadorias [...] e munições, coisas indispensáveis.” (2011, p. 38). Porém, por tratar-se de uma obra de ficção, a relação entre seringalistas, seringueiros e indígenas⁹⁹ é, intencionalmente¹⁰⁰, “romantizada”. Ou seja, é apresentada a partir do olhar do colonizador, sendo harmoniosa e pacífica:

Guido dava início ao seu império! Cultivava ele excelente relacionamento com os silvícolas e, quando da contratação dos homens arregimentados para o seringal os advertia, proibindo qualquer ato de violência ou agressão aos índios. (2011, p.27).

⁹⁹Na obra, o autor apresenta o seringal como uma região povoada por inúmeros povos indígenas, com os quais os seringueiros e seringalistas irão se confrontar.

¹⁰⁰Conforme o autor explica na apresentação da obra. “[...] resolvi “fundar” uma cidade. Seria como satisfazer sonhos que acalentei fundando empresas. Visões que alimentei desejando mitigar o sofrimento dos irmãos desafortunados que vivem ou vegetam num instante, num tempo [...]”

Os dados narrados demonstram, dentre outros aspectos, que o processo de ocupação da Amazônia rondoniense sempre foi baseado na exploração das riquezas da região. Porém, nessa obra, a relação do seringalista com as populações autóctones, os grupos migrantes e a população fronteiriça não condiz como de fato tais relações se davam. “Naquele lugar a visão no campo das relações humanas era bem diferente dos demais seringais, onde alguns seringalistas se valiam da torpeza, da aspereza e até da agressividade para impor com base no terrorismo, as suas condições [...]” (2011, p.42).

Apesar de refletir sobre as práticas de exploração humanas existentes na maioria dos seringais, o narrador procurou justificar que nem todos os seringalistas compactuavam com essa prática. Ele deixa claro, na obra, que alguns seringalistas procuravam conquistar os indígenas, mediante a oferta de presentes e de apoio material. Ele explica que Guido Kaufmann, orientado por Ambrósio, conhecedor da atividade e já experiente na relação com os silvícolas, do seu modo de viver e raciocinar preferiu alinhar-se à corrente do conquistador que procurava cativar e não valer-se da intolerância e da violência para ampliar seus empreendimentos.

Sabe-se que as relações entre seringueiros e indígenas nunca foram pacíficas, pois, ao terem suas terras invadidas, os indígenas resistiam e os confrontos eram inevitáveis. Ou seja, os índios lutaram bravamente pela defesa de suas terras, invadidas de forma desordenada e cruel, visto que as localidades onde os seringais foram sendo formados, com o consentimento das autoridades, já eram ocupadas por inúmeros povos indígenas. Porém, tanto para o governo brasileiro quanto para outros exploradores, o que interessava era apenas a retirada das riquezas minerais e vegetais da região. Naquele contexto, houve muitos embates entre seringueiros e índios e, tanto índios quanto seringueiros sofreram retaliações ou foram mortos, principalmente os povos indígenas, cujas flechas tornaram-se inferiores às armas de fogo utilizadas pelos exploradores.

Nesse sentido, o romance também registra como, geralmente, eram feitos os contatos entre brancos e índios desde o início da colonização no Brasil:

Os índios foram chegando ao barracão, com suas mulheres e crianças [...]. Houve troca de presentes, primeiramente entre Ambrósio e o Tuxaua, depois os demais, que foram aproximando-se; presentearam com cocares e colares de contas e dentes de animais, aos demais homens e mulheres com colares, pulseiras, abanos, cestas e paneiros, sendo retribuído com produtos fabricados pelos brancos, como terçados, facas machados, panelas, espelhos, colares, pulseiras e tecidos. (2011, p. 26-27).

No fragmento acima, o narrador apresenta a caracterização dos indígenas, os costumes e os modos de vida dos seringueiros, evidenciando, também, as relações de poder que se instauraram nos seringais. Ressalta-se que as comunidades indígenas que habitavam na região tiveram suas terras invadidas: “O governo do Estado do Mato Grosso foi demandado para autorizar a atividade. Tempos depois receberam um documento daquela província concedendo o desenvolvimento empresarial nos limites entre a foz do igarapé Laje e a foz do Rio Araras [...]” (2011, p.25).

A propósito, entre 1907 e 1912, a população indígena que habitava na região onde a E.F.M.M. foi construída também enfrentou diversos problemas. Inclusive, nesse contato, os embates eram inevitáveis e alguns povos indígenas, dentre eles os Karipuna, foram dizimados. Na medida em que a construção avançava, as comunidades indígenas iam sendo destruídas. É importante mencionar que os indígenas, na luta pela posse de suas terras, dificultavam a construção do empreendimento e também a utilização dos trechos já construídos, fato, por sinal, abordado pelo narrador quando ele relata a dificuldade de Guido e Nicolau em chegar a tempo para as bodas com Esperança, na região denominada Abunã:

Ocorreu, é que um grupo de índios tinha descoberto uma forma de atazanar os brancos. E passaram a afrouxar os pregos que fincavam os trilhos. Com a trepidação, em face do peso, os trilhos frouxos saíam da bitola, gerando o acidente. (2011, p. 68).

Em algumas obras da História e da Literatura de Rondônia, os indígenas são representados como seres hostis, violentos e ferozes. No entanto, essa é uma visão estereotipada e preconceituosa, pois os povo indígena que habitavam no local onde a E.F.M.M. foi construída ou nos seringais da Amazônia foram praticamente dizimados durante o contato com o branco. Nos processos de colonização, a tentativa de sobreposição da cultura do colonizador sobre a cultura do colonizado produz efeitos devastadores. Sobre esse tema, Bhabha (2013, p. 21) apresenta a seguinte afirmação: “A Articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”.

Destacamos que, na obra, os modos de vida, os saberes e a cosmovisão também são expressos de forma intencional e poética, pois ao reconstituir a memória e a história dos seringais dos vales do Guaporé e do Mamoré, o narrador

rememora, reconstitui e registra, de certa forma, a saga da família Saldanha, que participou ativamente da constituição da história regional. Nesse sentido, Delgado afirma que “A memória é a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas [...] A memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos.” (2006, p. 38).

A partir de uma minuciosa descrição dos rios e de algumas localidades, Saldanha possibilita ao leitor uma viagem pela memória geográfica da região e pela história da constituição dos seringais. Na narrativa, esses elementos foram utilizados para destacar as intempéries enfrentadas pelos desbravadores:

Chamaram a atenção do empreendedor as cachoeiras e as corredeiras desafiadoras que tiveram que vencer, como o Ribeirão (como as duas de Guajará-Mirim e a de Bananeiras, já suas conhecidas), Misericórdia, dos Periquitos, Araras, dos Macacos, de Morrinhos, Pederneiras, Chocolatal, Três irmãos, Pau Grande, o Caldeirão do Diabo (este perigosíssimo, um verdadeiro tombo), Jirau, Santo Antônio; e entre outros [...]. (2011, p. 25).

A multiplicidade de signos e representações apresentadas por Saldanha na construção da trama conduz o leitor a uma aventura nos cenários repletos de matas, rios, índios, pássaros e elementos mitológicos, onde Guido Kaufmann instala o seringal Monte Cristo. A narração da primeira parte do enredo, também apresenta momentos de grandes desafios e tristezas, dentre eles, destacamos o falecimento de Marlene, esposa de Guido, durante o segundo parto, em 1890:

E o inimaginável aconteceu: a parturiente, sofrendo muito, embora apoiada por uma diligente parteira, viera a falecer, assim como Ingrid, a linda criança que não sobreviveu [...] Longo tempo durou o luto que Guido nutriu no útero de sua alma, no âmago do seu interior [...] Quarenta dias depois, Guido fez a barba e voltou a dar atenção ao filho pequeno e aos negócios de seu seringal [...]. (2011, p. 28).

No processo composicional utilizado por Paulo Saldanha, percebe-se um entrecruzamento entre os aspectos reais e ficcionais. Ele apresenta fatos imaginários com coerência, geralmente, fundamentando-os com datas, fatos ou eventos, acentuando, assim, a verossimilhança em sua composição. Ao discutir sobre narrativa histórica e narrativa ficcional, Nunes (1988) destaca que:

[...] a questão da diferença entre narrativa histórica e narrativa ficcional redonda talvez do confronto entre as duas epistemologias [...] mas é certo que não se pode discuti-la hoje independentemente do problema mais geral das relações entre forma de pensamento e forma de linguagem, que enquadram conceitos de Narrativa, Ficção e Ciência. (1988, p. 11).

Nesse sentido, Chaves corrobora a concepção apresentada por Nunes (1988), afirmando: “[...] são complexas as relações entre a História e a Literatura, que não podem se dispensar uma a outra, pois estão na base do compromisso entre o autor e seu tempo [...]” (2004, p. 13). Assim, ao ler o romance, o leitor pode rememorar fatos históricos e folclóricos dos municípios de Guajará-Mirim e Porto Velho e alguns fatos históricos que aconteceram na região e no mundo no final do século XIX e durante o século XX. Dentre os principais fatos históricos mencionados no romance, destacam-se: a 1ª Guerra Mundial, o fim da escravidão, a Proclamação da República, a Revolução Acreana, o Tratado de Petrópolis, o contrabando de sementes de seringueiras para a Malásia, a exploração da floresta amazônica, o primeiro ciclo da borracha, a queda da Bolsa de Nova Iorque, a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Industrial, a Construção da E.F.M.M., os embates entre seringueiros e indígenas, as articulações pela criação do Território Federal do Guaporé e outros.

Contudo, esses elementos não estão dissociados dos elementos ficcionais. O texto se constitui integrando o tempo e os acontecimentos históricos são contextualizados na trama da narrativa, pois esses acontecimentos geraram implicações importantes para a construção do enredo do romance. Podemos exemplificar esse aspecto, relatando que, “Em 1917, ainda na 1ª Guerra Mundial, Esperança já era um feudo. No seu entorno 1000 famílias (cerca de 5000 pessoas) gravitavam e garantiam o seu sustento. A exploração da seringa era a atividade econômica mais forte” (2011, p. 18). Também podemos destacar que durante a Revolução Acreana, Guido, que mantinha relações comerciais com a empresa boliviana “Suarez & Hermanos”, localizada no Beni, fronteira da Bolívia com o Brasil, fora ameaçado e perseguido, pois devido ao sentimento nacionalista:

[...] enviava mercadorias, armas e munições, visando suprir as necessidades daquele grupo de nacionais nossos, que se contrapunha aos bolivianos - que desejavam manter a soberania daquele país nas terras que à Bolívia pertenciam [...], mas que estavam sendo povoadas, desde há muito por seringalistas e seringueiros brasileiros.” (2011, p.40).

Em seguida, o narrador menciona o Tratado de Petrópolis, que, na concepção dos historiadores, resolvera a mencionada questão: “Em 1903 é assinado o Tratado de Petrópolis em que o Acre é anexado ao Brasil, mediante compensações, inclusive a construção de uma Ferrovia que permitisse à Bolívia um acesso ao Oceano Atlântico.” (2011, p. 32). O narrador afirma, mas ao mesmo

tempo permite que o leitor faça deduções sobre a questão acreana e, principalmente, sobre a construção da E.F.M.M.

Ao discutir sobre tempo e história, Delgado explica que o tempo é um elemento muito importante para a compreensão e constituição da História: “O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas [...]” (2006, p. 33). Ressalta-se que, ao fazer uma marcação temporal dos acontecimentos apresentados no romance, quando lhe é conveniente/necessário, o narrador faz recortes para dar progressividade aos fatos: “E o tempo deu um salto na sua dimensão, fixando, porém no eixo Mamoré-Madeira, o Seringal Monte Cristo como a representação mais viva de que, quem pensa, ousa e trabalha, vence.” (2011, p. 29). Conforme Nunes, “[...] o tempo da narrativa não decorre somente das relações entre o factual e o texto, mas depende, também, das relações entre o texto e o seu destinatário, o leitor.” (2008, p. 44).

Além disso, o narrador apresenta, com riqueza de detalhes, os tipos sociais que participaram do processo de ocupação da Amazônia rondoniense, destacando, principalmente, os modos de vida e as relações sociais nos seringais. Abaixo, apresentamos um fragmento que expressa a rotina dos seringueiros:

Todos os dias, levanta-se de madrugada, acende o fogo e põe o feijão na panela e, com a poronga na cabeça sai, levando um balde, a faca, seu bernal com balas ou cartuchos, um terçado, alguns levam farinha e açúcar para desfrutar mais tarde de um chibé, enquanto percorre "as estradas", fazendo os cortes nas árvores de seringueira identificadas anteriormente pelos mateiros, após o que espalha as tigelinhas para recolher o leite. (2011, p. 45).

Além dos aspectos relacionados ao trabalho, o narrador também menciona os conflitos que ocorriam entre os seringueiros, principalmente, devido à ínfima presença de mulheres nos seringais:

[...] o Pernambuco, parecia homem normal. Meio calado, fala mansa. [...] ele foi abandonado pela mulher. [...] se revelou recalcado e embrutecido e resolveu possuir à força a esposa do seringueiro Ananias; sendo rechaçado a estuprou, na frente dos filhos pequenos. Após satisfeito, para não deixar testemunhas, matou a mulher e as três crianças, cena parcialmente observada de longe pelo garoto de 7 anos, escondido em cima de uma árvore. (2011, p. 39)

Na continuidade da narrativa, o narrador aborda diversas problemáticas vivenciadas pelas mulheres nos seringais, deixando explícito o fato de que a mulher

era considerada uma mercadoria rara. Destaca, a partir da linguagem figurada, que algumas mulheres eram infiéis aos seus esposos: “[...] consta que a mulher insatisfeita, andava costurando para fora”. (2011, p. 43). Discute também sobre a problemática da viuvez, pois quando os esposos faleciam nos seringais, muitas mulheres submetiam-se a casamentos por conveniência, geralmente, mediante a aprovação do patrão:

– Seu Guido, meu homem morto, tão temente a Deus, foi mordido por uma jararaca. [...] Mas sucede que para eu vim trazendo Ladislau mordido tive que pedir para Juca Cortês, o brabo¹⁰¹ que auxiliava meu marido, para ele cuidar das galinhas e da “porcajada” toda, “modi a onça não comê”. Mas ele, ao ver Ladislau entre a vida e a morte, me propôs, acaso o “homi” morresse, a amigação comigo. O que o Senhor acha? [...] – Então fique com ele. Eu aprovo. (2011, p. 41 - 42).

Além disso, ele menciona, inclusive, que devido à ausência de mulheres, muitos homens se relacionavam sexualmente com animais. Porém, o narrador não apresenta essa temática em tom de denúncia. Ele relata os fatos, mas ao mesmo tempo destaca que o proprietário do seringal Guido Kaufmann era um homem temente a Deus e procurava resolver os conflitos de forma justa e que “[...] mantinha-se intransigente quando havia violência.” (2011, p. 38). A ausência de mulheres nos seringais acabou sendo neutralizada com a união de nordestinos com viúvas de bolivianos mortos na guerra do Chaco; estas foram trazidas como opção de matrimônio para “melhorar¹⁰²” a vida dos seringueiros.

Outro aspecto recorrente na obra de Saldanha (2011) é a reconstituição do folclore e da cultura regional. Ele menciona episódios dramáticos e imaginários, expressando o misticismo e a subjetividade do povo da Amazônia rondoniense. Ao tratar da História Cultural, Pesavento apresenta a seguinte concepção:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. (2012, p. 15).

Sobre esse aspecto, Abdala Junior, também, afirma que “A cultura é uma construção histórica que se faz na dinâmica dos contatos entre povos e culturas diferenciadas”. (2002, p. 21). De forma mais significativa, podemos destacar elementos de cultura imaterial presentes no seguinte trecho da obra de Saldanha:

¹⁰¹Nome dado ao seringueiro aprendiz.

¹⁰²Na visão dos seringalistas.

Muitas das residências, notadamente aquelas de famílias de origem boliviana, tinham o seu forno de barro onde diversos pratos eram preparados, inclusive o famoso bolo de arroz. [...] Muitos aniversariantes se valiam do quentão, aluá e da chicha para diversificar as bebidas dos festejos. (2011, p. 86).

O narrador prossegue enumerando os diversos pratos típicos que eram preparados pelos grupos, com o objetivo de mostrar a diversidade cultural existente nos seringais da Amazônia rondoniense e, especialmente, no feudo.

Outro aspecto interessante na obra é a fundação da fictícia cidade “Esperança”. De acordo com Saldanha, essa ideia adveio da sua vivência bem próxima com o surgimento da cidade matogrossense “Alta Floresta”, localizada ao Norte do estado, bem como da cidade de Rolim de Moura, em Rondônia, quando a conheceu no alvorecer de sua plotação, na Zona da mata. Baseou-se, ainda, na rica história de Cachoeira Esperança, quase na divisa do Brasil, mas servida pelo rio Beni, na Bolívia. Todavia, a configuração do seringal, sua formação e seu desenvolvimento tem respaldo na realidade regional, assim como a ação econômica a partir da castanha do Brasil, da Ipecacuanha e da atividade deletéria advinda com a matança de animais para a comercialização de couro.

A intertextualidade é um aspecto recorrente na obra de Saldanha e pode ser identificada, explicitamente, no capítulo quatro da obra em análise, cujo título é: “Interessante! Em plena selva amazônica dois homens falando dos Fenícios, do Rei Davi e de Salomão.” Guido e Nicolau dialogam sobre a escolha de um nome para o local onde seria implantada a nova Sede do seringal e Guido recorre a uma passagem bíblica para encontrar um nome pomposo. “Agora fui até a Bíblia buscando um novo nome bem forte [...]” (2011, p. 52). Após conversarem sobre a construção do templo de Jerusalém e sobre outras cidades legendárias, Guido sugere a Nicolau que desse ao local o nome de Esperança e, além de descrever os diversos significados do nome, enfatiza que a escolha também faria uma homenagem à futura esposa de Nicolau, cujo nome também era Esperança. Em outras passagens da obra¹⁰³, o autor recorre ao uso de intertextos e faz alusão a outros textos com os quais dialoga.

¹⁰³Podemos citar, por exemplo, no Capítulo II, página 28, quando após o falecimento de Marlene, esposa de Guido, Ambrósio, tentando confortá-lo, cita um fragmento do poema “Canção do Tamoio” do escritor Gonçalves Dias: “[...] a vida é combate, que os fracos abate, que os fortes, os bravos, só pode exaltar.”

– Meu filho, venha cá! É que gostaria de propor o novo nome para aquele lugar onde iremos implantar a nova Sede. Como você irá casar-se com uma moça chamada Esperança, chame o local de Esperança e comece o seu casamento homenageando sua futura Esposa. (2011, p. 54).

Na obra, também há um chamamento ao futuro quando personagens sonham com a distante integração do ambiente com o Centro Sul, a partir de um fato concreto, fazendo elucubrações a respeito do aproveitamento das corredeiras, tombos e cachoeiras do rio Madeira. Nesse sentido, o narrador indica, através do diálogo entre personagens, a chance de verem o progresso chegar, mas caem na cruel realidade da indagação: fazer hidrelétrica para vender energia (naquele tempo) para quem? Ressalta-se que aquele instante sonhado chegaria à região no início do terceiro milênio através da construção das usinas de Jirau e de Santo Antônio¹⁰⁴.

O narrador envereda nas cruzes da Amazônia e registra um fato incomum, porém existente na rudeza da vida dos rincões mais afastados, conhecido como “bestialismo”¹⁰⁵. Ele também registra o autoritarismo de alguns seringalistas que casavam e descasavam, prendiam, apuravam e sentenciavam, como se fossem delegados, promotores e juizes.

No romance “Esperança: 50 anos depois...”, os nomes das personagens, geralmente, são tomados a personalidades que viveram ou participaram da constituição da história dos Vales do Guaporé e do Mamoré, que povoaram a memória e imaginário do autor em sua infância e adolescência. Outras personagens estão relacionadas à história da região, às práticas sociais ou ao seu convívio familiar. Segundo o autor¹⁰⁶, ele procurou reverenciar parentes e amigos, dando nomes aos personagens segundo o seu desejo, por exemplo, de homenagear um avô, os primos Ambrósio, Irênio e Urbano, e, até uma amiga dileta, chamada Alexandrina. Porém, para compreender esse aspecto do romance, é necessário mencionar Candido, para quem “A personagem é um ser fictício [...] o romance se baseia, antes de tudo, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (1976, p. 55). Ou seja, a personagem dá ao leitor o acesso ao mundo fictício.

¹⁰⁴A Hidrelétrica Santo Antônio é interligada ao Sistema Elétrico das Regiões Sudeste e Centro Oeste, através de duas linhas de transmissão em corrente contínua. Ela também abastece os estados de Rondônia e Acre.

¹⁰⁵Psicopatologia. Que possui uma tendência para praticar sexo com animais. Bestialidade ou zoerastia. (fonte: Dicionário *OnLine* de Português).

¹⁰⁶Em conversas informais e entrevista realizada no mês de junho/2013 e no mês de dezembro de 2014.

Em todos os romances de Saldanha as mulheres são sempre personagens fortes. Esperança não foge à regra e se torna uma personagem importante na recuperação econômica do feudo. No início do casamento, além de dar nome à propriedade, Esperança também recebeu de Nicolau um xale de seda pura, bordado. Esse presente simbolizava proteção:

Minha querida disse-lhe olhando-a nos olhos - esse xale pode ser um presente simples, mas traduz a vontade que tenho de caminharmos juntos, eu com os braços nos seus ombros. Esse xale representará o meu braço, desejando protegê-la sempre. (2011, p. 55).

No início do casamento, Nicolau e Esperança viveram muito felizes; contudo, Esperança sentia saudades da família. Sem filhos, e com o esposo sempre ausente, Esperança foi passar trinta dias na casa dos pais, que residiam em Abunã, um vilarejo distante de Guajará-Mirim e, durante o período em que esteve ausente, Nicolau entregou-se às tentações do mundo que o circundava. Nesse período, realizou uma viagem à Europa, na qual conheceu Atifa, mulher que, posteriormente, viria a ser sua amante e a causadora da destruição de seu casamento com Esperança.

O empreendimento de Nicolau prosperava assustadoramente. Ele fundou um hospital, adquiriu aparelhos de Raio -X, contratou médicos, construiu um teatro. Enfim, criou no seringal uma estrutura moderna. Contudo, ainda não tinha filhos. Com forte formação católica, Esperança lhe pediu que construísse também uma capela, dedicada à Padroeira Nossa Senhora de Fátima. Pouco tempo depois, Esperança descobriu-se grávida, atribuindo o fato à intercessão da Virgem.

Por outro lado, em vez de se alegrar com a notícia da gravidez da esposa, Nicolau, pressionado pela amante, transformou-se em um homem nervoso e triste. Para evitar escândalos, foi ao encontro da amante e, após ameaças e cobranças, alojou-a em uma espaçosa casa na cidade de Guajará-Mirim. No transcorrer do tempo, Nicolau se envolveu com outras mulheres, sendo, em uma dessas ocasiões, flagrado pela sogra. Insatisfeita com as traições, Esperança volta à casa dos pais.

Logo a seguir, Atifa também engravidou, pois pensava manter um vínculo com Nicolau e a concepção de um filho seria a alternativa mais segura. Ao saber do nascimento do filho de Atifa, Esperança, em atitude desesperada, tenta uma

reconciliação com Nicolau. Porém, ao constatar que o esposo estabelecera convivência com a antiga amante, com a qual também tivera um filho, Esperança' desiste:

Bem meu marido, eu voltei, mas não quer dizer que vou me sujeitar a esse estado de coisas, [...] meu filho crescerá e espero que ele não se sinta humilhado convivendo com esse exemplo. Você terá que decidir. E olhou de maneira profunda nos olhos, esperando uma definição. Que não veio. (2011, p. 153)

Ressaltamos que essa atitude não era muito comum às mulheres, pois a maioria dos seringalistas tinha amantes, as quais, muitas vezes, eram alojadas em luxuosas casas na cidade ou nos próprios seringais. As esposas, ficavam passivas diante dos acontecimentos e resignavam-se, argumentando que eram as esposas, devendo, portanto, obediência aos esposos.

Com a partida de Esperança, Nicolau, que era um homem forte, chorou copiosamente, mas sentiu-se incapaz de separar-se da amante, passando a conviver com ela definitivamente. Foram breves anos de profunda infelicidade... Atifa, passou a fazer parte de alguns negócios de Nicolau, cujo rendimento era depositado em uma poupança. E tanto ela quanto a mãe eram mulheres ambiciosas. Quanto ao Júnior, filho de Nicolau com Atifa, este cresceu sem limites; na adolescência, foi enviado para a cidade de Manaus/AM para se dedicar aos estudos. Contudo, mesmo estudando em um bom Colégio e vivendo em uma hospedaria luxuosa, não tinha responsabilidade. E, para desgosto do pai, transformou-se em um homem boêmio e esbanjador. Diante do comportamento do filho, Nicolau o trouxe de volta para o Seringal Esperança.

No mesmo período, Nicolau reencontrou o seu primogênito. Este também vivia e estudava na capital manauara. O reencontro foi emocionante, pois ao contrário de Júnior, Edson era um rapaz estudioso, íntegro e bem formado. Já estava cursando a faculdade de Direito, o que deixou Nicolau orgulhoso e feliz.

Enquanto isso, o Brasil vivia uma grande crise político-administrativa. Era o ano de 1935, época da Intentona Comunista. A crise nacional atingiu os seringais da Amazônia e, com o surgimento dos seringais da Malásia, houve uma redução na procura pela borracha da brasileira. O funcionamento da E.F.M.M. fora ameaçado e muitos seringueiros abandonaram os seringais. O tempo foi transcorrendo e tanto as dificuldades financeiras quanto os problemas familiares passaram a fazer parte da rotina de Nicolau Kaufmann. Nesse ínterim o filho

Júnior tornou-se cada vez mais irresponsável e, diante dos desmandos praticados pelo filho, Nicolau viu-se obrigado a expulsá-lo de suas terras. Na ocasião, tanto a mãe quanto a avó decidiram acompanhá-lo: “Levaram uma mudança enorme, joias, pinturas, jarros, quadros, tapetes, coleções de louças, lençóis finíssimos e dinheiro, etc.” (2011, p. 165). Após a partida da amante, Nicolau debruçou-se em intensa tristeza, mas surgiram outras demandas e ele se dedicou ao trabalho para superar a dor desta nova separação.

Voltemos aos acontecimentos históricos mencionados na narrativa... Era a década de 1940, e a 2ª guerra Mundial iria trazer novas perspectivas para os seringais da Amazônia. Na época, foram enviados grandes contingentes de “Soldados da Borracha” para atender aos esforços de guerra:

A demanda por borracha vegetal se agigantou porque os seringais da Ásia tinham ficado em mãos japonesas [...] E Nicolau decidiu-se aparelhar-se para essa guerra: o aumento da produção de borracha. Contratou mais gente, recuperou as estradas de seringa, fez a manutenção dos motores e das embarcações. Adquiriu novas facas, tigelinhas, porongas, terçados, armas, munições, machadinhas, baldes, enfim, toda a parafernália necessária [...]. (2011, p. 177 e 179).

Nesse período, devido a falta de mão-de-obra, muitos índios foram obrigados a trabalhar como seringueiros. No seringal Esperança, de acordo com o narrador, os índios não se adaptaram ao corte das seringueiras. Porém, trabalhavam na coleta da castanha. Também há registros de embates entre índios e seringueiros:

[...] outro grupo de silvícolas ampliava seus ódios contra os brancos e se mantinha absolutamente arredio.[...] aqui e acolá, uma incursão em estradas de seringas, colocação ou igarapé, transformava, por obra e graça de suas certeiras flechas, brancos vivos em mortos. (2011, p. 193).

A História oficial apresenta alguns registros sobre esses embates. Porém, os indígenas descendentes dos povos que sobreviveram aos massacres guardam em suas memórias o terror vivido por seus ancestrais e relatam, com riqueza de detalhes, todas as atrocidades vividas.

No dia 13 de setembro de 1943, a região transformou-se no Território Federal do Guaporé e passou a ser governada pelo Cel. Aluizio Pinheiro Ferreira. Apesar de tantas mudanças vivenciadas, Nicolau consumia-se de tristeza. O filho Edison mantinha contato apenas com a mãe, Esperança. Já estava formado,

casado e tinha um filho. Também progredira profissionalmente e assumiria um cargo na Embaixada do Brasil na França. A notícia foi enviada à Esperança através de uma carta. Porém, devido às mágoas e ressentimentos, ela nada informara a Nicolau. Seria uma forma de puni-lo, pela antiga traição.

Diante de tanta culpa e sofrimentos, Nicolau sucumbiu à tristeza. E na medida em que ele se entregava à reclusão, o seringal Esperança também foi entrando em decadência. Por fim, Nicolau não resistiu e numa manhã foi encontrado morto em seus aposentos. No bolso do pijama, deixou um testamento feito de próprio punho, expressando seus últimos desejos em relação à administração de seus empreendimentos. E em seu diário, havia uma mensagem de despedida, provavelmente suas últimas palavras: “Esperança, querida esposa, perdão, eu te amei.” (2011, p. 215).

A narrativa prossegue fazendo o registro das grandes transformações históricas vividas em Rondônia, no Brasil e no mundo nas décadas de 1950 e 1960. E o narrador retoma o enredo do romance explicando que após a morte de Nicolau, Esperança tentava rever seus conceitos e reconstruir-se e: “[...] envolvida pelo sentimento de perdão e desejosa de se reencontrar, pisou no trem que a levou de volta a seu antigo aconchego.” (2011, p. 222). Na realidade, a viagem de Esperança para Nova Murtinho, local onde se localizava o seringal Esperança, simbolizava o reencontro com sua própria história. E ao colocar o xale sobre os ombros, ficou comovida. Eis o maior símbolo desta história: “O xale, todavia, era especial; representava a ternura de um momento [...] E o colocou solenemente sobre os ombros e se sentiu abraçada pelo marido [...]” (2011, p. 223). O xale já estava envelhecido, mas foi guardado por Esperança durante todos aqueles anos como a recordação de Nicolau, que nunca fora esquecido. Era o ano de 1962. Ou seja, 50 anos depois... Esperança retornava ao lugar batizado em sua homenagem e foi recebida carinhosamente pelos empregados do seringal. Para completar a sua felicidade, no mês de dezembro do mesmo ano, ela foi surpreendida pela chegada de seu filho Edison, sua nora Adriana e os netos Ivo e Vera Lúcia. Era apenas uma visita, mas, anos depois, a quarta geração dos Kaufmann, representada pelo neto Ivo, iria gerenciar, juntamente com a avó, o seringal Esperança: “Em 1970 [...] aos 23 anos, eis que formado em Engenharia Agrônômica e em Zootecnia [...]. Como prometera, Ivo de Alencar Kaufmann voltava para dividir com ela o

gerenciamento dos negócios.” (2011, p. 242). O retorno de Esperança e a rememoração dos momentos felizes vividos naquele lugar encheram-na de entusiasmo. E com muita habilidade ela coordenou juntamente com o neto a recuperação do seringal. A partir da década de 1970, com o fechamento da E.F.M.M e abertura da BR 364, foram implantados pelo INCRA diversos projetos fundiários no Estado de Rondônia. Com isso, o “império” dos Kaufmann foi reduzido a 33.000 hectares apenas. A história de Esperança é finalizada com o nascimento do bisneto Frederico, a quinta geração da família Kaufmann. E, devido a decadência dos seringais Esperança passou a viver novos tempos, onde a atividade principal passou a ser a exploração da madeira e a implantação da agricultura e da pecuária.

CAPÍTULO IV

HISTÓRIA, MEMÓRIA E MISTICISMO NA OBRA DE ANTÔNIO CÂNDIDO

A partir de estudos sobre as relações entre a História e a Literatura, desenvolve-se, neste capítulo, uma breve apresentação e análise da obra *Diaruí*, de autoria do escritor rondoniense Antônio Cândido da Silva. Pretende-se, também, contribuir com as investigações que apontam a relevância da arte literária como um espaço privilegiado para a reconstituição da história.

Antes de abordar a obra, é importante mencionar que o escritor rondoniense Antônio Cândido da Silva¹⁰⁷, além de se dedicar à escrita literária também se dedica à pesquisa sobre a História de Rondônia. Para desmistificar alguns equívocos registrados por autores da História Regional, em 2007, o autor publicou a obra “Enganos de nossa história”¹⁰⁸. Assim, na literatura produzida por Cândido, a ligação entre o historiador¹⁰⁹ e o literato é marcante e explícita. Essa característica na obra do referido autor justifica-se, ainda, porque, sendo filho de seringueiro, cresceu nas colocações dos seringais amazônicos e, desde muito cedo, teve contato com a História e com a Geografia da região que hoje constituiu o Estado de Rondônia e, principalmente, com a história da formação dos seringais e da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - E.F.M.M.

De acordo com Clara Rocha:

A produção literária de cunho confessional ou memorialístico, a partir da chamada história cultural, engendra o cenário onde se assiste a virada do eixo paradigmático da história, e, graças a ela, é que nos últimos anos, temos presenciado a entrada em cena dos relatos orais de vida tanto das

¹⁰⁷O autor é natural de Humaitá/AM, mas reside em Rondônia há 69 anos. Ele é filho de seringueiro e, desde a infância, conviveu com a história e os mistérios da Amazônia rondoniense. É graduado em Letras, pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR e Membro da Academia Rondoniense de Letras – ACLER.

¹⁰⁸Na obra *CÂNDIDO DA SILVA*, Antônio. **Enganos da nossa história**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.

¹⁰⁹Conforme Antônio Cândido, em entrevista realizada via e-mail, em março/2016, ele estudou a História de Rondônia quando participou de concursos para a criação dos símbolos municipais (Hino, Bandeira e Brasão) do município de Porto Velho, sendo vencedor nos quesitos bandeira e brasão; Bandeira e hino do município de Costa Marques e hinos dos municípios de Jaru e Cerejeiras. Portanto, para participar dos referidos concursos, o autor realizou estudos minuciosos sobre a história da conquista e ocupação da região onde, atualmente, localiza-se o Estado de Rondônia, tornando-se a partir dos conhecimentos obtidos e as contradições encontradas, grande estudioso da História de Rondônia.

grandes personagens da história quanto de pessoas anônimas. (ROCHA, 1992, p. 10).

Corroborando as ideias de Rocha (1992), Edward Said afirma que: “[...] a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados [...]” (2007, p.14). Assim, na obra de Antônio Cândido, as fronteiras entre esses campos de conhecimento são tênues. Ele apresenta dois mundos distintos: um real, que é marcado pelo registro dos fatos históricos e o outro imaginário, marcado pelo registro dos mitos indígenas e das lendas amazônicas, tentando estabelecer uma conexão entre esses dois mundos.

Na obra “Madeira-Mamoré – O Vagão dos Esquecidos – epopeia”, ele trata do processo de construção, funcionamento e desativação da E.F.M.M., registrando alguns aspectos da vida dos últimos funcionários em atividade na época da desativação da referida ferrovia.

Em “Diaruí”, ele mostra que a construção da E.F.M.M. e a exploração dos seringais na Amazônia rondoniense impulsionaram o desenvolvimento da região, no entanto, também contribuíram para a conseqüente degradação do espaço geográfico e social onde habitavam os povos indígenas e outras populações autóctones. E, por fim, registra, em tom de denúncia, o extermínio de povos indígenas, principalmente, dos Karipunas.

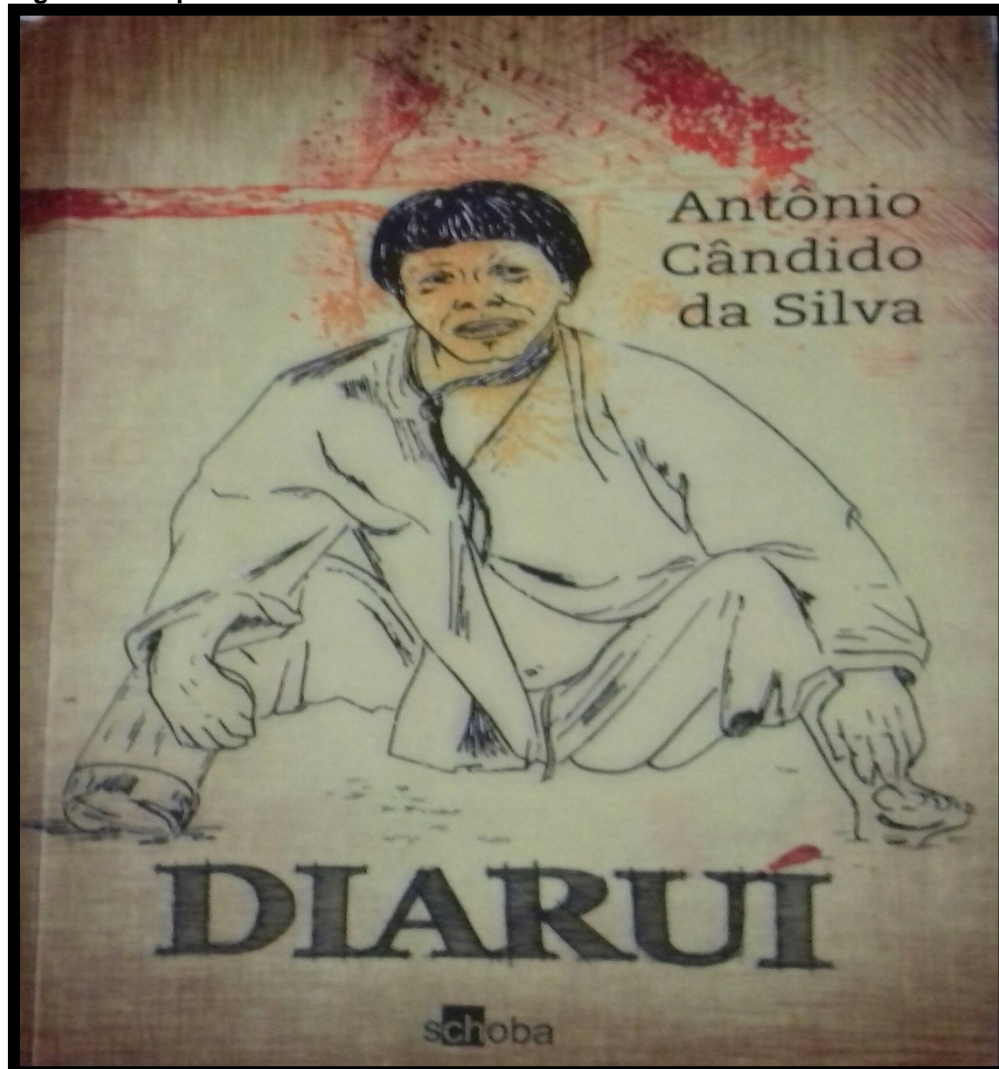
O autor trata de temas regionais, geralmente relacionados ao processo de ocupação e formação do Estado de Rondônia, dando ênfase aos acontecimentos históricos nacionais e regionais, que motivaram os processos migratórios, discutindo, também, sobre a questão indígena.

4.1 Diaruí: a construção da E.F.M.M, a implantação dos seringais e o extermínio dos karipunas

O romance “Diaruí” foi publicado no ano de 2010, pela editora Schoba, em edição custeada pelo autor. A capa da obra foi ilustrada por Carlos Eduardo de Oliveira e Silva (Kadu) e além de apresentar um índio com uma perna amputada, também apresenta, na parte superior, marcas de sangue que representam as violências a que os índios foram submetidos durante o processo de colonização e

ocupação da Amazônia rondoniense. Quanto à estrutura, a obra está organizada em 20 (vinte) capítulos e foi ambientada em Rondônia.

Figura 8 – Capa da obra Diaruí



Fonte: Produzida pela pesquisadora.

“Diaruí”, foi inspirado na história da personagem homônima, Diaruí, um indígena do povo Karipuna¹¹⁰, encontrado por engenheiros da E.F.M.M. em uma espécie de trilha, nas proximidades do acampamento dos trabalhadores da ferrovia. Teria sido picado por uma serpente e estava com a perna direita necrosada.

Para contar a história de Diaruí e do extermínio de seu povo o autor reconstituiu, a partir da memória histórica e da memória coletiva, a história de povos que habitaram no eixo Porto-Velho/Guajará-Mirim, no final do século XIX e

¹¹⁰No final do século XIX, o povo indígena Karipuna habitava na bacia do rio Jaci-Paraná e, devido à construção da E.F.M.M. e os constantes embates com os seringueiros, os Karipunas se deslocaram para as cabeceiras do rio Mutum Paraná.

início do século XX, destacando o seu contato com os colonizadores e os conflitos e confrontos vivenciados na luta pela posse da terra.

Nesse contexto, utiliza-se a palavra “extermínio” no sentido literal, ou seja, como o ato de “destruir com mortandade; aniquilar”. Tal afirmação, de acordo com Antônio Cândido, justifica-se porque os dois únicos sobreviventes do povo Karipuna são do sexo masculino, não sendo possível, portanto, dar continuidade a uma nova formação do povo/nação. Por outro lado, há poucos registros históricos sobre esse assunto, dentre eles, destacamos a obra “Brevíssima história da Madeira-Mamoré, o escritor Beto Bertagna (2000): “No início da construção da ferrovia, a nação Karipuna tinha mais de 10.000 índios. Hoje, “só restam 12.” (BERTAGNA, 2000, p. 13)¹¹¹.

Para escrever o romance, o autor realizou entrevistas com os moradores mais antigos dos municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim e dos distritos de Jaci-Paraná e Abunã. Também recorreu a dados históricos para registrar, ao longo da narrativa, com riqueza de detalhes, os aspectos sócio-históricos e geográficos da região utilizada como pano de fundo para a construção do enredo.

Na escrita de Antônio Cândido, os aspectos históricos estão claramente descritos: o narrador evidencia alguns aspectos do processo de colonização da província do Amazonas e Mato Grosso, atual Estado de Rondônia, destacando as implicações da construção da E.F.M.M. e, principalmente, das instalações dos seringais na Amazônia rondoniense, proporcionando ao leitor uma “viagem” no tempo. Portanto, além de tratar sobre diversos aspectos da história rondoniense e da cultura indígena, o romance descreve o processo de extinção do povo Karipuna, cujas terras localizavam-se na extensa faixa de floresta onde a E.F.M.M. foi construída. Essa região também era repleta de seringueiras, portanto, alvo da cobiça dos seringalistas e de outros exploradores.

Para compreender alguns aspectos composicionais utilizados por Antônio Cândido, recorreremos aos estudos de Halbwachs (2006) que, na obra “A memória coletiva”, nos ajuda a distinguir a memória histórica da memória coletiva, afirmando:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos; também é preciso que ela

¹¹¹De acordo com Antônio Cândido da Silva, em entrevista, atualmente, só há dois índios karipunas: **Tangare-í** (Adriano) e **Bacaê** (André).

não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p.39).

Também recorreremos aos estudos de Delgado (2006), cuja obra apresenta conceitos e significados de memória, destacando que “A memória é a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. [...] A memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos.” (2006, p. 38).

Sobre esse aspecto, para compreender e explicar melhor o processo de produção do romance *Diaruí*, partimos das palavras do próprio escritor, que afirma:¹¹²:

Em *Diaruí* [...] procurei usar um tipo de narrativa Histórico/Ficcional onde está evidenciada a conquista do espaço geográfico, a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, passando pelo segundo ciclo da borracha e pelo conflito branco/índio na ocupação/conquista desse espaço.

O entrecruzamento entre a memória, a história e a ficção no romance *Diaruí* pode ser explicado por Halbwachs (2013, p. 39): “Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança.” Assim, ao construir o enredo Antônio Cândido transita pelo mundo real, marcado pela reconstituição das memórias e pelo registro dos fatos históricos e pelo mundo imaginário, marcado pelas lendas e pelos mitos dos povos que viveram/trabalharam na Amazônia rondoniense. O referido autor apresenta o processo de colonização do Estado de Rondônia como um período histórico que, em nome do progresso, causou a devastação da natureza e, principalmente, dos seres humanos que habitavam na floresta. Todavia, a partir de toda a problemática apresentada, ele proporciona ao leitor uma reflexão sobre a importância da preservação da natureza e do homem.

A partir de fragmentos da obra, a seguir, pretendemos mostrar como alguns elementos históricos, ficcionais, memoráticos, culturais e identitários estão imbricados na construção do romance *Diaruí*. Já na parte inicial do romance, os trabalhadores da E.F.M.M. expressam o medo do confronto com os índios, evidenciando que tinham conhecimento de que o traçado da ferrovia estava sendo feito em terras indígenas: “- Sabe Peter, eu estou muito preocupado com

¹¹²Em entrevista realizada no mês de junho de 2015.

os índios que habitam essa região que vamos atravessar. Dizem que são ferozes e que nos vigiam constantemente. (2010, p. 8-9).” O narrador também descreve a invasão dos trabalhadores da E.F.M.M às terras ocupadas pelo povo indígena Karipuna:

Os trabalhadores que construíram as casas chegaram a ver alguns Karipuna nas imediações, muito rapidamente, sem, contudo, serem molestados, mas à medida que os trabalhos progrediam, o temor de um confronto com esses índios aumentava, mesmo porque cada vez mais a ferrovia invadia os domínios dessa tribo. (2010, p.25).

Na Amazônia, as formas de ocupação espacial foram distintas. No período da construção da E.F.M.M., além da edificação de acampamentos, os trabalhadores também derrubavam parte da floresta, abrindo uma espécie de trilhas onde, posteriormente, seriam fincados os trilhos da ferrovia. Nesse contexto, o narrador registra os diálogos dos engenheiros e trabalhadores da ferrovia que, durante a abertura de trilhas na selva, discutem sobre os obstáculos enfrentados na floresta amazônica, cheia de perigos e mistérios.

Logo em seguida, a partir dos registros dos pensamentos do engenheiro Henri, o narrador questiona o comportamento do colonizador, afirmando: “Ele era o agressor; um invasor e acima de tudo um tolo porque, apesar de todo o seu conhecimento, não entendia nada de floresta, tudo o que aprendeu na vida e na escola não incluía a floresta amazônica [...]” (2010, p. 13).

O narrador também descreve o cotidiano dos trabalhadores da ferrovia, destacando que além dos homens contratados pela Companhia, responsável pelo grandioso empreendimento, havia também outras frentes de trabalho constituídas por grupos autônomos, os empreiteiros, cujos trabalhadores atuavam nas frentes de trabalho e eram conhecidos como participantes de quadrilhas. Eles eram responsáveis pelos serviços mais pesados, mas não estavam sujeitos às regras e benefícios da Companhia. Suas remunerações também eram menores. Além disso, esses trabalhadores eram pressionados pelos empreiteiros para concluírem o trabalho em um curto espaço de tempo e, por isso, trabalhavam diuturnamente: “Os homens, como formigas, formavam um vai-e-vem que não dava para distinguir quem cavava ou quem carregava a terra nas padiolas para aterrar a baixada que vinha logo depois [...]” (2010, p. 18). E, para mostrar que os “deuses” da selva castigavam seus invasores, o narrador relata:

O emaranhado de cipós difíceis de serem cortados, a perseguição das formigas a morderem a carne, as abelhas que se enroscavam nos cabelos e os marimbondos cuja picada venenosa deformava o rosto de suas vítimas eram algumas das mil maneiras que tinha a floresta para responder à violação dos seus domínios. (2010, p. 10).

No romance, também são apresentados inúmeros episódios lendários, geralmente, relacionados com a destruição da natureza: floresta, rios, animais e outros. É o caso, por exemplo, da história de um caçador que fora enfeitiçado pelo “pai da mata”¹¹³:

Quando Cícero desceu da espera naquela manhã, com três pacas abatidas, notou uma enorme anta parada a sua frente, longe do alcance de tiro da sua espingarda calibre 16. Ao tentar se aproximar do animal notava que a sua anta também se afastava e, assim, passou o dia todo naquela perseguição inútil, quando finalmente a anta desapareceu e, somente á noite, ele veio tomar consciência de que estava perdido e havia sido enfeitiçado pelo pai da mata. (2010, p. 21).

E a narrativa prossegue contando outros episódios envolvendo os mistérios e os deuses da floresta e destacando que durante a construção da E.F.M.M. muitos trabalhadores foram acometidos pelas doenças tropicais ou atacados pelos animais silvestres e, geralmente, sucumbiam no tracejado da ferrovia. Os que não eram empregados da Companhia, eram enterrados em covas rasas, às margens das trilhas onde seria construída a futura estrada de ferro. O narrador também registra um fato histórico importante: no início do século XX, na localidade de Porto-Velho, atual capital do Estado de Rondônia, foi construído o hospital Candelária¹¹⁴, para atender, principalmente, aos trabalhadores da ferrovia. Nas proximidades do hospital, também foi construído um cemitério, que possuía inclusive, de acordo com a narrativa, um projeto cartográfico.

Conforme comprovado pelo registro fotográfico abaixo, o atendimento aos trabalhadores enfermos também era feito nos acampamentos e em postos emergenciais na linha de frente da construção. As doenças mais comuns eram: a malária, a pneumonia, o beribéri e a febre amarela.

¹¹³Na Amazônia, o pai da mata é considerado o guardião da floresta, ou seja, tem a função de proteger a mata e seus habitantes. Ele também é conhecido como Curupira e tem o poder de encantar adultos e crianças. De acordo com o imaginário social, o pai da mata tem a aparência indígena, os cabelos avermelhados e os pés virados para trás.

¹¹⁴Na voz de Cândido: “O hospital da Candelária possuía o que existia de melhor na medicina, naquele início de século.[...]” (CÂNDIDO, 2010, p. 30). Essa informação é confirmada pelo médico sanitário Dr. Osvaldo Cruz e pela literatura produzida na época. Tanto o hospital quanto o cemitério mencionados na obra foram construídos durante a construção da E.F.F.M.

Figura 9 – Posto de atendimento aos trabalhadores da E.F.M.M



Fonte: Foto- Danna Merrill

Nos casos mais graves, os trabalhadores eram encaminhados para atendimento no hospital, onde permaneciam até a plena recuperação: “[...] o maior número de hospitalizações eram por causa da malária [...] no entanto o índice de mortalidade maior era verificado nos doentes acometidos de pneumonia que chegava a mais de 50% [...]” (2010, p. 31). Além das doenças mencionadas, nas frentes de trabalho também aconteciam muitos acidentes de trabalho.

É importante destacar que os registros fotográficos da época eram patrocinados pelos empreiteiros da E.F.M. M. e retratavam apenas os espaços e temas que possibilitassem a divulgação do empreendimento, pois o objetivo era catalisar recursos de investidores internacionais. Portanto, a realidade era camuflada a partir da utilização das belas imagens fotografadas.

No romance, a relação entre a personagem Diaruí com os trabalhadores da ferrovia e os seringueiros evidencia a desterritorialização e a re-territorialização, gerando, com isso, o desenraizamento das identidades e o conseqüente processo de hibridização cultural. Para compreender e explicar esse aspecto, recorreremos ao glossário crítico elaborado por Tomaz Tadeu da Silva¹¹⁵, que conceitua a desterritorialização como: “[...] descodificação ou afrouxamento de regras e controles tradicionais [...]” e a reterritorialização como: “[...] instituição de novos e renovados controles e regras [...]”.(2009, p. 39).

¹¹⁵O autor fundamentou a elaboração desses conceitos nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Sobre este aspecto de Diaruí, é importante destacar que os primeiros deslocamentos do povo Karipuna não aconteceram apenas em decorrência da construção da E.F.M.M. A partir da década de 1940, época da 2ª Guerra Mundial e do 2º Ciclo da Borracha, os embates entre os indígenas e seringueiros, os “Soldados da Borracha”, também foram determinantes para os deslocamentos dos povos indígenas, dentre eles os Karipunas. De acordo com o narrador, na década de 1940, em toda a região amazônica a vida renasceu nos velhos seringais:

A Amazônia estava sendo invadida por milhares de pessoas, na maioria nordestinos, que nada entendiam de seringal, mas traziam a coragem e o objetivo de voltarem ricos para o local de onde vieram, impulsionados pela propaganda governamental [...]. (2010, p. 147).

Diante da expansão dos domínios dos seringais, os índios karipunas continuavam se deslocando para as nascentes dos rios Formoso e Capivari, locais íngremes e perigosos. Convém lembrar, também, que no território boliviano que incluía o hoje estado do Acre, havia muitos seringais e seguia por uma larga faixa de terras margeando os Rios Mamoré e Madeira até próximo ao atual limite Rondônia/Amazonas.

Conforme Reis (2013, p. 266), “Os textos narrativos literários concretizam um processo de representação eminentemente dinâmica, sobretudo pela ação de mecanismos temporais.” Em Diaruí, romance histórico-ficcional, o aspecto temporal é desenvolvido em duas fases bem distintas.

Na primeira fase da narrativa, o foco do enredo está direcionado para “Diaruí”, o índio abandonado para morrer, pois, segundo a crença do seu povo, um índio mutilado carrega a sina de morrer longe do seu povo e sem a preparação para o mundo dos espíritos. Nessa fase, o narrador dá ênfase à relação dos índios karipunas com os trabalhadores da E.F.M.M. A segunda fase do romance é marcada pela continuação da vida de Diaruí, através do nascimento do filho de Daué, o qual também recebera o nome de Diaruí e seria o responsável pela continuidade da missão do grande guerreiro. O filho de Daué recebe, simbolicamente, o nome de Diaruí porque representa o povo mutilado que vai desaparecer. Contudo, nessa fase, a estrutura do romance apresenta duas narrativas superpostas: a do índio e a dos seringalistas, com ênfase maior ao processo de formação e funcionamento dos seringais. O narrador também

descreve a luta dos seringalistas pela ampliação de seus seringais e exploração das riquezas vegetais. Nesse contexto, acontecem os embates e massacres entre índios e seringueiros. A história dos seringalistas segue em ordem cronológica e é descrita com riqueza de detalhes. No final do romance, o narrador retoma a temática indígena para registrar a morte de Daué e o massacre dos karipunás.

De acordo com Delgado: “O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos [...]” (2003, p. 10). Dessa forma, na primeira fase do romance, o narrador descreve o encontro de Diaruí com os trabalhadores da ferrovia, deixando claro que a intenção dos indígenas, ao abandonarem Diaruí nas trilhas onde seria construída a E.F.M.M., de certa forma, era uma tentativa de afastar os trabalhadores da ferrovia, invasores de suas terras, pois os karipunas acreditavam que os índios doentes eram dominados por um espírito capaz de atingir também quem deles se aproximasse:

Naquela manhã, ao entrarem no corte que haviam feito, em direção à picada que os levaria ao novo acampamento, a surpresa foi geral. Ao lado de uma cuia com farinha e uma palma de bananas, um índio Karipuna ardia em febre, com a perna direita necrosada pela picada de uma serpente. Seu nome: Diaruí, aparentando ter 20 anos. (2010, p.25).

Em Diaruí, alguns aspectos do imaginário mítico do povo Karipuna expressam elementos da cultura indígena e suas representações sobre o local onde viviam. Ao tratar da constituição e função do mito, Elíade (2001, p. 24) afirma: “[...] nas civilizações primitivas, o mito exerce a função indispensável. Ele exprime e realça e codifica as crenças.” Nesse sentido, no contexto da obra em tela, os mitos estabelecem as regras de convivência e os modos de vida do referido povo indígena.

Os trabalhadores da E.F.M.M. encontraram Diaruí agonizando nas trilhas da Estrada de Ferro acompanhados do Doutor Lovelace, médico do Hospital Candelária, que também prestava atendimento nos alojamentos da ferrovia. Ele ficou comovido com a situação do índio e o levou para o hospital onde teve a perna amputada. Nos dias seguintes, devido às dificuldades de comunicação com o médico e com as enfermeiras, Diaruí recebeu um novo nome. A partir daí, passou a se chamar Pitt.

Após alguns dias de sofrimento, Diaruí percebe que está vivendo em um ambiente sociocultural totalmente diferente do ambiente em que viveu durante

toda a sua vida e, entre momentos de delírios e outros de lucidez, questionava-se acerca da realidade, sendo tomado por intensa tristeza e sofrimento: “Pitt lembrava-se de sua infância ao lado da bela Daué com quem se casaria, de Baté, sua prima, de seu irmão Ura-í e dos amigos Aron-gá e Uca. Tudo agora fazia parte de passado.” (CÂNDIDO, 2010, p. 28). Nesse momento, o indígena sofreu inúmeras interferências de outras culturas, pois no hospital passou a conviver com pessoas de diversas origens e, em alguns momentos questionava-se acerca de suas crenças. Enquanto se recuperava, no hospital Candelária, Diaruí relembrou de sua vida na selva. Ele tinha planos de se tornar um grande guerreiro, casar, ter filhos, etc. No entanto, aos poucos, ele vai tomando consciência de sua nova condição física e se desespera, pois devido à mutilação sofrida, teme em não ser mais aceito pelo seu povo:

[...]. Agora ele não poderia ser mais um guerreiro, um caçador. Mas ele não viveu até ali para isso. Ele foi criado e ensinado para ser um guerreiro.[...]. É, parece que tudo estava terminado. Ele nunca mais seria um guerreiro. Não tinha mais como apoiar o arco no dedão do pé. E tudo por causa daquela cobra que colocou nele um espírito do mal. [...] (CÂNDIDO, 2010, p. 27-28).

Enquanto Pitt tomava, sofridamente, consciência de sua nova condição, foi despertado por uma enfermeira que lhe trazia o café da manhã. Nesse momento, já livre dos efeitos dos sedativos ele observou o alimento - uma xícara com leite e um pedaço de pão com queijo - e, no mesmo instante, se lembrou de que seu alimento matinal na maloca era um pedaço de anta assada com farinha d'água. Surgia então um novo estranhamento. Porém, devido a intensidade da fome, comeu o alimento imediatamente.

Nos dias seguintes, as novidades da vida distante da selva lhe foram sendo apresentadas e, aos poucos, a confiança entre ele e os funcionários do hospital foi sendo conquistada. Nos intervalos entre a medicação e a alimentação, Pitt mergulhava em suas doces lembranças e também questionava-se e admirava-se da estrutura do hospital. Para ele, tudo era estranho. Após momentos de tristeza e choro, ele adormeceu.

Com o passar do tempo, Pitt acostumou-se com a nova vida. Após a recuperação, foi presenteado com um par de muletas e já podia se locomover pelas dependências e pátio do hospital. “Os ensinamentos de sua gente entravam em conflito quando ele observava o jeito como o homem branco

vivia, cuidava de seus doentes, das suas coisas [...] (2010, p. 44). Enquanto observava os modos de vida dos homens brancos, foi chegando à conclusão de que eles tinham sido melhor para ele do que seus irmãos índios. Porém, Daruí ainda acreditava no mundo dos espíritos. Ele pensava que tinha sido curado: “[...] graças ao feitiço que o homem branco guardava em vidro pequeno e botava no seu corpo com aquele espinho de ferro.” (2010, p. 38).” Esse trecho evidencia as representações do índio em relação à cultura dos brancos, pois mesmo convivendo no ambiente hospitalar, Diaruí não tinha consciência em relação aos medicamentos e equipamentos utilizados no hospital.

Passaram-se dois anos e o maior desejo de Pitt era voltar para sua aldeia. Sentia saudade de sua gente, principalmente de Daué e dos amigos Ucá, Aron-gá Baté e Ura-í. Afinal, para o seu povo, ele estava morto! Porém, a volta de Pitt foi programada pelo Dr. Lovelace somente para o dia 30 de outubro de 1910, ocasião em que seria inaugurado um trecho de 62 quilômetros da ferrovia. Pitt partiu na mesma locomotiva que transportou as autoridades. Porém, viajou sentado no último banco do vagão. O narrador não explica o motivo do adiamento do retorno de Pitt, mas, visto que o evento seria fotografado e noticiado em diversas partes do mundo, fica implícito que a presença do indígena no dia da inauguração desse trecho da ferrovia seria usada para impressionar a comitiva e também para mostrar ao mundo que a convivência dos trabalhadores da ferrovia com os índios da Amazônia era pacífica.

Durante a viagem, Pitt ficou extasiado ao ver a imponência do trem e também muito ansioso para rever o seu povo. O que eles iriam pensar? Perguntava-se. No percurso, observava a paisagem totalmente modificada e ficou assustado com tamanha destruição. Para o seu povo, a natureza era sagrada:

Pitt sentiu uma ponta de tristeza ao ver o que o homem branco havia feito da floresta. De cada lado dos trilhos cento e cinquenta metros de devastação na mata mostrava a imensidão de árvores tombadas. No descampado, a cada instante surgia uma cruz representando a última morada daqueles que pagaram com a vida o tributo cobrado pela natureza agredida e violada.” (2010, P. 46-47).

Ao chegar na aldeia, a alegria alimentada por Pitt durante o tempo em que ficou hospitalizado, transformou-se em decepção, pois de longe avistou Daué com uma criança nos braços e ficou desolado. Ela era o grande amor de sua vida e aquela criança prenunciava o fim de todas as suas esperanças. O

reencontro de Pitt com o seu povo foi cheio de questionamentos. Afinal, para seus amigos e para o povo de sua aldeia ele havia voltado do mundo dos mortos. À noite, houve uma grande comemoração, mas Pitt estava inquieto. Não conseguia aceitar que Daué tinha se casado com um de seus melhores amigos Ura-í.

O tempo foi passando e Pitt compreendeu que Daué não teve outra alternativa senão casar-se: “Daué não se governa, tinha que ter marido para aumentar o número de guerreiros da tribo. Se dependesse de Daué, Daué morria sozinha [...]” (2010, p. 51). Conforme o narrador, motivados pelas histórias contadas por Pitt, algum tempo depois, um grupo de indígenas foi ao hospital Candelária para conhecer o local e confirmar tudo o que Pitt havia relatado.

Depois da viagem e do tratamento recebido no hospital, os índios tornaram-se amigos dos trabalhadores da ferrovia. “Eles não faziam ideia de que a política dos americanos era diferente da política dos seringais porque os interesses eram outros.” (2010, p. 60). As histórias contadas pelos índios karipunas mais velhos já não faziam sentido para os índios mais jovens. O pajé tentou alertá-los: “– Pajé teve visão. Coração de Pajé está triste porque daqui a alguns anos, Karipuna será perseguido do jeito que índio foi perseguido rio abaixo, no Madeira.” (2010, p. 64). Porém, os índios não deram importância às previsões do pajé, pois estavam muito confusos, afinal, como o trem, que era apenas um amontoado de ferros poderia atacá-los? Eles não tinham consciência da devastação que esse progresso causaria, pois após a construção da ferrovia, os seringais seriam ampliados e, em consequência, suas terras seriam invadidas.

A E.F.M.M. foi inaugurada no ano de 1912, época em que o canal do Panamá também entrou em funcionamento e os seringais da Malásia passaram a ser mais atrativos, vantajosos e lucrativos. Os grandes transatlânticos deixaram de transitar pelos portos da Amazônia e, com isso, muitos seringalistas entraram em falência, abandonando os seringais. Por sua vez, os índios da região amazônica passaram a viver um período de paz. Na aldeia dos índios karipunas, eles se preparavam para construir uma nova oca. Pitt convivia harmoniosamente com Daué e Ura-í, inclusive, de vez quando, deitava-se com Daué, com o consentimento do amigo: “- Pitt está muito triste hoje. Ura-í vai mandar Daué para alegrar Pitt. [...]” (2010, p 80). Na mesma noite:

“Pitt esperou alguns minutos e ao chegar a sua rede encontrou Daué que o esperava de braços abertos para mais uma noite de amor.” (2010, p. 80). A vida na aldeia prosseguia sem sobressaltos e, mesmo com dificuldades de se locomover pela selva devido a perna mecânica, Pitt quis participar do corte das árvores para a construção da oca. Durante o trabalho, ele foi atingido por uma árvore e teve a outra perna dilacerada. Acordou no hospital Candelária, onde o Dr. Lovelace fez a amputação de sua outra perna. Os empregados do hospital ficaram comovidos com a situação de Pitt e tentaram confortá-lo. Desgostoso, não quis mais voltar para a aldeia. Passou a viver no hospital e, com o tempo, acostumou-se com sua nova condição.

Após algum tempo, voltou a ser feliz. Preocupava-se com o seu povo, pois mesmo com o declínio do preço da borracha, alguns seringais ainda eram explorados. Quando Pitt presenciava a chegada de algum índio doente no hospital ficava muito entristecido. As notícias que chegavam dos seringais através dos doentes o deixavam amargurado, mas ele tinha consciência de que nada podia fazer. Para ele, o tempo transcorria lentamente. Ele auxiliava os enfermeiros na preparação das pílulas de quinino e depois perambulava pelos pátios do hospital.

Devido ao contato com os doentes no ambiente hospitalar, adquiriu inúmeras doenças e faleceu aos trinta e dois anos, vitimado por uma tuberculose. “[...] morreu cercado de médicos e enfermeiros, gente estranha que não sabia, sequer, preparar o ritual da sua passagem para o mundo dos espíritos.” (2010, p. 93).

O narrador anuncia a passagem de alguns anos e comenta sobre a dinâmica dos seringais e o funcionamento da E.F.M.M. na década de 1930. Ele afirma que, diante dos prejuízos acumulados, a ferrovia paraliza suas atividades. Porto Velho desenvolveu-se com as benfeitorias durante a implantação da estrada de ferro, porém, Jaci Paraná e as outras localidades ao longo da estrada ficaram estagnadas. Alguns seringalistas permaneceram em seus seringais e cada vez mais se apropriavam das terras e das riquezas da região. “[...] a cada ano, a abertura de novas colocações ia empurrando os índios para cada vez mais longe de suas terras de origem [...]” (2010, p. 130). No dia 08 de julho de 1931, a E.F.M.M foi reaberta: “[...] as locomotivas voltaram a trafegar

e a selva acordou novamente com o som dos apitos e o bimbalar dos sinos dos trens da ferrovia.” (2010, p. 120).

Na obra *Diaruí*, a invasão das terras indígenas pelos seringueiros e caucheiros é representada de forma dramática. O narrador descreve a ambição dos exploradores, a formação de novas colocações, a derrubada indiscriminada das árvores de caucho, a matança dos animais de caça e, também, a expulsão dos índios para além da área habitada por eles.

Os índios, cada vez mais, eram empurrados para dentro da floresta, não só pelos seringueiros de Cirino, mas também pelo pessoal dos outros seringais da região, de jeito que os indígenas estavam acudados aos pés da serra do Tracuí e nas nascentes dos rios São Francisco e Formoso. (2010, p. 137).

Enquanto isso, os conflitos entre os índios e seringueiros voltaram a acontecer com frequência, principalmente porque os seringueiros “brabos” como eram conhecidos os novatos, não respeitavam as alianças feitas entre seringalistas e índios ao longo dos anos: “ – Mataram um seringueiro e toda a família dele no seringal do seu Nobre na semana passada. [...] – Também o seringueiro foi matar um índio por causa de umas besteiras que eles levaram...” (2010, p. 132).

O narrador também relata a violência praticada pelos seringueiros caucheiros contra mulheres indígenas, que em algumas ocasiões eram roubadas de suas malocas e sexualmente violentadas. “Os caucheiros em pouco tempo fizeram amizade com os caripunas passando até a visitar a aldeia. Até que um belo dia, levaram consigo à força, algumas índias.” (2010, p. 138). O narrador descreve outras crueldades, relatando que tanto seringueiros, quanto caucheiros incendiavam as malocas e destruíam tudo o que encontravam, obrigando os índios a fugirem, abandonando suas terras.

Diante desses acontecimentos, a guerra entre seringueiros, caucheiros e índios foi instaurada nos seringais de Cirino, que sempre se esforçou para manter boas relações com os índios. Cirino tentou contato com os índios, para reestabelecer a paz, mas sem confiar na palavra do seringalista, os índios reagiram. Nessa ocasião, Cirino foi flechado duas vezes e Liberato, que era afilhado do seringalista faleceu. A partir desse dia, o seringalista providenciou mais armas e munições para que os seringueiros e caucheiros pudessem se defender nos embates. Por outro lado, os indígenas ficaram cada vez mais

desprotegidos e vulneráveis aos ataques. Tempo depois, inconformado com a morte do afilhado, Cirino formou uma expedição para fazer a vingança. Após algumas perdas no percurso, Rai, filho do seringalista assumiu o comando da expedição: “[...] Depois de trinta dias na mata a expedição voltou contabilizando [...] a morte de centenas de caripunas. [...] A partir daquele dia, Raí passara a ser um homem marcado pelos índios para o resto de sua vida.” (2010, 143). É importante mencionar que, nos embates que aconteciam nos seringais, tanto indígenas quanto seringueiros eram brutalmente assassinados, porém, os indígenas, geralmente, eram os perdedores, pois cada seringueiro possuía uma arma de fogo enquanto os índios lutavam apenas com suas flechas.

Na concepção de White, no artigo “O texto histórico como artefato literário: [...] a narrativa histórica serve de mediadora entre, de um lado, os acontecimentos nela relatados e, de outro, a estrutura de enredo [...] para dotar de sentido os acontecimentos e situações não familiares. (WHITE, 2001, p. 105).

Destacamos, ainda, os estudos de Abnael Machado de Lima (2014)¹¹⁶ que ao discutir sobre a importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica, descreve o comportamento do seringueiro ante o índio:

No período mais intenso da exploração da borracha, com a conseqüente ocupação dos baixos e altos rios Tapajós, Purus, Jaruá, Madeira e seus afluentes em cujos vales ocorriam as maiores concentrações indígenas, os seus integrantes recusaram-se a tomar contato com os invasores, vendo-os como perturbadores da ordem, da segurança e tranquilidade de seu habitat. Reagiram, os choques se sucederam revestidos de violências de parte a parte. Várias tribos desapareceram em conseqüência dos confrontos sangrentos ou reduziram-se drasticamente, vendo-se forçadas a emigrar abandonando os seus territórios. (LIMA, 2014, p. 1).

Outro aspecto sociocultural e histórico destacado na obra é o isolamento e o ambiente hostil da floresta amazônica, palco da exploração dos nordestinos nos seringais da região e do sacrifício a que foram submetidos esses migrantes, principalmente no período da 2ª guerra Mundial.

O narrador alude à data de 17 de abril de 1943, época em que foi criado no Território Federal do Guaporé, o Banco da Borracha, com a finalidade de financiar a reestruturação dos seringais. Assim, com a oferta de dinheiro a juros baixos, nos seringais, os antigos barracões foram substituídos por novas

¹¹⁶No artigo: LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica.** Artigo de opinião publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série V. Produção e comercialização. Acessado em: 19/05/2014.

construções. O tráfego de embarcações ao longo dos rios também aumentou consideravelmente e, com isso, os índios caripunas, que habitavam tranquilamente nas margens dos rios, foram sendo empurrados em direção às serras, onde habitavam os índios Pacaá-novos, seus maiores inimigos.

Conforme o narrador, enquanto o povo indígena era massacrado, os seringais prosperavam! “Ser seringalista era privilégio de poucos na região Amazônica e ninguém era considerado mais rico do que eles [...]” (2010, p. 150). Contudo, nos seringais, os únicos beneficiados eram os seringalistas, pois, devido ao sistema de aviamento implantado pelos patrões e os altos custos cobrados pelos mantimentos, os seringueiros tornavam-se escravos: “[...] a principal obrigação do seringueiro era produzir e o seu único direito era endividar-se, porém até certo ponto, porque esse direito terminava nos limites da escravidão [...]” (2010, p. 151).

No 14º capítulo, o narrador faz um avanço no tempo para explicar que após vinte e sete anos da morte de Pitt “[...] Os karipunas vagavam agora sem história e sem destino, aossados pelo branco no meio da floresta[...]. Não havia mais a figura do pajé, aquele que curava a dor do corpo e do espírito[...]. (2010, p. 154 -155). Daué envelhecera. O novo Diauruí, filho de Daué com Ura-í era respeitado pelos integrantes de sua tribo, mas todos sabiam que não tinham condições de lutar contra os brancos e, quando eram acometidos por alguma doença, acreditavam que tinham sido dominados por espíritos e, enfraquecidos, não tinham forças sequer para fugir.

O trecho acima relaciona alguns elementos históricos com a construção do enredo do romance, pois é nesse cenário que o massacre do povo indígena karipuna vai acontecendo ano após ano. E também é no contexto dos seringais que os embates entre índios e brancos ficam cada vez mais acirrados. Em algumas ocasiões, os índios atacavam os barracões tentando recuperar suas terras ou vingar os seus mortos, porém, quando isso acontecia, os seringalistas formavam expedições com o objetivo de matarem os índios que atacaram suas propriedades.. é importante destacar que a luta entre índios e seringueiros sempre foi desigual, pois, na Amazônia, os seringalistas construíram seringais com estruturas grandiosas e, em muitos casos, eles se apropriavam até das terras bolivianas que faziam limites com seus seringais.

Também possuíam grandes embarcações, armas de fogo, medicamentos contra as doenças tropicais, etc.

Nesse mesmo período, com o término da guerra, houve uma grande queda no preço da borracha. Porém, na Amazônia, os seringais continuaram a produzir e a vender seus produtos extrativistas. Com o passar dos anos, muitos seringueiros deslocaram-se para as cidades e vilas formadas ao longo da E.F.M.M. O narrador também descreve a morte de Cirino, grande seringalista e pai de Raí, que em tempos passados comandara uma expedição que vitimou centenas de índios karipunas. Com a morte do pai, Raí assume o comando dos seringais pertencentes a sua família. Porém, algum tempo depois, após realizar gastos absurdos em bordéis da capital, Dona Edite, pressionada pelos outros filhos posicionou-se lembrando ao filho que o patrimônio que ele estava administrando não era apenas dele. Assim, insatisfeito com os reclames da família, Raí “[...] resolveu abandonar a sede do seringal e trabalhar sozinho lá para as cabeceiras do rio São Francisco. [...] um dos centros mais distantes do seringal Bom Futuro.” (2010, p. 186). Raí instalou-se com a família na nova colocação e passara a ser um dos vários produtores independentes. Vivia isolado e toda a sua produção era comercializada com os regatões. Certa ocasião, tivera notícia de que os índios invadiram a colocação de Santa Luzia e assassinaram um seringueiro. Ao receber a notícia, não se conteve e disse:

- Eu só sei, seu Alberico, que depois que eles flecharam o meu pai, que Deus o tenha, eu comandi uma expedição e nós matamos tanto índio que fez gosto. Desde esse dia, nunca mais eles se atreveram a mexer com a gente. Pelo visto aprenderam a lição. (2010, p. 189).

Esse fragmento traz à tona uma grande problemática vivenciada nos seringais: o extermínio de índios pelos seringalistas e seringueiros nos seringais da Amazônia não era considerado crime. Naquela época, já existia o Serviço de Proteção ao Índio¹¹⁷, porém, não havia fiscalização por parte do Governo. Conforme o narrador, “[...] os gritos de sofrimento daquele povo eram como o eco da sapopema que não ultrapassava os limites da imensa floresta.” (2010, p. 153). Assim, diante das perseguições sofridas e da impunidade instaurada nos seringais, os índios atacavam para se defender.

¹¹⁷Que fora criado pelo Presidente Nilo Peçanha em 07 de setembro de 1910.

O narrador relata que na década de 1950, Raí trabalhava, tranquilamente, em sua colocação. Ele estava vivendo feliz com a esposa Creuza, que conhecera na cidade de Porto-Velho e já tinham três filhos: Fátima, Corina e Liberato. As notícias das outras colocações sempre lhe chegavam através do contato com os trabalhadores dos regatões. E ele nem se preocupava mais com o ataque dos índios karipunas. Porém, em um determinado dia, “[...] depois de colher o leite da terceira madeira, Raí encontrou no caminho duas flechas cruzadas, como um aviso de morte dos índios Karipuna,” (2010, p. 196). Diante do ocorrido, lembrou-se de que há vinte anos havia comandado a expedição contra os Karipunas e que fora avisado por seu pai que os índios eram vingativos. Porém, apesar de compreender o significado daquele aviso, Raí permaneceu trabalhando tranquilamente. Nos dias seguintes, Raí deparou-se com outros avisos, novamente ignorados. Os embates entre índios e seringueiros haviam cessado, pois diante da truculência de alguns seringalistas, o povo indígena havia se isolado nas cabeceiras dos rios. Raí precisou fazer uma viagem à colocação de São José. Era uma localidade próxima e ele demoraria apenas um dia para ir e retornar. Partiu na madrugada e, ao amanhecer, Creuza atravessou o pequeno rio na canoa com as filhas Fátima e Corina e com uma sobrinha que passava as férias no seringal. Pretendiam catar frutos de Pequiá, conforme havia informado na noite anterior, mas retornariam logo. Deixaram o pequeno Liberato em casa, pois o mesmo ainda estava dormindo.

No final da tarde, Raí retornou e de longe ouviu o choro desesperado do filho. Não havia ninguém em casa e, naquele momento, a angústia dele foi tão grande que ele não conseguiu sequer imaginar o que havia acontecido. Ao olhar para o outro lado do rio, observou que a canoa estava amarrada no barranco. Teve um triste pressentimento e, naquele instante, compreendeu que vingança gera vingança:

Raí atravessou o rio, amarrando a canoa num arbusto do barranco e caminhou em direção do pé de pequiá que ficava a uns duzentos metros do rio. Lá, deparou-se com uma cena terrível! Creuza, sua mulher, estava morta e esquartejada. Uma de suas coxas ainda repousava no braseiro de uma fogueira e fora quase que totalmente comida pelos índios que a atacaram. “Das crianças, Raí não encontrou o menor vestígio. (2010, p. 201).

Desesperado, Raí fez o sepultamento do que restou do corpo da esposa e com o coração cheio de desespero e amargura partiu com Liberato, o filho caçula, nos braços para a casa de Edite, sua mãe. Enquanto isso, “Na aldeia, Diaruí estava satisfeito porque, vinte anos depois, ele conseguira vingar a morte do pai que tombou com as balas do rifle de Raí. [...] Daué, envelhecida pelas lutas e pelo tempo, podia morrer tranquila porque a morte de Ura-í e Aron-gá foram vingadas [...]” (2010, p. 202-203).

Mas o acerto de contas ainda aconteceria... Inconformado pela tragédia que aconteceu com sua família, Raí preparou-se para destruir o povo indígena karipuna definitivamente. Instruído por seu irmão Rubim, que havia morado alguns anos no Rio de Janeiro, adquiriu munições na cidade de Porto-Velho e uma metralhadora na Bolívia. Contratou um grupo de seringueiros e também um índio da tribo Pakaá Nova e partiram em direção à cabeceira do rio Formoso. No percurso, encontraram várias malocas, mas todas estavam vazias. Após alguns dias, encontraram a maloca onde havia cerca de trintas índios. Raí instalou a metralhadora na única saída da oca e esperou o dia amanhecer:

Às cinco horas, quando as primeiras luzes do dia começavam a chegar, Raí acendeu o estopim, e, alguns minutos depois, um estrondo violento sacudiu a floresta e o fogo tomou conta da taba.[...]. Pedacos carbonizados de índios espalhavam-se pelo perímetro da oca e fora dele, os corpos de homens, mulheres e crianças jaziam espalhados completando aquele quadro de desolação e extermínio de um povo. (2010, p. 211 -212).

Na visão dos seringueiros, eles estavam fazendo justiça! Quanto aos índios que sobreviveram, uns formaram pequenos grupos e ficaram vagando pela floresta. Outros, refugiaram-se por trás da serra do Tracuá. Porém, no contato com os civilizados, que os continuaram perseguindo, a os karipunas foram praticamente dizimados. Uns foram assassinados à bala, outros infectados por doenças. Quanto à Diaruí, o último guerreiro, morreu vitimado pela malária.

Depois de doze anos, Raí voltou ao antigo Seringal São Francisco, palco de sua grande tragédia familiar. Estava acompanhado pelo seringueiro Juca e pelo Dr. Tião. Dirigiu-se à margem do rio e chorou copiosamente. Lembrou-se dos momentos felizes que vivera naquele lugar e a tristeza invadiu a sua alma. Agora, ele era um homem atormentado pelo sentimento de culpa: “[...] os seus dias eram povoados de tristezas e noites mal dormidas sonhando com os índios que matara para efetivar sua vingança.” (2000, p.

213). Perguntava a si mesmo se o que fizera para vingar a morte da esposa e das filhas teria valido à pena, mas não encontrava a resposta. E, de repente, foi despertado por Juca que o chamou para almoçar. Enxugou as lágrimas na certeza de que não era possível mudar o que havia acontecido. “[...] algum tempo depois, Raí morrera perseguido pelos seus espíritos.” (2010, p. 214).

Além de contar a história de Raí, o narrador afirma: “Foram muitos os seringualistas, seringueiros, caucheiros e garimpeiros que, levados pela ganância, com a força dos rifles ou o silêncio das doenças, colaboraram para a extinção dos Karipuna. (2010, p. 214). Quanto aos seringalistas, estes não conseguiram legalizar as suas terras e o que restou dos seringais foi transformado em reservas indígenas, reservas biológicas e em projetos de colonização.

Diante das contradições encontradas nos registros históricos e em documentos oficiais, podemos considerar que a história do extermínio do povo Karipuna apresentada por Antônio Cândido no romance *Diaruí* (2010) contribui, significativamente, para a reconstituição da memória e da história dos povos indígenas de Rondônia. Conforme relatos do autor¹¹⁸, para elaboração do romance ele realizou visitas *in loco* e entrevistas com a população indígena da comunidade onde, atualmente, residem os últimos índios karipunas de Rondônia, cujos nomes são Tangare-í (Adriano) e Bacaê (André).

No romance *Diaruí*, a narrativa é realizada pela perspectiva de um sujeito amazônida que concebe a construção da ferrovia como um empreendimento grandioso, porém, responsável pela modificação da história, dos modos de vida e da cultura dos povos indígenas e também da população que já habitava a região no período da construção da estrada de ferro. Naquela época, grande parte dos seringueiros era procedente de estados nordestinos. Outra parte era formada por bolivianos que moravam nas localidades fronteiriças.

Ao descrever os modos de vida dessa população, o autor expressa as marcas de sua caminhada pelas estradas de seringa e pelos cenários da Amazônia, pois, sendo filho de seringueiro, acompanhou a guerra da selva e a epopeia da ferrovia. Aprendeu desde a infância que a floresta é repleta de símbolos que amedrontam e desafiam; que escondem mistérios e ensinam que para viver na Amazônia é necessário conhecer e respeitar a natureza

¹¹⁸Em entrevista realizada no mês de junho de 2014.

selvagem, com seus encantos e encantamentos¹¹⁹. Sobre esse tema, enfatizamos que nos compêndios de História Nacional e Regional, os trabalhadores da E.F.M.M. são, na maioria das vezes, tratados como heróis que trabalharam para trazer o progresso e desenvolvimento para a Amazônia. Quanto à população indígena, esta é mencionada de forma sutil e, na maioria das vezes, é descrita como violenta e preguiçosa.

Na obra, o narrador enfoca elementos da colonialidade, como por exemplo as representações dos trabalhadores dos seringais em relação aos índios: [...] as conversas que ouviam nas beiras dos rios eram as mais aterradoras possíveis, uma vez que descreviam os índios como ladrões cruéis que não permitiam a exploração dos seringais [...].” (2010, p. 92). E, ao mesmo tempo, traz à tona alguns aspectos de descolonialidade, como por exemplo, a opinião do narrador sobre a questão da posse da terra: “Como se isso não fosse uma invasão por parte do civilizado, daquilo que, por direito era do índio.” (2010, p. 92).

Em decorrência, principalmente, dos deslocamentos que aconteceram ao longo dos anos, o contato com uma civilização diferente foi inevitável. Aos poucos, os índios foram tendo contato com elementos de cultura imaterial e material (equipamentos utilizados na coleta da seringa e também na construção da ferrovia). Em consequência, seus modos de vida foram modificados e, a partir desses contatos, prevaleceu a supremacia da cultura dos colonizadores.

No contexto do romance *Diaruí*, retomamos o conceito de entre-lugar, que se caracteriza como um local intersticial, onde as identidades se mesclam e se hibridizam e, para compreender esse processo de hibridização cultural, recorreremos às proposições de Canclini, na obra “Culturas híbridas”: “[...] todas as culturas são de fronteira. [...] As culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.” (CANCLINI, 1998, p. 348). Por outro lado, ao discutir sobre a constituição das fronteiras, Pesavento (2001), na obra “Fronteiras do Milênio”, também afirma:

¹¹⁹Destaca-se que o autor é profundo conhecedor da literatura e da história de Rondônia e em entrevista, realizada em março de 2016, nos relata: “[...] o Território Boliviano que incluía o hoje Estado do Acre, seguia por uma larga faixa de terras margeando os Rios Mamoré e Madeira até próximo ao atual limite Rondônia/Amazonas em São Carlos, atual distrito do município de Porto Velho. Por outro lado, Villa-Bela, no Mamoré e Calama, distrito de Porto Velho, por exemplo, são palavras castelhanas, assim como os sobrenomes Quaresma, Ramos, Postigo e etc. que, ainda hoje, são encontrados em pessoas daquela região do Madeira, inclusive em Porto Velho.”

[...] todos sabemos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas. São produtos dessa capacidade imaginária de refigurar a realidade a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Faz parte deste jogo de representações estabelecer classificações, hierarquias e limites, que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas. (PESAVENTO, 2001, p. 7).

Conforme Bhabha (2013, p. 21), “O ambiente de fronteira acerca da diferença cultural tem tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosas [...]”. Sobre esse aspecto, podemos afirmar que o contato dos indígenas com os seringueiros e com os trabalhadores da ferrovia, em sua maioria, europeus e asiáticos, motivou deslocamentos e muitos embates, nos quais os povos indígenas foram os mais prejudicados. Tal afirmativa baseia-se no fato de que os seringueiros, além de retirarem o látex no período das vazantes, também trabalhavam na extração de dormentes para a construção da E.F.M.M. Portanto, eles eram uma mão de obra mais acessível aos construtores da ferrovia.

Por outro lado, os indígenas não se adaptavam ao trabalho coordenado. Eles eram acostumados à vida autônoma, vivendo livremente, tanto nas matas, quanto nos rios. Ferreira (2005), na obra “A ferrovia do diabo”, apresenta trechos do relatório de Júlio Pinkas, com algumas características dos índios karipunas:

Gostam do sal e pedem camisas e calças que só aceitam quando novas e nunca mais despem até cair aos pedaços. Os caripunas, na maioria, andam completamente nus. Furam o septo do nariz, que recebe um duplo buquê de penas encarnadas e ornam as orelhas com dentes de capivara ou de jacaré, grudando-os com cera. Vistos de longe parecem ter bigode vermelho. No pescoço, trazem colares de dentes de macaco ou coati, nos pulsos e pernas enrolam em forma de pulseiras um barbante engenhosamente coberto por talas de penas. (FERREIRA, 2005, p. 40).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que apesar do choque de culturas, as crenças e mitos indígenas mantiveram-se vivas no imaginário coletivo. Inclusive, conforme descrição na obra, devido ao isolamento físico e social, grande parte dos seringueiros que exploraram a floresta, aprenderam com a cultura indígena a reconhecer plantas medicinais e, para sobreviver na selva, apropriaram-se de outros elementos culturais indígenas, uma vez que estes eram, praticamente, os únicos recursos acessíveis naquela época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese intitulada “A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO”, objetivou investigar a inter-relação entre a construção da literatura e a história do processo de ocupação e fundação do estado de Rondônia, levando em consideração os ciclos migratórios e suas características e sua relação com as peculiaridades da produção literária dos autores rondonienses.

Para compreender melhor a inter-relação entre o processo de ocupação e fundação do Estado de Rondônia e a produção da literatura rondoniense é necessário compreender que a literatura rondoniense sempre esteve vinculada à realidade histórica e social do estado de Rondônia, evidenciando o processo de hibridização das marcas identitárias dos sujeitos amazônicos, de acordo com o avanço dos ciclos migratórios que ocorreram durante o processo de colonização do Estado.

Assim, conforme anunciamos no corpo do trabalho, nesta pesquisa não discutimos sobre as diferenças entre os tipos de manifestações literárias que constituíram a literatura rondoniense. Verificamos os substratos culturais atuantes na constituição da literatura rondoniense, mas priorizamos o estudo do romance “Esperança: 50 anos depois...”, de autoria do escritor Paulo Cordeiro Saldanha e “Diaruí”, de autoria do escritor Antônio Cândido da Silva.

As obras desses escritores integram a vertente mais “tradicional”, geralmente, nomeada literatura regionalista e apresentam a marca do tempo, da memória, do espaço geográfico e da história da Amazônia rondoniense, destacando representações de temporalidades distintas e de acontecimentos importantes na dinâmica da vida dos povos que viveram/vivem nos confins da Amazônia. Nas referidas obras foi possível identificar vestígios do processo de colonização expressos, principalmente, pelo discurso que retrata o homem local, fronteiriço e explorado ao longo dos anos.

Apesar das referidas obras tratarem de temáticas semelhantes, tais como: a construção da E.F.M.M, a estrutura socioeconômica e política dos seringais e a questão indígena, a visão dos narradores, principalmente, sobre os povos

indígenas são apresentadas de formas diferentes. Na obra *Esperança: 50 anos depois*, as personagens indígenas são secundárias e em *Diarui*, o índio é personagem principal e dá nome à obra. Vale ressaltar que na literatura brasileira a presença indígena é registrada desde as primeiras manifestações literárias. Porém, geralmente, os índios são apresentados como personagens secundárias.

Quanto ao imaginário mítico, podemos afirmar que na literatura rondoniense os mitos são apresentados a partir da perspectiva do local, expressando as realidades de cada contexto sociocultural e histórico. Considerando-se o processo de colonização do Estado de Rondônia, e a intervenção de religiosos e missionários nas comunidades indígenas, esses elementos sofreram grandes modificações. Porém, podemos afirmar que eles permanecem vivos na memória das pessoas mais velhas e contribuem para a constituição e reorganização das identidades.

Em relação aos aspectos históricos, vale mencionar que o fato mais marcante apresentado nos romances analisados foi a construção da E.F.M.M. cujo projeto mobilizou mão de obra de diferentes partes do Brasil e do mundo, causando grande impacto na formação humana da região e, principalmente, interferindo na transformação do Meio ambiente e na estrutura social das comunidades indígenas existentes. Tanto o conhecimento histórico quanto o literário dialogam e se inter-relacionam com a memória, destacado as relações de força e poder instauradas na medida em que a região era explorada ou se expandia devido à construção da ferrovia, implantação dos seringais e dos projetos fundiários.

Na Amazônia rondoniense, os territórios e as fronteiras culturais foram configuradas a partir da história socioeconômica, visto que os diversos ciclos migratórios contribuíram para a flexibilização das fronteiras e para o conseqüente processo de hibridização cultural.

A partir da análise das obras, identificamos que as vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos estão presentes na literatura de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO e são expressas, principalmente, a partir das representações discursivas e simbólicas pautadas no contexto amazônico, com seus rios, florestas e povos que ao longo dos anos conviveram/convivem na (plu)riculturalidade. Nesse sentido, os espaços de poder sempre foram alvos de disputas, prevalecendo, nas obras, as marcas da colonização.

Verificamos que há poucos registros e estudos sobre a literatura de Rondônia, principalmente em relação aos nomes dos escritores e suas respectivas obras. Nesse sentido, a inclusão de uma apêndice, neste trabalho, com alguns dados coletados durante a pesquisa parece relevante porque poderá contribuir para a constituição de um banco de dados sobre a Literatura de Rondônia. Enfatizamos que os referidos dados foram coletados nos sites das academias de Letras de Rondônia e nos sites de notícias, pois na Secretaria de Estado de Cultura não havia um banco de dados atualizado. Portanto, a apêndice é apenas o começo de um registro que precisa ser finalizado, visto que muitos escritores rondonienses não participam das academias, nem são divulgados pela mídia local.

As conversas informais e as entrevistas aplicadas a historiadores e escritores rondonienses, foram importantes porque favoreceram a compreensão da inter-relação entre a História e a Literatura de Rondônia, o processo de construção das obras literárias. Identificamos também a concepção dos historiadores e escritores ficcionistas sobre as temáticas migrações, memória e Identidade. A partir dos resultados das entrevistas, constatamos que, para alguns escritores rondonienses a reconstituição e o registro das memórias individuais e coletivas são essenciais para a compreensão da história, da cultura e da identidade dos povos que viveram/vivem na Amazônia rondoniense. Assim, levando em consideração que neste trabalho realizamos o estudo de dois romances históricos, também procuramos investigar sobre os processos composicionais utilizados pelos autores, visto que identificamos muitas contradições na História oficial de Rondônia, principalmente em relação às datas.

A partir da forma como a história e a literatura rondoniense estão configuradas nas obras estudadas, enfatizamos que elas permitem ao leitor a leitura da literatura como história, a leitura da história como literatura e a compreensão dos elementos culturais e identitários como resultado da leitura histórico-literária. Portanto, afirmamos que os movimentos migratórios serviram de inspiração para a construção dos textos literários e que, tanto a obra “Esperança: 50 anos depois...”, quanto a obra “Diaruí” são romances históricos, que representam, metaforicamente, o processo de colonização do Estado de Rondônia.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, B. (Org.) **Margens da cultura: mestiçagem hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem bocas: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ALBUQUERQUE, Cesar Romero Cavalcanti. **E assim o extremo Oeste foi conquistado**. Rio de Janeiro: Editora do autor, 2014. (No Prelo).

AMARAL. Januário. **Mata virgem: terra prostituta**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

BACCEGA. Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

BADRA, Edson Jorge. **Literatura de Rondônia**, Porto Velho: Caderno cultural, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ªed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC ANNABLUME, 2002.

_____. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1998.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARZOTTO, Leoné Astride. **O entre-lugar na literatura regionalista: articulando nuances culturais**. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 23-36, jan./jun. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENEDICT, Ruth. **O crisânteno e a espada: padrões da cultura japonesa**. Trad. Celso Castro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BERTAGNA, Beto. **Brevíssima história da Madeira - Mamoré**. Porto Velho, RO, 2000. s/Ed.)

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BINHO. **Arabescos Aéreos**. Porto Velho: Edufro, 2003.

BORZACOV, Yedda Pinheiro. **Rondônia cabocla**. Porto Velho: CRB, 2002.

BOSI, A. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Schwarcz, 1992. p.309-345.

BOSI, Ecléa, **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4.ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Globo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2ªed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **O poder simbólico**. 14ªed. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUENO, Eunice e MENDES, Matias. **Síntese da literatura de Rondônia**. Porto Velho: Gênese-Top, 1984.

BURKE, P. A abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CABRAL, Octaviano. **Histórias de uma região**. Rio de Janeiro: Himalaya, 1963.

CALDAS, Alberto Lins. **Notas sobre literatura e arte**. Porto Velho: Revista Primeira Versão. (UNIR), Edufro, 2011.

_____. **Movimento Madeirista**. Disponível em: <http://movimentomadeirista.blogspot.com/>. Acessado em: 01/02/2012.

_____. **Que é o Madeirismo**. In *Madeirismo: Ensaio Liberto*. Caderno de Criação 24, Ano VII, Dezembro, Porto Velho, 2000.

_____. **Madeirismo versus Minhoquismo**. In *Madeirismo: Ensaio Liberto*. Caderno de Criação 24, Ano VII, Dezembro, Porto Velho, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. Trad. Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CANDIDO, Antonio et. alli. **A personagem de ficção**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

_____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CÂNDIDO DA SILVA, Antônio. **Enganos da nossa história**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.

_____. **Diaruí**. Salto. São Paulo: Editora Schoba, 2010.

CAVALCANTE, Rubens Vaz. **Norte da produção cultural na região norte: a poesia que nos frequenta**. Revista Labirinto – Ano XIII, Dez. nº 19. Vol. XX, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br>. Acessado em: 20/10/2014.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/>. Acessado em: 16/07/2013.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

CHAMMA, Maria Tereza Merino. **Guajará-Mirim: a pérola do Mamoré**. São Paulo: Schoba, 2012.

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção**. /João César de Castro Rocha. Chapecó/SC: Argos, 2011.

_____. **História cultural: entre prática e representação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª Ed. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **A História Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.) **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum** - Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CUNHA, Euclides. **Um clima caluniado**. In: TOCANTINS, Leandro (Org.). Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. Revista historia oral. Vol.6. Jun/ 2003. Disponível em: www.revistahistoriaoral.org.br. Acessado em: 02/02/2016.

DUARTE, Osvaldo. **Mapa cultural de Rondônia.** Disponível em: <http://mapacultural-ro.com.br>. Acessado em: 10/02/2013.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução.** Trad. Waltensir Dutra. Rev. João Azenha. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELÍADE, Mircea. **Aspectos do mito** São Paulo: Martins fontes, 1963.

FERRAREZI Jr. Celso. **Guia do trabalho científico:** do projeto à redação final monografia, dissertação e tese. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Considerações sobre a Arte** no Brasil. In: FERRAREZI Jr. Celso, Livres pensares: Linguagem, educação, sociedade. Porto-Velho, Edufro, 2003.

_____. **Introdução à semântica de contextos e cenários:** de la langue à lavie. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, Jaime. **Arigós: a luta pelo social.** São Paulo: Scortecci, 1999.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem, identidade e memória social:** novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A ferrovia do diabo: história de uma estrada de ferro na Amazônia.** São Paulo. Melhoramentos, 1959.

FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. G. **Identidade nacional e identidade cultural.** In: _____. *Conceitos de literatura e cultura.* Niterói / Juiz de Fora: EdUFF / Editora UFJF, 2005. p.189-205.

FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. G. **Identidade nacional e identidade cultural.** Juiz de Fora: EdUFF / Editora UFJF, 2005.

FOSTER. Jonathan K. **Memória.** Porto Alegre/RS, L&PM, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha:** mitos, lendas e transcultural idade. São Paulo: Amablume, 2004.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOBBI, Márcia Valéria Z. **A ficcionalização da história**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GÓES, Hércules. **A odisséia da ocupação amazônica.: Rondônia terra de migrantes – histórias de sucessos**. Porto-Velho: Editora Ecoturismo, 1997.

GUIMARAES, Maria Stella Faciola Pessôa and CASTRO, Edna Maria Ramos de. **Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* [online]. 2011, vol.6, n.2, pp. 409-424. ISSN 1981-8122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n2/a11v6n2.pdf> . Acessado em: 03/09/2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANCIAU, Núbia Jacques. **Entre lugar**. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora:UFJF, 2005. (p. 125 à 141).

HARDMAN, F. F. **Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUGO, Victor. **Cinquenta anos do Território Federal do Guaporé**. 4ª ed.- Porto Velho: abg Gráfica, 1995.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. 2ª. ed., 2 vols. Cia. Brasileira de Artes Gráficas. Rio de Janeiro, 1991.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.

LEAL, Paulo Nunes. **O outro braço da cruz**. 2ªed. Porto Velho. S/ editora, 1986.

LIMA, Abnael Machado de. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Artigo de opinião publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série I. O meio geográfico. Acessado em: 15/03/2013.

_____. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica**. Artigo de opinião publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinioao.com.br/>. Série II. Seringal centro produtor de borracha. Acessado em: 05/05/2014.

_____. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica.** Artigo de opinião publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinio.com.br/>. Série IV. A constituição da família: mulher mercadoria cobiçada. Acessado em: 19/05/2014.

_____. **A importância do seringal na formação cultural da sociedade amazônica.** Artigo de opinião publicado em 01/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinio.com.br/>. Série V. Produção e comercialização. Acessado em: 19/05/2014.

_____. **Respondendo a uma consulta sobre literatura de Rondônia.** Artigo de opinião publicado em 01/05/2011, no site: <http://www.gentedeopinio.com.br/>. Acessado em: 19/05/2014.

LOPES, Cícero Galeno. **Literatura e poder: a contribuição da literatura de dissidência.** Porto-Alegre: Editora da UFRS, 2005.

LOUREIRO, João Jesus Paes. **Obras reunidas. Poesia I.** São Paulo: Escrituras Editora, 1995.

_____. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Obras reunidas. Poesia I. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação.** 2ªed. – São Paulo: Ática, 1991.

MARTINS, Eduardo. **O lado aberto.** Porto Velho: EDUFRO, 2004

MATIAS, Francisco. **Pioneiros: ocupação humana e trajetória política de Rondônia.** Porto-Velo: Gráfica e Editora Maia Ltda, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo:Loyola, 2005.

MENDES, Dúlcio da Silva. **Folhas secas** São Paulo: Scortecci, 2011.

MENDES, Matias Alves & SILVA, Eunice Bueno da. **Síntese da literatura de Rondônia.** Porto Velho: Gênese-Top,1984.

MENDES, Matias Alves. **As musas e o perfil.** São Paulo: Scortecci, 2012.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; ALVES. Gabriela Santos. Os desafios teóricos da História e a Literatura. In: **Revista História Hoje** Nº. 2. São Paulo: 2003.

MENDES, Matias Alves. **Vale do Guaporé: a questão quilombola.** Artigo de opinião publicado em 10/11/2008, no site <http://www.gentedeopinio.com.br/>, Acessado em: 19/03/2014.

MENEZES, Esron Penha de. **Retalhos para a história de Rondônia.** Porto Velho: Rondoforms Indústria Gráfica Ltda, 2001.

MENEZES, Nilza. **Feitura**. Porto Velho: Edufro, 2003.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações nordestinas na Amazônia**. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez nº 12. Vol. II, 1998. Disponível em: <http://www.revistapresença.unir.br/artigos>. Acessado em: 19/02/2014.

NAVARRO, Fred . **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NENEVÉ, Miguel. **Olhares sobre a Amazônia: Looking at the Amazon**/Miguel Nenevé, Martin Cooper, Marilene Proença (Org.) - São Paulo: Terceira Margem, 2001.

NEELEMAN, Rose & NEELEMAN, Gary. **Trilhos na selva – o dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré**. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

NEVES, Josélia Gomes. **A UNIR e os povos indígenas de Rondônia: a invisibilidade do tema nas pautas dos reitoráveis na eleição 2012**. Disponível no site <http://www.tudorondônia.com/noticias>. Acessado em: 31/07/2014.

NITRINI, S. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Edusp, 1997.

NUNES, Benedito. **O tempo da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

_____. **Narrativa histórica e narrativa ficcional**. In: RIEDEL, Dirce Cortes (Org.). Narrativa, ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p.9-35.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **Assim é Rondônia**. 1ª Ed. Porto-Velho: Dinâmica Editora e Distribuidora, 2000.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PATERSON, Janet M. **Diferença e alteridade: questões de identidade e da ética no texto literário**. Trad. André Soares Vieira. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadete Velloso. (OrgS.). Figurações da alteridade. Niterói. EdUFF, 2007.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos. Rondônia: a trajetória da ilusão**. São Paulo: Loyola, 1992.

PEREIRA, José Valdir. **Panorama da Literatura Rondoniense**. Disponível em: <http://www.josevaldir.com/site/10/noticias/folha.asp?cod=2716>. Acessado em: 19/02/2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: companhia das Letras, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Literatura: uma velha- nova história**. In: COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.) *História & Literatura: identidades e fronteiras*.Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2001.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de vigem e transculturação**. Trad, de Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Ed. Da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

RAMOS, Vespasiano. **Coisa alguma...** 3ª. edição. São Luis do Maranhão: Conselho Estadual de Cultura, 1984.

RABELLO, Sílvio. **Euclides da Cunha**. 3ªed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narratologia**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et. al.]Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. v. 3. São Paulo: Papyrus, 1997.

RIEDEL, Dirce Cortes (org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ROCHA, C. **Máscaras de Narciso**: Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SALDANHA, Paulo Cordeiro. **O alferes e o coronel**. Rio de Janeiro: t.mais. oito, 2008.

_____. **Esperança: 50 anos depois**. Salto, SP. Editora Schoba, 2011.

_____. **A regenerada comborça**, São Paulo: Scortecci, 2013.

_____. **O oráculo da candelária**. São Paulo: Scortecci, 2010.

_____. **Os três xerifes da fronteira.** São Paulo: Scortecci, 2015.

_____. **O serviço de navegação do Guaporé.** Artigo de opinião publicado em 05/05/2010, no site: <http://www.gentedeopinião.com.br>, Acessado em 14/03/2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** *Tempo Social*; Rev. Social. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52,1993 (editado em nov. 1994).

SANTIAGO, Silviano (Org.). **Glossário de Derrida.** Rio de Janeiro: F. Alves Editora S.A.,1976.

SILVA, Amizael Gomes da. **No rastro dos Pioneiros: um pouco da história rondoniana.** Porto Velho: Escopo Editora,1984.

SILVA, Cristiano Cesar Gomes. **Entre a história e a literatura: os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos.** Disponível no site: http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturals/cristiano_silva.html. Acessado em 11/08/2014.

SILVA, José Ribamar da. **A história do rádio em Guajará-Mirim nas memórias de José Ribamar da Silva: o cavalheiro do rádio amazonense.** Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOBRINHO, Paulo Saldanha. **Fatos, histórias e lendas do Guaporé.** Manaus/AM: Lorena, 1994.

SOUZA, Eloy. **O calvário das secas.** 3. ed. – Rio de Janeiro: Cátedra: Brasília: INL; Natal: fundação José Augusto, 1983.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TEVES, Nilda, “Imaginário social, identidade e memória.” In: Ferreira, Lucia M. A, Orrico, Evelyn G. D. (Orgs.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.53-67.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & AMARAL, Gustavo Gurgel do. **As populações negras da bacia do Guaporé: formação étnico-histórica, espaço e natureza.** In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (Org.). **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações.** Curitiba: CRV, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Campeinato negro de Santo Antônio do Guaporé, identidade e sustentabilidade.** Belém: NAEA/UFPA. Tese de Doutorado, 2004.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional**: Rondônia. 2 ed. Porto Velho: Rondoniana, 2002.

TRATADO DE PETRÓPOLIS. Disponível em: <http://www.historianet.com.br>. Acessado em 18/04/2014.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. 1ª Edição. São Paulo: Cosac Nayfy, 2012.

APÊNDICE I

Literatura de Rondônia: autores e obras

Neste anexo, elaboramos um quadro-síntese com uma breve descrição dos nomes dos escritores de Rondônia e suas respectivas obras. Esse registro é relevante porque contribuirá para a constituição de um banco de dados sobre a Literatura de Rondônia, pois no estado há uma escassez de estudos sobre essa temática.

Inicialmente, realizamos um levantamento dos nomes dos escritores rondonienses e suas respectivas obras nos sites das academias de Letras de Rondônia e nos sites de notícias, visto que na Secretaria de Estado de Cultura não havia um banco de dados atualizado. Posteriormente, mantivemos contato com escritores rondonienses em busca dessas informações. Enfatizamos que este quadro síntese ainda não está completo, pois nem todos os escritores contactados devolveram o questionário com as informações solicitadas.

ESCRITORES DE RONDÔNIA	NOME DA(S) OBRA(S)
Vespasiano Ramos	- Cousa alguma
Abnael Machado de Lima	- Terras de Rondônia (Didático) - Guaporelândia (Didático) - Pequeno ensaio sobre lendas e folclore de Rondônia (Ensaio) - ABC da Constituinte (Ensaio) - Acheugas para a história da educação em Rondônia (Ensaio) - Baira e suas experiências - Ensaio da etnologia Amazônica - Curt Nimuendaju - Os índios maués - Ilha do Marajó - O peixe-boi da Amazônia - Negros escravos da Amazônia - (Soure e Ilha do Marajó) - Barbosa Rodrigues: um naturalista brasileiro na Amazônia - Panaroma da alimentação indígena

Adaídes Batista dos Santos.	- Sobras da noite
Amizael Gomes da Silva	- No rastro dos pioneiros - AMAZÔNIA: Porto Velho - O Forte Príncipe da Beira - Amazônia Sarará - Conhecer Rondônia - Da Chibata ao inferno
Antônio Cândido da Silva	- Marcas do tempo - Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos - Enganos da nossa história - Diarui.
Aparício Carvalho de Moraes	- Vivências amazônicas - Letra de médico (Co-autor) - Atuação parlamentar
Ari Tupinambá Pena Pinheiro	- Viver amazônico - Palmáceas amazônicas - Lendas da Amazônia - Olhando o passado - Contribuição indígena na alimentação atual da Amazônia - Répteis amazônicos
Átila Ibanez	- Eu e a criança - Pedacos imaginários - Vidas fragmentadas - Ainda existe amor - Ciclone de emoções - Poemas despidos - Poema e natureza
Bolívar Marcelino	- Tarde de verão (Poesia) - Folhas de outono (Poesia) - Chuvas de inverno (Poesia) - Ensaio sobre o poeta Antônio Tavernard - Rondon e sua influência no Território Federal de Rondônia - Da revolução acreana à construção da Madeira-Mamoré - Poema de exaltação a Rondônia
César Romero Cavalcante de Albuquerque	- Além da oração: a prece da física - Sete dias na Amazônia: a mata, o mito, o mistério - Cordel de Macaé - Para ler com alguém - Viagens, turistas & viajantes.

	<ul style="list-style-type: none"> - Es temprano para fiesta: a guerra do Acre. - História do Acre: uma sucinta introdução. - A mitopoese na Amazônia: lendas e mitos, encantados e encantamentos
Cláudio Batista Feitosa	<ul style="list-style-type: none"> - Porto Velho em prosa e verso - Escritos de Rondônia - Gente de Rondônia: personagens da nossa história - Gente da gente - Camarão verde (Co-autoria)
Dante Ribeiro da Fonseca	<ul style="list-style-type: none"> - Rondônia, sua história e sua gente Estudos de História da Amazônia - História Regional (Rondônia). Co-autor - Uma cidade à far west: tradição e modernidade na origem de Porto Velho
Dimas Ribeiro da Fonseca	<ul style="list-style-type: none"> - Discursos e outras contavencões literárias - Minha vida em quatro estações - Entre o oeso da toga e o canto da lira
Edson Jorge Badra	<ul style="list-style-type: none"> - Sonhos prosaicos e poéticos - Literatura de Rondônia" - 1987 (Ensaio) - Homem passado a limpo - Reeducação alimentar: mito ou realidade?
Emanuel Pontes Pinto	<ul style="list-style-type: none"> - Caiari, proto-história e história - Rondônia, evolução histórica: a criação do Território de Guaporé - Território Federal do Guaporé - Rondônia, evolução histórica - Urucumacuan, mitos, lendas, tradições e história - Urucumacuan: a utopia de Rondon - Hidrovia do Grão Pará a Mato Grosso
Esrón Penha Meneses	<ul style="list-style-type: none"> - Retalhos para a história de Rondônia - História antiga
Frederico Álvares Afonso	<ul style="list-style-type: none"> - Rondônia: ocupação, crescimento e organização agrária - De volta às terras do cacau
Gerino Alves da Silva Filho	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão territorial de Rondônia - Nomes de Rondônia - Ruas de Porto Velho
Gesson Álvares de	<ul style="list-style-type: none"> - Adejos de minh'alma

Magalhães	- Alguma cousa
Heinz Roland Jakobi	- Como gerenciar uma Loja Maçônica” - Co-autor e tradutor do livro alemão “Erlebnis Wassergeburt” – “O Parto na água” - Telemedicina: uma nova perspectiva para a saúde de Rondônia - “Graus simbólicos: compêndio maçônico vol. 1, 2 e 3”
José Calixto de Medeiros	- Oração do sol (Poesias) - Lâminas de silêncio (Poesias) - Catedral do tempo (Crônicas) - Sentinelas da estrada (Poesias) - Verde vida (Crônicas)
Joaquim Cercino da Silva	- A Única estrela do meu céu - Outros caminhos
José Lúcio Cavalcante de Albuquerque	- A mulher em Rondônia – de Tereza de Benguela à coronel Angelina - Da caixa francesa à internet: 100 anos da imprensa em Rondônia
José Valdir Pereira	- Nascente - Momentos - Fragmentos - Educação: análise e perspectivas do financiamento da Educação no Brasil em fragmentos - Rondônia: de pedaço em pedaço, uma história! - Semeador de emoções - Uma outra escola é possível No Prelo... - “Semeador de emoções II” - “As Aventuras de um amor na selva de Rondon” - “Ler, cantar e sonhar: meu mundo infantil” - “Os versos do meu coração”
Marco Antônio Domingues Teixeira	- Remanescentes de quilombo do Vale do Guaporé - Populações afro-amazônicas, cidadania, diversidade etno-racial e ações afirmativas - Religiosidade: cultos afro-amazônicos - Gênero e sexualidade - História regional, identidade social - Cultura e televisão

	- Cultura popular, história
Matias Alves Mendes	- As emoções e o agreste - As musas e o perfil - As quimeras e o destino - As malvinas do Jamari - Síntese da literatura de Rondônia - Eflúvios da descrença - Apologia da negritude - A lira do crepúsculo - Lendas do Guaporé
Paulo Cordeiro Saldanha	- O alferes e o coronel - O oráculo da candelária - Esperança: 50 anos depois... - A regenerada comborça - Os três xerifes na fronteira - Prosa que desemboca em saudade - Prosa que desemboca em humor
Paulo Nunes Leal	- O outro braço da cruz
Pedro Albino de Aguiar	- Poemas, sonetos & trovas - Versos soltos x rimados & pensamentos - 69 poemas de amor
Raimundo Neves de Almeida	- Retalhos históricos e geográficos de Humaitá - Na beira do barranco: estórias, crendices, sentimentos e humor de caboclos do Madeira - Murmúrio de um amazônida - Gorjeio
Samuel Moisés Castiel Júnior	- Trem vivo. (Co-autoria)
Viriato José da Silva Moura	- Hamilton Raulino Gondim (Ensaio) - Fragmentos existenciais - Implosões, versos e traços - Conceitos & preconceitos - Além dos ciprestes - Letra de médico (Co-autor e Coordenador) - Questões da literatura de Rondônia - Heróis de curar - 150 Maneiras de provocar ataque de nervos no médico - O Médico e entre aspas - Trem vivo (Co-autoria)
Victor Hugo	- Os desbravadores

William Haverly Martins	- O Tempo da vida
Yêda Maria Pinheiro Borzacov	- Rondônia cabocla” - “Porto Velho – Patrimônio Material – 100 Anos de História – 1907 – 2007” -A Estrada de Ferro Madeira Mamoré: uma história em fotografias -Aluízio Pinheiro Ferreira -Rondônia: espaço, tempo e gente - Trem vivo (Co-autoria)
Zelite Andrade Carneiro	- Canções do silêncio - Dançando na luz

OUTROS ESCRITORES	OBRAS PUBLICADAS
Rubens Vaz Cavalcante	<ul style="list-style-type: none"> - Remo a duas mãos - Na ponta da língua - Arabescos aéreos
Paulo Saldanha Sobrinho	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias, fatos e lendas do Guaporé
Sandra Castiel	<ul style="list-style-type: none"> - Professora Marise Castiel – Rondônia: educação, cultura, política -TV Cultura de Porto Velho: crônicas de uma época
Leide Alves Pontes	<ul style="list-style-type: none"> - Dez anos de paixão - Porta retratos: o inventor - O bravo - Carta de suicídio - Um dia de decisão num paraíso de bichos & bichos
Isabel Assunção	<ul style="list-style-type: none"> - Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey
Geraldo Verdier	<ul style="list-style-type: none"> - Paixão pela Amazônia
Dúlcio da Silva Mendes	<ul style="list-style-type: none"> - O Filho do Padre - Folhas secas
Maria Vera Lúcia da Silva Freitas	<ul style="list-style-type: none"> - Arabescos em versos
Maria Tereza Merino Chamma	<ul style="list-style-type: none"> - Guajará-Mirim: a pérola do Mamoré - Calendário de Guajará-Mirim: datas históricas
Hugo Evangelista da Silva	<ul style="list-style-type: none"> -Capitão Alípio: um pouco do verdadeiro e outro tanto do folclórico
Jorge Monteiro Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - Brasileiro afro: momentos poéticos vividos

APÊNDICE II

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA A interrelação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Paulo Cordeiro Saldanha.

Apelido: Paulinho.

Sexo: (X) M () F

Naturalidade – Cidade: Guajará-Mirim. Estado: RO.

Endereço Postal:

Av. Dr. Lewerger, 510 Caixa Postal 141

76.850-000 – Guajará-Mirim, RO

Endereço Eletrônico: pguajara@yahoo.com.br

Religião: Católica

**Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?
Como veio e por que veio para Rondônia?**

2. Formação Acadêmica:

Graduação : Direito.

3. Obras publicadas:

Resposta:

- O alferes e o coronel.
- O oráculo da candelária.
- Crônicas guajaramirenses: prosa que desemboca em saudade.
- Esperança: 50 anos depois...
- A regenerada comborça.
- Os três xerifes na fronteira.
- Crônicas guajaramirenses: prosa que desemboca em humor.

II PARTE:

1. Na sua opinião, há interrelação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

Sim. Porque a ocorrência dos fatos e a existência de atos, estes se desdobram em registros que a história de pronto alcança. Por exemplo, em 1647 o Bandeirante Antônio Raposo Tavares ao vir de São Paulo e transitar nos rios Guaporé e Mamoré deixou nestas paragens do poente as marcas da sua audácia. Em 1776 foi iniciada a construção do Real Forte Príncipe da Beira. Anos depois Balbino Antunes Maciel fez o mesmo. Rondon, Costa Marques, também. Um dia a EFMM foi iniciada e depois concluída. Historiadores e romancistas acabam citando-os (a meu exemplo) como personagens e/ou empreendimentos importantes na conquista da região.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características dos movimentos literários do Estado de Rondônia?

Resposta:

[...] um narrador se fixa no olhar da sua geração. O movimento literário, se, eventualmente, transita pela vertente do romance, por exemplo, discute a problemática, as lutas, os desafios, a superação, enfim, a própria vivência na região. Já o historiador fundamenta sua obra nas pesquisas que realiza, apondo suas análises, tecendo as suas críticas. No meu caso, me valho da história para respaldar uma ficção.

Prefiro interpretar que a vertente que se sobressai é a regionalista, onde o foco traduz uma direção: falar das raízes, da história, das lendas e dos fatos acontecidos, em que enaltecer o homem do passado e suas realizações, como paradigma, como exemplo a ser seguido, era o foco.

O movimento madeirista, até onde pude enxergar, nasceu sem convicções. Já foi embora. Parecendo insinuar que surgiu como protesto e teve muito pouco conteúdo, já que não se fixou em nenhum Norte, nasceu sem rumo.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os movimentos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos?

Resposta:

É evidente que a migração traz em seu bojo, o desejo de mudanças, o ímpeto por transformações. Há situações em que a migração deseja impor a cultura da região de origem da população acolhida. Termos, palavras, a cultura popular (música, a dança) dessas populações acabam se sobrepondo àquela nativa. Na literatura regional, o parceleiro que se localiza no eixo da BR 364, ao falar do seu pioneirismo nos assentamentos rurais se remete enquanto literato, para as terras sulistas e/ou nordestinas, de onde veio, desejando encontrar (e logo) o progresso de lá se contrapondo às dificuldades que aqui encontrou e se defronta. Afinal, ele sabe, que o desenvolvimento não se faz “vapt-vupt”. Nem por isso deixa de ser um alienado, mas que, na condição de crítico pensante, muito auxilia na busca das soluções demandadas. Parece-me, ao ler Matias Mendes, Abnael Machado de Lima, Yedda Borzacov, Sandra Castiel, Lucio Albuquerque, Don Geraldo Verdier, Antônio

Cândido, entre outros, embora tratem eles de temas universais, vejo-os com intensa carga literária na defesa do regionalismo amazônico.

Mais uma vez recorro ao olhar do escritor, pois se é de origem nordestina a sua descrição se baseia na cultura original, mesclando sua narrativa com as críticas que a sua sensibilidade e envolvimento puderem sobressair. Se sulista, é evidente que as saudades dos Pampas, por exemplo, e as conquistas materiais que recolheu como nativo do RS, PR ou SC, se comparadas com as carências observadas neste Noroeste brasileiro, certamente o conduzirão para demonstrar aos seus leitores as contradições que lhe chamaram a atenção. Se for escritor nativo, certamente não deixará de falar na atividade gumífera, na EFMM, no Forte Príncipe da Beira, na economia da Castanha do Brasil, etc. Todavia, um ou outro dependerá ainda da sua visão pessoal decorrente do avanço tecnológico que o mundo moderno experimenta.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Embora nativo (neto de cearenses e de matogrossenses), tenho influência da cultura nordestina e guaporense, por conta da origem de minha família. Todavia, meus trabalhos literários são focados nos fatos, lendas e história regional. Aprecio contar “causos” verdadeiros que me foram repassados ou aqueles que vivi na tenra idade, na juventude e na vida adulta, sempre procurando dignificar as pessoas que tanto fizeram no passado, legando para esta geração melhores dias e melhor qualidade de vida.

5. Fatos que gostaria de registrar:

É possível que algumas respostas não atenderam ao que foi perguntado. Coloco-me à disposição para, pessoalmente, se for melhor esclarecido o objetivo da pergunta, quem sabe, atender com melhor fundamentação as indagações formuladas.

Atenciosamente

PAULO CORDEIRO SALDANHA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Rubens Vaz Cavalcante.

Apelido: Binho.

Sexo: (X) M () F

Naturalidade – Cidade: Porto Velho.

Estado: RO.

Endereço Postal:

Av Rio Madeira, 4069, Bloco II, apto. 702, Bairro Industrial, CEP 76821051

Endereço Eletrônico: rvrubinho@gmail.com

Religião: Espírita

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Como veio e por que veio para Rondônia?

2. Formação Acadêmica:

Graduação:

LETRAS.

Formação complementar:

Pós – Graduação:

Mestrado em Teoria Literária.

3. Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

- Remo a duas mãos. Binho e Basinho. São Paulo: Panartz, 1986
- Na ponta da Língua. Binho. Belo Horizonte: Miguilim, 1993
- Arabescos aéreos. Binho. Porto Velho: Eudfro, 2003

II PARTE:

1. Na sua opinião, há inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

Não na poesia. E se tiver é por acaso. Na prosa é mais recorrente.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características dos manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

Sempre produzimos individualmente. Não temos escolas e nada que possa ser chamado de “movimento”. Temos apenas a academia que não representa necessariamente um movimento.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

O máximo que chegamos foi a algumas antologias. A aculturação veio pelo viés dos usos e costumes, como no caso dos CTG.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Nossas influências vêm de fontes várias. Os poetas mais “canônicos” são sonetistas com uma confusa influência do parnasianismo, do simbolismo e do romantismo. No meu caso, as influências são modernistas e contemporâneas. Os poetas que para cá migraram não tiveram influência por fazer uma literatura diluidora com pouquíssima genialidade.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra.

Resposta:

Os temas vão da paisagem natural à paisagem humana do nosso espaço e tempo. Desenvolvo uma técnica que chamo de “Poemas totêmicos”. Consiste em centralizar o texto e usar uma palavra por “verso”. Reconheço também traços pop e midiático.

6. Fatos que gostaria de registrar:

Resposta:

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Antônio Cândido da Silva

Sexo: (x) M () F

Naturalidade – Cidade: Humaitá Estado: AM

Endereço Postal:

Rua Getúlio Vargas – 2514 – São Cristóvão – CEP 76.804-060

Endereço Eletrônico: a.candido.silva@hotmail.com

Religião: Católica

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Resposta:

Há 69 anos.

Como veio e por que veio para Rondônia?

Resposta:

Vim de um Seringal do Município de Humaitá, onde nasci (meu pai era seringueiro) em 1945, em busca de uma vida melhor.

2. Formação Acadêmica:

Graduação: Letras – UNIR – Turma 2006.

3. Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

Resposta:

- Marcas do Tempo.
- Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos.
- Enganos da Nossa História.
- Diarui e diversos poemas.

II PARTE:

1. Na sua opinião, há inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

No meu caso, sim. Em Diaruí, Lydia Xavier e o Porão dos Condenados, procurei usar um tipo de ficção Histórico/Ficcional onde está evidenciada a conquista do espaço geográfico, a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, passando pelo segundo ciclo da borracha e pelo conflito branco/índio na ocupação/conquista desse espaço.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características dos movimentos literários do Estado de Rondônia?

Resposta:

A literatura em Rondônia, a meu ver, ainda está naquele estágio inicial de conflito e dividida em duas vertentes. Uma ligada à conquista do espaço feita, principalmente, na área de Porto Velho e Guajará-Mirim e outra ligada às novas áreas de ocupação e regionalizada pelo migrante de diversas partes do Brasil, como os gaúchos em Vilhena, paranaenses em Ji-Paraná e Ouro Preto d'Oeste.

No segundo caso, já li bons livros de contos e poesias, mas com forte influência da origem do escritor. Não tive o prazer de ler, até agora, nenhum romance produzido por integrantes das comunidades dos municípios ao longo da BR-364. Vale ressaltar que são produzidos nesses municípios alguns livros de autoajuda e evangélicos.

O Estado de Rondônia conta, hoje, com quatro Academias de Letras em Porto Velho, Guajará-Mirim, Cacoal e Vilhena, respectivamente.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os movimentos migratórios e as vozes e marcas indenitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

Vejo como muito cedo, ainda, para se fazer uma análise dos pontos apresentados. Ainda estamos na fase em que o "invasor/dominador" procura impor os seus costumes, sua cultura, sua linguagem etc.

No interior são pouco sentidas essas mudanças porque, como disse, a ocupação foi feita regionalmente por migrantes vindos em grupos, de determinados estados e se conservaram juntos em pontos distintos.

Na capital, porém, observa-se que os governantes eleitos por uma maioria vinda de fora da região, permitem que as lembranças históricas sejam deterioradas pela ação do tempo e a cultura regional (carnaval, boi-bumbá, quadrilhas etc.) seja trocada e incentivada pelas cavalgadas, CTG e outras de cultura que não fazem parte da cultura genuinamente amazônica.

A literatura "regional" (perdoe o termo) está inserida nessa falta de apoio.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Conheço várias obras e, principalmente, artigos e teses acadêmicas que tratam da migração em Rondônia, mas que não podem ser classificadas como “literatura.” Isso não significa que não exista.

Estou escrevendo “Por um pedaço de Chão” (título provisório) de um romance que aborda a história de um grupo que migrou do Paraná para Rondônia, em busca do eldorado, para implantação do primeiro Projeto Integrado de Colonização – PIC Ouro Preto.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra:**Resposta:**

No caso das obras que serão analisadas no seu estudo temos Marcas do Tempo-poesias diversas, não havendo, portanto, um *tema* definido e único. Madeira-Mamoré – O Vagão dos Esquecidos – epopeia, trata do *assunto* ocupação da região, cujo *tema* é a construção, a desativação e o registro dos últimos funcionários em atividade na época da desativação.

Em “Diaruí” o *assunto* é o mesmo enquanto o *tema* está ligado à extinção do Povo Caripuna, habitantes da região onde a ferrovia foi construída e repleta de seringueiras cobijadas pelos extratores da borracha. Vila Amazônia - Os Koutakusseis, romance, está ligado ao *assunto* imigração japonesa para o Brasil, cujo *tema* é a construção de uma vila na região de Parintins-Am, pelos japoneses.

6. Fatos que gostaria de registrar:

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Jose Valdir Pereira

Sexo: (x) M () F

Naturalidade: Várzea Alegre

Estado: CE

Endereço Postal: Av. Calama, 1021, Porto Velho-RO

Endereço Eletrônico: jose_valdir@hotmail.com

Religião: Católica, Apostólica Romana

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Resposta:

Desde 1958.

Com veio e por que veio para Rondônia?

Resposta:

Na companhia dos pais.

2. Formação Acadêmica:

Graduação:

Pedagogia

Formação complementar:

Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Pós graduação em Planejamento Governamental e em Planejamento da Educação.

3. Obras publicadas (Favor mencionar as referências bibliográficas, de suas obras, completas):

NASCENTE – poesia

MOMENTOS – poesia

FRAGMENTOS – poesia

EDUCAÇÃO: ANÁLISE E PERSPECTIVAS – Técnico-Pedagógico

DO FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL – Técnico-pedagógico

EM FRAGMENTOS - poesia

RONDÔNIA: DE PEDAÇO EM PEDAÇO, UMA HISTÓRIA! - História

SEMEADOR DE EMOÇÕES – Frases, pensamentos e versos

UMA OUTRA ESCOLA É POSSÍVEL – Técnico-Pedagógico

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

"Semeador de Emoções II" – frases, pensamentos e versos

"Proeza de um falso amor" - romance

"As Aventuras do Amor na Selva de Rondon" - romance

"Ler, Cantar e Sonhar: meu Mundo Infantil" – literatura infanto-juvenil

"Os Versos do meu Coração" - poesia

"Contos Sombrios" – livro de contos

II PARTE:

1. Na sua opinião, há interrelação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

Creio que em virtude de ser tão recente a vida de Rondônia, a história retratada em forma da ficção, na verdade, atrapalha o verdadeiro entendimento de como foi formado o estado de Rondônia. Veja, por exemplo, o romance Mad Maria, que em forma de seriado, editado pela rede Globo de televisão, deu uma versão diferente da real história. Foi o que fez, também, o autor do livro Mad Maria, onde ele misturou ficção e realidade. Ora, para um espaço onde a história verdadeira ainda está sendo escrita, fica muito difícil saber o que é ficção e o que é real na história.

A história de Rondônia, tanto contada por historiadores como por literatos, apresenta muitas controvérsias. Por isso, já comentei algumas vezes com membros do Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia, que seria importante o Instituto, através de alguns de seus membros, escrever a verdadeira história de Rondônia. Na ótica da literatura, até que se pode admitir misturar-se ficção e realidade quando se referir à história de Rondônia, mas a história propriamente dita, a real, verdadeira, escrita por historiadores, precisa ser legítima e retratar a verdade dos fatos; ser um relato do que realmente aconteceu, desde os primórdios de Rondônia. E o interessante é que quando alguém resolve escrever sobre Rondônia, cita as mesmas fontes, sem trazer nada de novo. E aparecem uns que não apresentam autoridade alguma para escrever sobre a história de Rondônia. É lamentável.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características das manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

Não é difícil de se ver que em Rondônia, por ser um Estado novo, surgido de um território federal criado em 1943, transformado em estado em 1981, a literatura é muito tenra e começou a ser manifestada (produzida em Rondônia) a partir da iniciativa de um grupo liderado pela poeta Kléon Maryan, nas décadas de 70/80, principalmente com o surgimento da União Brasileira dos Escritores-Seção Rondônia. Foi a partir daí que escritores e poetas começaram a criar ações que pudessem fomentar e apoiar o desenvolvimento da literatura no Território de Rondônia. Pouco apoio ou nenhuma política havia nos governos (do Território e dos 2 municípios – Guajará-Mirim e Porto Velho). Mas já se produzia literatura em Rondônia. Muitos escritores e poetas já haviam escritos seus livros, faltando,

apenas, publicá-los, o que veio a acontecer por iniciativa própria ou com a ajuda de uma ou outra instituição (prefeitura). Vitor Hugo, por exemplo, foi um dos primeiros escritores que Rondônia teve um de suas mais importantes obras publicadas, qual seja “Desbravadores”.

Esron Menezes também é outro pioneiro na literatura de Rondônia, e conseguiu apoio da prefeitura de Porto Velho para publicar seu livro “Retalhos para a história de Rondônia”.

Mesmo com o surgimento da Universidade Federal de Rondônia e com o aparecimento da Academia de Letras de Rondônia, com a elevação de Rondônia à categoria de Estado, com o surgimento de novos municípios, com o aumento da representação dos representantes de Rondônia no Congresso Nacional, mesmo com a nova organização política e administrativa de Rondônia, a cultura (principalmente a literatura) não avançou. Até hoje poucas são as políticas públicas voltadas para apoiar e fomentar a literatura em Rondônia.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

Ainda não há uma identidade na literatura de Rondônia. Mesmo porque, Rondônia é resultado de uma profunda e heteroclita mistura cultural. E penso que vai demorar a surgir essa identidade. Mesmo porque, a literatura ainda é muito incipiente e são poucas as políticas públicas e as iniciativas privadas em prol desse propósito. O que tem é muita gente escrevendo, querendo apresentar a sua versão sobre a história de Rondônia e muita gente mostrando uma literatura identificada com as suas origens.

Estado onde a maioria de sua população é formada por migrantes, dificilmente ganha uma identidade nativista, genuína, caracterizando a região, Rondônia. Talvez a literatura produzida no Vale do Guaporé e na região do baixo Madeira, com a liderança do poeta Matias Mendes e do escritor Paulo Saldanha, possa ensaiar algo nesse sentido.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Não digo a literatura, mas os livros que escrevem em Rondônia carregam essas influências.

Creio que você se dá conta que existe literatura consolidada em algum lugar, quando essa literatura inspira a 7ª arte, e belas obras cinematográficas são produzidas. Rondônia é um Estado muito aquém daquilo que já devia ser em termos de literatura, por falta de apoio, principalmente. Os governantes atuais, principalmente aqueles que governaram Rondônia após a criação do Estado, pouco têm investido no apoio à criação de uma literatura rondoniense. Rondônia precisa, urgentemente, de uma estrutura governamental capaz de liderar o fomento da literatura, da cultura, para que, através de políticas públicas bem direcionadas, possa surgir no Estado uma identidade cultural, e esta possa se manifestar como

sendo a idiosincrasia cultural (folclore, artes, literatura, música, teatro, cinema...) do povo rondoniense.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra:

Resposta:

Tenho um romance, um livro de contos, um livro infanto-juvenil e outros livros de poesias, nos quais abordo outros aspectos (drama, a relação da criança com a literatura, etc) Com relação à poesia sou dado às crônicas e às cartas amorosas. Adoro falar sobre o amor. O tema saudade tem certa frequência, mas, no conjunto da obra, não é prevalente.

Quanto ao livro de história sobre Rondônia, "Rondônia: de Pedadço em Pedadço, uma História!", resolvi escrevê-lo porque estava indignado com a ausência (até a época em que resolvi escrevê-lo, em 2003) de certos fatos e verdades sobre a história de Rondônia, principalmente relacionados às décadas de 70 e 80, que nenhum historiador ou livro havia ainda contemplado. O livro foi publicado em 2006. Um bom livro para a sociedade e, em especial, para o meio acadêmico de Rondônia, e talvez, para todo o Brasil. O livro aborda um pouco da história da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Discorre, também, sobre a história do sistema de ensino de Rondônia, no período de 1975 a 1985. Narra fatos e acontecimentos ligados à construção do ex Território Federal de Rondônia e sua elevação à categoria de estado da federação. É um livro sobre Rondônia. Está constituído de três partes. A primeira contém informações sobre o Estado de Rondônia, propondo-se a ser um excelente instrumento de consulta para alunos e professores, de todos os níveis de ensino. A segunda parte aborda a história da vida do autor em Rondônia, bem como Rondônia na vida do autor. Por fim, a terceira parte trás informações sobre Rondônia e seus 52 municípios, nos aspectos econômicos, turísticos, sociais e culturais de cada um. É um livro fiel à história de Rondônia, é gostoso de se ler, e traz belas, úteis e importantes informações, que nenhuma outra obra sobre a história de Rondônia já publicada, possui.

O livro "Educação: Análise e Perspectivas", foi lançado em Porto Velho/RO, em 1985. Nele, estão muitas informações, idéias e propostas sobre o fazer educação. Foi adotado, por alguns anos, pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia. Com 70 páginas, o autor, neste livro, faz, também, uma análise acerca da situação educacional no País (na década de 80), principalmente abordando aspectos relacionados à educação em Rondônia. O livro trata de vários assuntos da área educacional e trazia, em si, uma proposta que, segundo o autor, se considerada, seria capaz de evitar perdas existentes no ensino, provocadas, principalmente, pela repetência e evasão escolar, inadequada aplicação dos recursos despreparação do pessoal da área do magistério e falta de organização administrativa, didática e disciplinar nas escolas do sistema de ensino. Por mais que passem o tempo ou o tempo passe, muitas idéias expostas no livro pelo autor estão sobrevivendo.

O livro "Do financiamento da educação no Brasil" é uma abordagem completa sobre a origem e aplicação dos recursos que financiam a educação no Brasil. Foi lançado em 1999, em Fortaleza/CE. A segunda edição saiu em 2002 e já está esgotada nas livrarias. Foi adotado nos cursos de pedagogia das instituições de ensino superior do Ceará. Eis um trabalho técnico-científico importantíssimo para a classe acadêmica, estudantes e dirigentes da educação.

6. Fatos que gostaria de registrar:**Resposta:**

Nossa! Fico muito orgulhoso e feliz ao saber que você escolheu a literatura para desenvolver seu precioso trabalho acadêmico. Este trará uma inenarrável contribuição para o meio acadêmico de Rondônia e para a sociedade rondoniense, de modo geral.

Não sei se tem importância, mas gostaria de informar que prestei muitos anos de serviços ao Território e ao Estado de Rondônia, tendo sido um dos fundadores da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, o primeiro Pró-Reitor Acadêmico da UNIR e o Diretor da instituição que serviu de embrião para a criação da Universidade Federal de Rondônia, o Centro de Ensino Superior de Rondônia-CESUR, mantido pela FUNDACENTRO, instituição da Prefeitura Municipal de Porto Velho.

Exerci os cargos de Sub-secretário de Educação do Território Federal de Rondônia e Secretário de Estado Adjunto da Secretaria Estadual de Educação. Exerci o cargo de Presidente do Conselho Estadual de Cultura e fui membro do Conselho Estadual de Educação de Rondônia. Fui professor da Universidade Federal de Rondônia, presidente da Academia de Letras de Rondônia (membro fundador) e vice-Presidente da União Brasileira dos Escritores- Seção Rondônia.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Marco Antônio Domingues Teixeira

Sexo: (x) M () F

Naturalidade – Cidade: Juiz de Fora Estado: MG

Endereço Postal:

Rua Nova União 376. Setor leste, Vila da Eletronorte. Bairro Nova Floresta, Porto Velho/RO

Endereço Eletrônico: marcoteixeira204@gmail.com

Religião: nenhuma

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Resposta:

há 40 anos

Como veio e por que veio para Rondônia?

Resposta:

Meus país vieram transferidos

2. Formação Acadêmica:

Graduação: Estudos Sociais/UFPA; História/UFPA

Formação complementar: Especialista em História do Brasil/PUC/MG; MESTRE EM História do Brasil/UFPE; Doutor em Ciências Socioambientais/NAEA/UFPA

3. Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

TEIXEIRA, M.A.D. e Fonseca D.R. História Regional – Rondônia. Porto Velho, Rondoniana, 1998.

TEIXEIRA, M.A.D. e Fonseca D.R. Gente de Rondônia. 10 Vols - Curitiba; Dutti Editora, 2010.

TEIXEIRA, M.A.D., ANGENOT, J.P. e Fonseca D.R. Afros e amazônicos, vol1, Porto Velho EDUFRO, 2010.

TEIXEIRA, M.A.D., ANGENOT, J.P. e MUTOMBO, D. Afro-íberoamericanismos de origem banto em Rondônia. Porto Velho EDUFRO, 2010.

TEIXEIRA, M.A.D. e GURGEL do AMARAL, G. Quilombolas de Jesus. Porto Velho EDUFRO, 2010.

TEIXEIRA, M.A.D. Cultura afro-brasileira: nosso patrimônio: As populações da diáspora africana na Amazônia. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2012.

TEIXEIRA, M.A.D. Estudos Regionais - Rondônia: História, Geografia, Cultura e Patrimônio Histórico. Porto Velho, Editora IPRO, 2014.

TEIXEIRA, M.A.D. Beiradão das Visagens. Porto Velho, Editora IPRO, 2014

II PARTE:

1. Na sua opinião, há inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

Sempre existem correlações entre a produção literária e a História de uma sociedade. A produção literária: crônicas, artigos de jornais, poesias, romances são sempre importantes fontes primárias para o estudo da história.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características das manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

A literatura de Rondônia é rica em relatos de viajantes, poesias em diversos momentos e escolas, crônicas, artigos jornalísticos. Toda essa diversidade reflete os momentos de colonização e exploração das terras que formam o estado de Rondônia

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

Total identificação. As obras retratam sempre o momento histórico em que são produzidas e trazem junto consigo tanto a visão da nova terra a ser ocupada e colonizada, quanto parte daquilo que o migrante deixou para trás ao migrar.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Forte influência das regiões de origem, notadamente dos viajantes e exploradores. Forte influência nordestina e nortista (paraense). Tais influências são bem visíveis na produção literária.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra.

Resposta:

Meus trabalhos abordam a história e a cultura da região, dando especial destaque às questões étnicas e socioambientais ou culturais da região, notadamente dos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé.

6. Fatos que gostaria de registrar:

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1 Identificação:

Nome: Dante Ribeiro da Fonseca

Sexo: (X) M () F

Naturalidade – Cidade: Conselheiro Lafaiete Estado: Minas Gerais

Endereço Postal: rua Rio Cauba, 97, Residencial Icarai I, bairro Aponiã, Porto Velho, Rondônia, CEP 76824-010

Endereço Eletrônico: zeliafonseca@brturbo.com.br

Religião: católica

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Resposta:

Há 30 anos

Como veio e por que veio para Rondônia?

Resposta:

Via aérea, em busca de trabalho

2 Formação Acadêmica:

Graduação: História, licenciatura e bacharelado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

Formação complementar: Doutorado em Ciências, Socioambientalismo pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará.

3 Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

TEIXEIRA, Marco Antonio. FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de quilombo de Santo Antonio do Guaporé: identidade e territorialidade adversas. In: ALMEIDA, Francisco Wagner Berno (org.). **Conflitos sociais no complexo Madeira**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA, 2009.

FONSECA, Dante Ribeiro da & ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. **Caderno CPARQH**. Porto Velho: Centro de Pesquisas em Arqueologia e História/Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2014.

FONSECA, Dante Ribeiro da. A pesca na Amazônia: da pré-colônia ao mundo colonial (séculos XVII ao XIX). *Saber Científico* 1(2): 203:223. Porto Velho: Faculdade São Lucas, Ago 2008.

Fonseca, Dante. Planejamento e cidadania: a universidade e o desenvolvimento regional. Caracas: CLAD - Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo; Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública ;noviembre 2001. 10 p; 32 KB. Disponível em <http://www.iiij.derecho.ucr.ac.cr/archivos/documentacion/inv%20otras%20entidades/CLAD/CLAD%20VI/Lista.htm>

FONSECA Dante Ribeiro da. Rondon e o SPI em Guajará-Mirim (RO) na década de 1930. *Anais do centenário do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*. João Pessoa, IHGP, 2005.

FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de História da Amazônia**. Porto Velho: Maia, 2007.

FONSECA, Dante Ribeiro da. **Pesca e abastecimento na colonização da Amazônia**. Belém: 2004. 507 p.. 2 vols. Tese (Doutorado em Ciência: Desenvolvimento Socioambiental) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2004.

FONSECA, Dante Ribeiro da. **Uma cidade à far west**: tradição e modernidade na origem de Porto Velho. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA ESPORTE E

TURISMO. Porto Velho conta sua história. Porto Velho: ABG Gráfica, 1998.

FONSECA, Dante Ribeiro. **A Madeira-Mamoré e o imperialismo na Amazônia**. In: São Paulo: Anais do IV Congresso Brasileiro de História Econômica e da 5ª Conferência Nacional de História das Empresas. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2001.

FONSECA, Dante Ribeiro. Região e História, um problema de conceito: o caso da colonização do Madeira durante o século XIX, **Presença: Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**. Porto Velho, ano V, no. 13, set./98. Universidade Federal de Rondônia/Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental/Centro do Imaginário Social.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; ANGENOT, Jean-Pierre (orgs). **Afros e amazônicos**: estudos sobre o negro na Amazônia. Porto Velho: Edufro, 2010.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & Dante Ribeiro da Fonseca. **As memórias antropológicas do Dr. Ary Tupinambá Penna Pinheiro**. In: Revista Antropológicas. Pós-graduação em Antropologia da UFPE, ano VIII, vol. 7, pp. 103-112. Recife, 1998.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & Dante Ribeiro da Fonseca. **História regional (Rondônia)**. Porto Velho: Rondoniana, 1998.

FONSECA Dante Ribeiro da. **Rondônia: sua história e sua gente**. Curitiba: Base, 2008.

FONSECA, Dante Ribeiro da. História e Ecologia. Aceito para publicação in: Anais do I ENCONTRO DE PESQUISADORES EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 01/09/2004, Porto Velho: Unir, 2004.

SILVA, Renata. M. F. & FONSECA, Dante Ribeiro . A malária na colonização do atual estado de Rondônia: aspectos médicos e históricos. In: GUILHERMANO, Luiz Gustavo et alii. (Org.). **Páginas da História da Medicina**. 1ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, v. , p. 141-150.

FONSECA, Dante Ribeiro da As raízes do sincretismo religioso afro-brasileiro. Revista Língua Viva, Guajará-Mirim/RO, Vol. 2, N. 1, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, Marco Antonio. FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de quilombo de Santo Antonio do Guaporé: identidade e territorialidade adversas. In: ALMEIDA, Francisco Wagner Berno (org.). **Conflitos sociais no complexo Madeira**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA, 2009.

II PARTE:

1 Na sua opinião, há inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique

Resposta:

O processo de formação do Estado de Rondônia foi objeto de produção tanto de historiadores como de literatos. No que tange às obras de ficção e poesia produzidas sobre esse processo, predomina a temática da Madeira-Mamoré, como por exemplo: Madeira-Mamoré, o vagão dos esquecidos de Antônio Cândido e Mad Maria de Marcio Souza, entre outros como As botas do Diabo de Kurt Falkenburger, essa predominância também é encontrada na produção de História e Memória como:

CRAIG, Neville. Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. São Paulo:Brasiliense, Companhia Editora Nacional, 1947.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. A ferrovia do Diabo. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma. São Paulo:Companhia das Letras, 1988.

KRAVIGNY, Frank. The Jungle Route. New York:OrlinTremaine Company, 1940

2. Na sua opinião, quais os significados e as características das manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

As manifestações literárias buscam sempre uma forma de identidade, como a História, em tempos diferentes.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?**Resposta:**

Os ciclos migratória produziram marcas de identidade diferenciadas na região Amazônica porque produziram fenômenos dotados de singularidade. É muito diferente, por exemplo, a constituição do espaço social de Rondônia daquele do Acre, no primeiro Ciclo da Borracha.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia Esses aspectos são evidenciados em suas obras?**Resposta:**

Os ciclos migratórios introduzem novos elementos nas populações amazônicas, imprimindo nas manifestações literárias novas formas de ver os sujeitos da região.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de suas obras.**Resposta:**

Minha obra versa quase que exclusivamente sobre a História da Amazônia, com ênfase em Rondônia.

6. Fatos que gostaria de registrar:

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP

PROJETO DE PESQUISA A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Matias Alves Mendes.

Sexo: (x) M () F

Naturalidade – Forte Príncipe da Beira – Distrito de Costa Marques Estado: RO.

Endereço Postal:

Religião: Católica.

Caso seja de outro estado:

Há quanto tempo reside em Rondônia?

.....

Com veio e por que veio para Rondônia?

.....

2. Formação Acadêmica:

Graduação :.....

Formação complementar:

.....

3. Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

- As emoções e o agreste.
- As musas e o perfil.
- As quimeras e o destino.
- As malvinas do Jamari.
- Síntese da literatura de Rondônia - - Eflúvios da descrença.
- Apologia da negritude.
- A lira do crepúsculo.
- Lendas do Guaporé.

II PARTE:

1. Na sua opinião, há inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

Pode-se dizer que sim, existe, embora de forma difusa, alguma inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia, considerando-se sobretudo que o gênero da prosa na Literatura de Rondônia apresenta expressiva predominância de obras voltadas para a História.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características das manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

Os movimentos que marcaram o desenvolvimento da Literatura de Rondônia tiveram características bem diversificadas, apresentando correntes nativistas e correntes antinativista como o *Madeirismo* e outras correntes menos expressivas.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

Os movimentos migratórios guardam uma relação bem estreita com os sujeitos que podem ser considerados como marcas identitárias e sociais bem presentes na construção da literatura de Rondônia, notadamente em se tratando de ciclos migratórios envolvendo a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, decorrente do primeiro ciclo econômico da exploração da seringa, depois vindo o segundo ciclo da exploração gomífera durante a Segunda Guerra Mundial e posteriormente o ciclo da colonização da década de 1970 até os dias atuais.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Os ciclos migratórios tiveram graus variados de influência no processo de produção da literatura de Rondônia, constituindo sobretudo objeto de pesquisas de vários autores com raízes na região abrangida pelo Estado de Rondônia. Além de focalizar tais aspectos em obras de poesia, ressaltai-os em trechos de livros como *As Malvinas do Jamari*, *Apologia da Negritude* e *Lendas do Guaporé*, bem como em muitos artigos dispersos na imprensa de Rondônia.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra:

Resposta:

No gênero de prosa, os temas mais presentes nos livros que escrevi abrangem aspectos históricos e sociais concernentes à região do Vale do Guaporé. A preservação do meio ambiente foi sempre um dos enfoques frequentes nas obras

de minha autoria, seja na prosa ou na poesia. As questões raciais foram temas dos quais também tratei em diferentes ocasiões. No entanto, expressiva parte de minhas pesquisas na área da História foi dedicada ao período de construção do Real Forte do Príncipe da Beira, incluindo-se descobertas de sítios da época da construção ainda desconhecidos dos historiadores.

Em ***Lendas do Guaporé***, busquei resgatar sobretudo os antigos contos ribeirinhos sobre avistamentos de grandes animais nas águas dos rios, agregando alguns relatos de própria vivência.

6. Fatos que gostaria de registrar.

Resposta:

É oportuno observar que a literatura produzida em Rondônia há mais de duas décadas não tem sido acompanhada muito de perto por estudiosos da matéria. São escassos ainda os ensaios sobre o assunto e há um expressivo número de autores que ainda não aparece no rol da literatura regional, em certos casos pelo fato de alguns autores desenvolverem trabalhos voltados para outras regiões do Brasil. Os trabalhos acadêmicos voltados para a literatura regional são iniciativas de tempos bem recentes.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DINTER-UNIR/UNESP**

PROJETO DE PESQUISA: A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim/RO.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Norma Wimmer.

PESQUISADORA: Auxiliadora dos Santos Pinto.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I PARTE:

1. Identificação:

Nome: Abnael Machado de Lima.

Sexo: (x) M () F

Naturalidade – Cidade: Manaus. Estado: AM.

Endereço Postal:

Rua Rui Barbosa, 691 – Bairro: Arigolândia.

76801-196 – Porto-Velho/RO.

Endereço Eletrônico: gentedepinião@gmail.com – redação@gentedepinião.com.br

Religião: Não a depto de quaisquer credos religiosos. Maçom grau 30.

Caso seja de outro estado, há quanto tempo reside em Rondônia?

Resposta:

Há 80 (oitenta) anos.

Como veio e por que veio para Rondônia?

Resposta:

Trazido por meus pais. Meu pai, empresário de construção civil, veio para Porto-Velho para construções de obras prediais.

2. Formação Acadêmica:

Graduação:

- Estudos sociais – Universidade Federal do rio Grande do Sul.
- Geografia – Universidade Federal do Pará.

Formação complementar:

Pós-graduação:

- Pesquisa e metodologia do Ensino superior – Universidade Federal do Pará.
- Sociologia – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos /MEC. Rio de Janeiro/RJ.

3. Obras publicadas (Favor mencionar a referência bibliográfica completa):

1. Terras de Rondônia: aspectos físicos e humanos do Estado de Rondônia.

Síntese: Geografia física e humana; evolução histórica, econômica, social e cultural; organização política – administrativa; ciclos econômicos. Nações indígenas.
Edições: 1ª Ed. 1969 – Gráfica do IBGE – Rio de Janeiro.

2ª Ed. 1991 – Gráfica Palmares – Porto-Velho/RO.

3ª Ed. 1997 – Gráfica OFF7 – Porto-Velho/RO.

2. Guaporelândia.

Síntese: Obra comemorativa do centenário da construção do Real Forte Príncipe da Beira, História da conquista e colonização do Vale do Rio Guaporé; bandeirantes luso-paulistas; mineração aurífera; escravos africanos, quilombos; 1º ciclo econômico do ouro; criação da capitania do Mato-Grosso e Cuiabá; construção da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade e dos fortes de Conceição e do Real Forte Príncipe da Beira; enfrentamentos bélicos entre portugueses e espanhóis.
Ed. 1991 – Editora Gráfica Parecis – Porto-Velho/RO.

3. Acheegas para a história da Educação no Estado de Rondônia.

Síntese: Trajetória evolutiva da educação e do ensino no espaço geográfico limitado pelo Estado de Rondônia, no período de 1913 a 1993. Instalação das primeiras escolas primárias públicas estaduais e municipais e privadas destacando-se as salesianas.

1ª Ed. 1988 – Editora gráfica da Prefeitura Municipal de Porto-Velho/RO.

2ª Ed. 1993 – Editora gráfica Palmares – Porto-Velho/RO.

4. ABC da constituinte.

Síntese: As constituições brasileiras; advertindo aos cidadãos e cidadãs sobre suas imprescindível participação na elaboração da Carta Magna para o reestabelecimento da plena democracia, correspondente aos anseios da nação e consoante a modernidade.

Gráfica Gênese-Top. Porto-Velho/RO. 1986.

5. Pequeno ensaio sobre as lendas e folclore de Rondônia.

Síntese: Tratado sobre a importância da preservação dos mitos, lendas e credices, curandeirismo, linguagem, sincretismo religioso, elementos atávicos da cultura popular e erudita características de nacionalidade de cada povo.

Ed. 1991 – Gráfica OFF-7 Porto-Velho/RO.

6. Real forte Príncipe da Beira – 236 anos.

Síntese: História da construção da maior fortaleza militar lusitana, construída no século XVIII na margem direita do rio Guaporé. Seus principais protagonistas, seus objetivos explícitos e os ocultos segredos de Estados, políticos militares.

Ed. 2013 – Gráfica Imediata – Porto-Velho/RO.

7. Porto Velho de Guapindaia a Roberto Sobrinho . De 1914 a 2009.

Síntese: História da cidade e do município de Porto-Velho. Origem espontânea do povoado dos brasileiros em 1907, enfrentamento dos seus com os norte-americanos construtores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Ed. 2012 – Gráfica Primor – Porto-Velho/RO.

8. 50 anos da caravana FORD/ São Paulo a Porto-Velho – 28 de dezembro de 1960- Epopéia da Construção de uma Rodovia – BR 364.

Síntese: História da construção da rodovia BR 364, antecedentes, idealizadores, os construtores, a importância estratégica e econômica, eixo de ligação continental do Oceano Atlântico com o Oceano Pacífico.

II PARTE:

1. Na sua opinião, há inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do Estado de Rondônia? Explique.

Resposta:

A literatura é um segmento da cultura, assim sendo, é parte intrínseca da história a exposto em suas formas de externar o comportamento, os conceitos, o pensar, o agir de cada geração, de cada época, na respectiva produção literária. Rondônia não poderia ser diferente.

2. Na sua opinião, quais os significados e as características das manifestações literárias do Estado de Rondônia?

Resposta:

Nas manifestações literárias de Rondônia predomina ainda o telurismo consequente da perene reminiscência do labor e sacrifício dos ancestrais, para conquistarem e imporem a civilização no agreste meio ambiente, arraigado em suas mentes, exteriorizado em suas produções literárias.

3. Na sua opinião, qual é a relação entre os ciclos migratórios e as vozes e marcas identitárias sociais e culturais dos sujeitos amazônicos nas obras literárias rondonienses?

Resposta:

Segundo o historiador, essa questão encontra-se respondida no item 2.

4. Na sua opinião, quais as influências dos ciclos migratórios no processo de produção da literatura de Rondônia. Esses aspectos são evidenciados em suas obras?

Resposta:

Os ciclos migratórios relacionados às respectivas atividades econômicas, a extrativista vegetal (coleta de drogas do sertão) aliada à catequese e ao preamento dos indígenas, no vale do rio Madeira, pelos jesuítas e as bandeiras fluviais luso-paraenses nos séculos XVII e XVIII; extrativismo de ouro pelos bandeirantes luso-paulistas, no vale do Rio Guaporé no século XVIII e início do século XIX, constituindo-se ambos no Ciclo Econômico do Ouro. A extrativista vegetal extração de látex da seringueira, coleta de castanha do Brasil e de outros produtos nativos, em todo o espaço físico atualmente limitado pelo Estado de Rondônia, atividades desempenhadas na segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX e, de 1940 a 1950, denominadas respectivamente 1º e 2º Ciclos Econômicos da Borracha. Seguindo o descobrimento da cassiterita (minério do estanho), em 1958, construção de rodovias inter-estaduais ligando a Região Norte ao resto do país, intensa migração de populações das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste para Rondônia a partir de 1970, localizando-se nos

espaços vazios, nos seringais e nas reservas indígenas, dedicando-se á extração de madeiras, agricultura, pecuária e agroindústria. A fundação de cidades, numerosas vilas e povoados, principalmente nos vales dos rios Ji-Paraná e Jamari, proporcionaram as condições demográficas, econômicas e sociais para a elevação do Território Federal de Rondônia à categoria de Estado. Esses trezentos e quarenta e seis anos de fatos históricos não são evidenciados com destaque nas tramas literárias dos romances, crônicas e poesias dos literatos de Rondônia, com exceção de meus livros cujos conteúdos são relativos a essa epopéia.

5. Fale sobre os temas e os aspectos composicionais de sua obra.

Resposta:

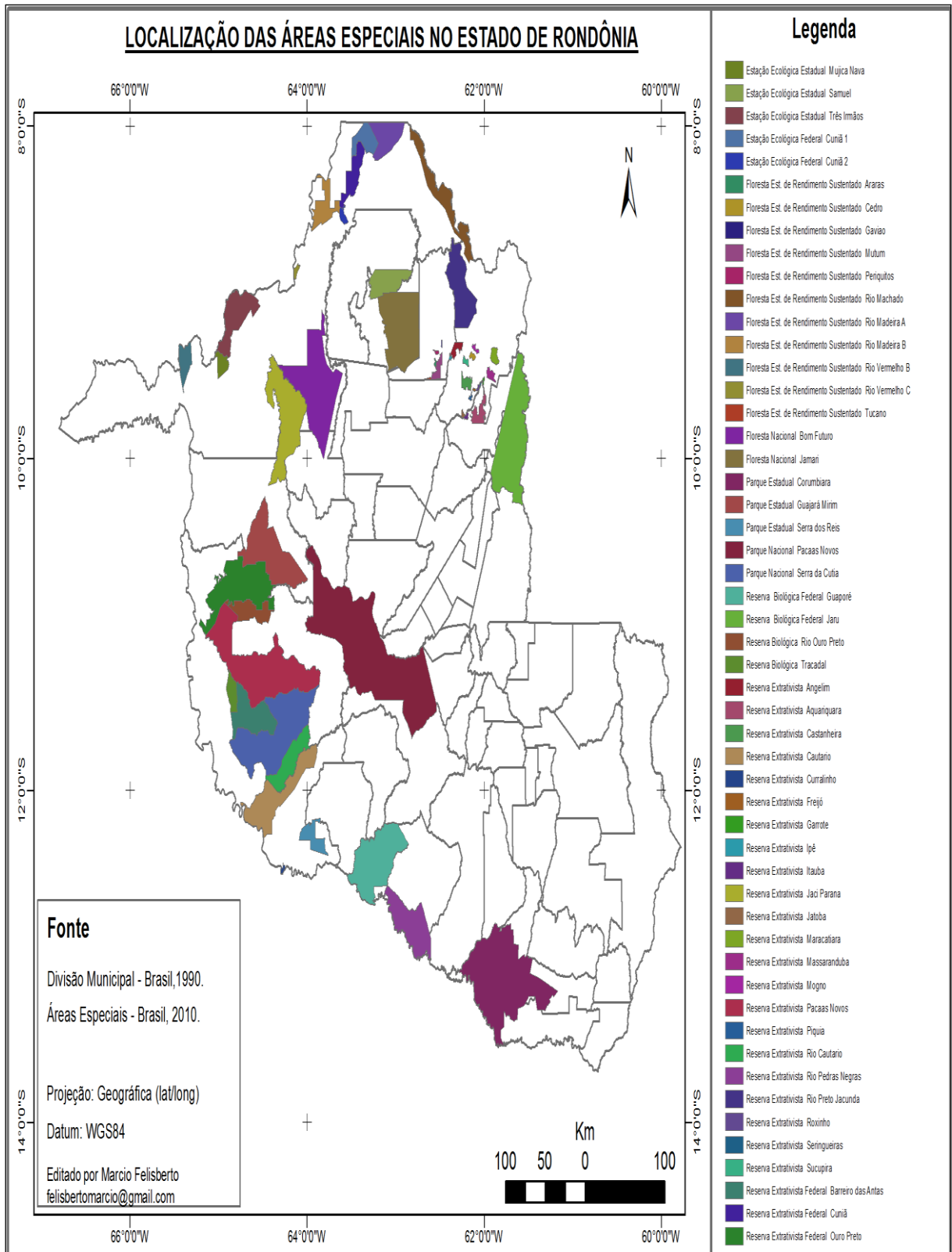
Os aspectos composicionais de minhas obras, encontram-se explicitados no item 3, na síntese dos conteúdos dos livros publicados.

6. Fatos que gostaria de registrar:

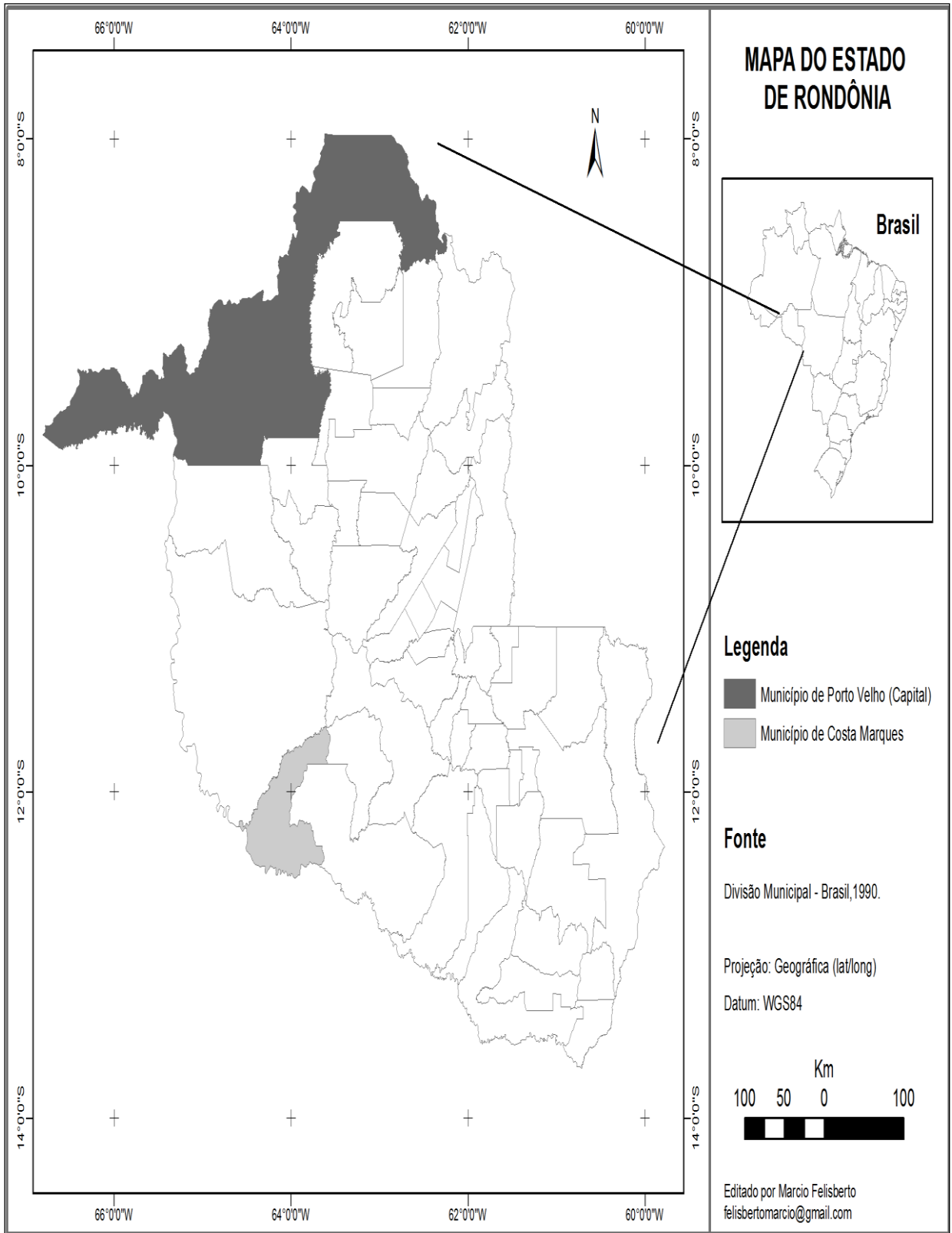
Resposta:

O crescimento evolutivo das atividades culturais, as edições de obras literárias, a fundação de academias de letras, as realizações de conferências, de simpósios estaduais e internacionais, apresentações de peças teatrais de criação e apresentações por artistas locais, da mesma forma peças-cinematográficas, exposição de pinturas artísticas, festivais musicais e de dança clássica e folclore. Construção de teatros e espaços culturais. A partir da década de 1980, continuando em expansão.

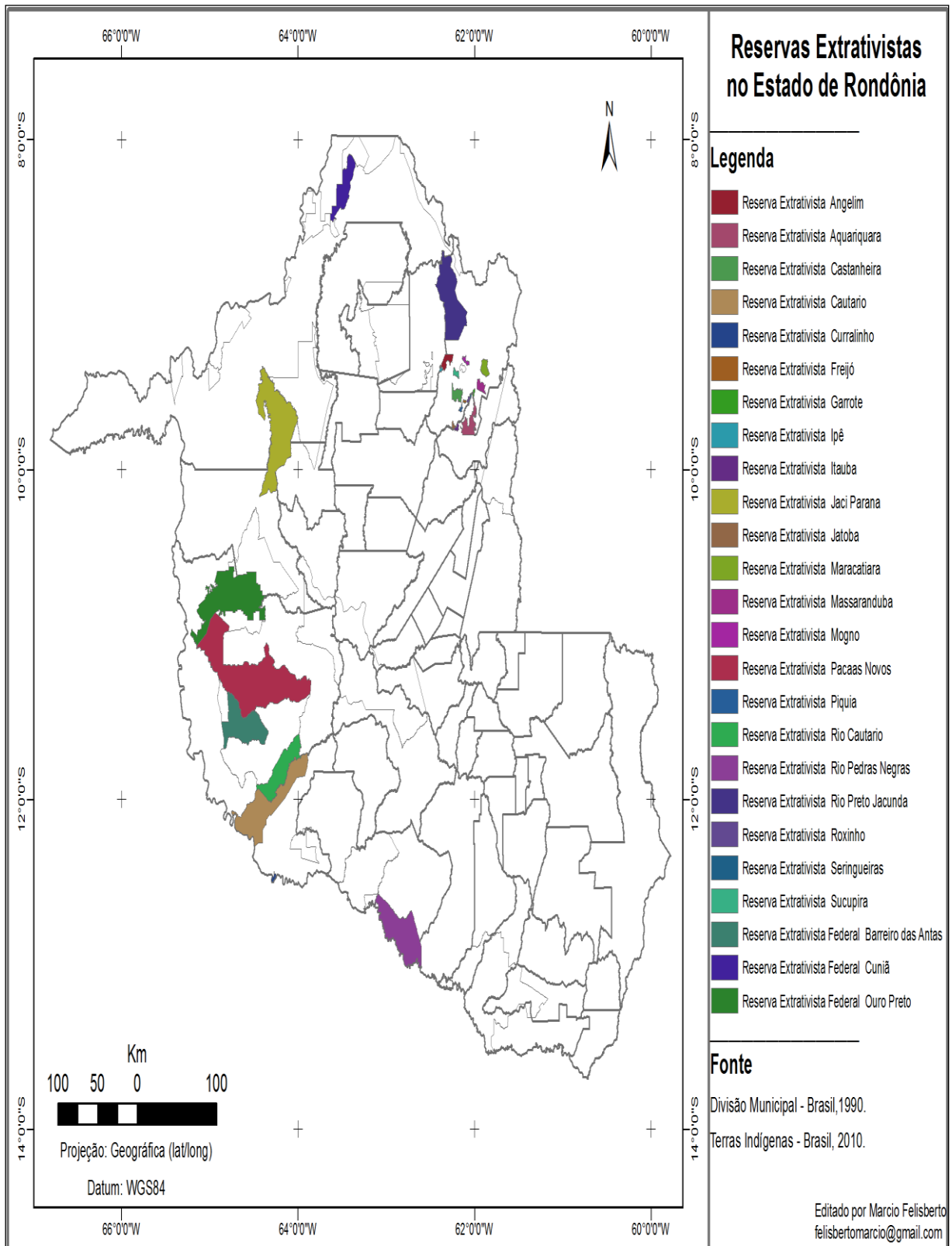
ANEXO I



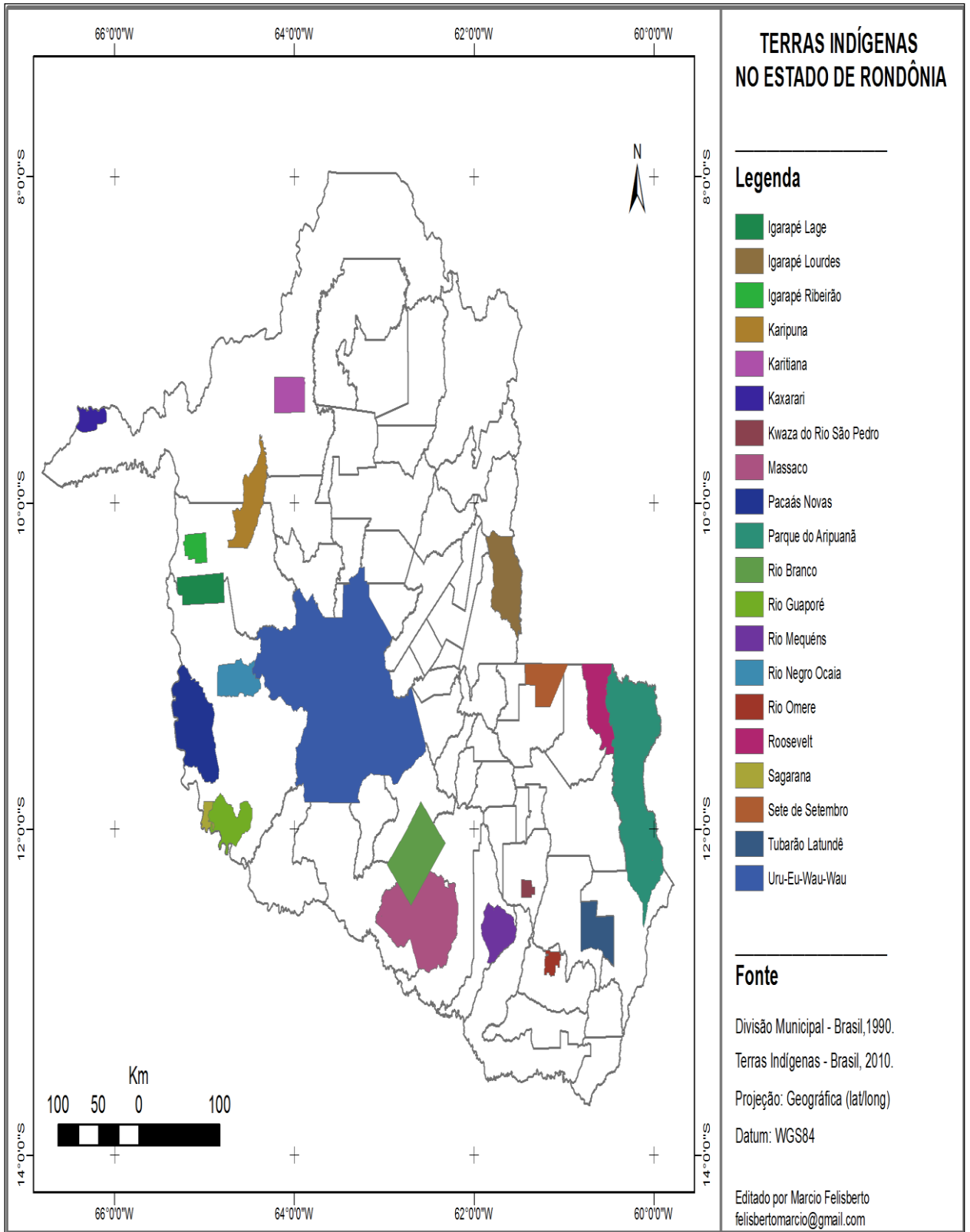
ANEXO II



ANEXO III



ANEXO IV



ANEXO V

SITUAÇÃO DOS ÍNDIOS CARIPUNAS NO ANO DE 2000.

De acordo com pesquisa realizada pelo historiador e escritor Antônio Cândido da Silva, em dezembro de 2000, no local do antigo seringal Panorama, em uma área indígena de 195.000ha de superfície, interdita pela Portaria PP1095/88, de 06.09.88, com uma precária assistência governamental, viviam alguns dos últimos índios Karipunas e, a esperança remota, de que ainda exista algum grupo isolado vagando sem destino na imensidão da floresta.

CASAS	FILHOS	
	MISTIÇOS	KARIPUNA
Aripan Rita (Índia n/Karipuna)	-	-
Batiti Lene One Paula (n/Índia)	Daveca-í (Erick) Aron-gá (Railander)	
Kaipu Maria Luíza (Índia Arara)	-	-
Toberrinha Marido n/Índio	Ariane Erisson Tabüt	
Katiká Manoel (Uru-Eu-Wau-Wau)	Andressa	
Paturi Marido n/Índio	Raissa	
Abaguju (Falecido) Tangare-i (Adriano) Katiká		Tangare-i (Adriano) Bacaê
ALDEADOS	NÃO ALDEADOS	
Aripan Batiti Katiká Daveca-í (Erick) Aron-gá (Railander) Andressa Tabüt (José Carlos) Tangare-í (Adriano) Bacaê (André)	Kaipu – Mora em Ji-Paraná - RO Toberrinha - Mora em Porto Velho-RO Paturi - Mora em Itapoã do Oeste-RO.	
NÃO KARIPUNA ALDEADOS		
Eduardo – Tupinambá Manoel Pinto - Parintintin		

ANEXO VI

